

REVISTA  
INTERNACIONAL  
do  
MOVIMENTO  
COMUNISTA  
**3**

**Em lingua portuguesa**

**1991**

Essa revista é realizada conjuntamente, em escala internacional e em várias línguas, por diversos componentes do movimento comunista.

O grupo Comunismo (México), Comunismo ou Civilização (Alemanha, Brasil, Espanha, França), União Proletária (França, Japão), Kamunist Kranti (Índia), reuniram suas forças para favorecer a difusão das posições gerais do programa comunista, polarizar a expressão do movimento comunista e reforçar a unidade dos revolucionários frente aos ataques dos Estados capitalistas.

Essa utilização comum dos meios (edição de uma revista comum, intercâmbio de traduções, rede comum de difusão, etc) não implica a priori nenhuma reaproximação política entre os componentes que participam deste esforço comum.

A única base comum imperativamente exigida para poder participar dessa cooperação é a defesa incondicional das posições gerais do comunismo:

- Reivindicação da tradição do comunismo desde o "Manifesto do Partido Comunista" de 1848 até às esquerdas da III Internacional.

- Necessidade da atividade política autônoma do proletariado e de sua reconstituição em partido comunistas em escala mundial.

- Derrubada da burguesia. Necessidade da ditadura do proletariado, fase de transição política que permite a instauração do comunismo.

- Reivindicação do comunismo, que assiste ao desaparecimento das classes, do trabalho assalariado e, com ele, do valor e demais categorias mercantis.

- Recusa de todos os falsos imediatismos: stalinismos, trotskysmo e todas as formas do esquerdismo.

Essa apresentação é ao mesmo tempo um apelo permanente para que todos aqueles que se situam nas mesmas posições juntem-se a esse trabalho coletivo para a emancipação do proletariado.

Grupo Comunismo  
Comunismo ou Civilização  
União Proletária  
Kamunist Kranti

## SUMÁRIO

<b>Comunismo ou Civilização</b>	<b>4</b>
<b>Comunismo</b>	<b>53</b>
<b>Kamunist Kranti</b>	<b>75</b>
<b>L'Union Prolétarienne</b>	<b>83</b>

**COMUNISMO  
OU  
CIVILIZAÇÃO**

**COMUNISMO OU CIVILIZAÇÃO pela  
INVARIÂNCIA da teoria do proletariado.**

- Defendida na Liga dos Comunistas (Manifesto do Partido Comunista – 1848); na AIT (obra do Conselho Geral de Londres dirigido por Marx); quando da Comuna; na Segunda Internacional; contra a degenerescência e falência desta (Esquerda socialista na Alemanha, Bolcheviques, Esquerda Socialista na Itália – Fração Abstencionista).
  
- Que triunfa na Rússia em 1917 e internacionalmente:  
Moscou 1919: fundação da terceira Internacional;  
Livorno 1921: fundação do Partido Comunista da Itália: ruptura com a democracia.
  
- Defendida pela Esquerda Comunista contra a degenerescência de Moscou; contra a União Sagrada na resistência ao fascismo.
  
- Que deve ser restaurada, assim como o Partido Comunista – órgão da classe proletária – fora de todo democratismo, carreirismo, individualismo, contra o imediatismo e contra toda dúvida revisionista quanto à doutrina.
  
- O objetivo de “Comunismo ou Civilização” é a re-formação do Partido Comunista.

"O comunismo é a VERDADEIRA solução do antagonismo entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem, a verdadeira solução do conflito entre a objetivação e a afirmação de si, entre a liberdade e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie. Ele é o enigma resolvido da história e tem consciência disto." (Marx, 1844)

"A civilização e a justiça da ordem burguesa mostram-se sob sua face sinistra cada vez que os escravos desta ordem levantam-se contra seus mestres. Então, esta civilização e esta justiça desmascaram-se como a selvageria sem máscara e a violência sem lei. Cada nova crise da luta de classes entre o apropriador e o produtor faz ressaltar este fato com maior impacto. As atrocidades dos burgueses em junho de 1848 desaparecem por si mesmas diante da indizível infâmia de 1871. O heróico espírito de sacrifício, com o qual a população de Paris – homens, mulheres e crianças – combateu durante dias após a entrada dos versalheses, reflete tanto a grandeza de sua causa, quanto as glórias infernais da soldadesca refletem o espírito inato desta civilização de que são os mercenários e os defensores. Gloriosa civilização, certamente, cujo grande problema é saber como livrar-se das pilhas de cadáveres que ela produziu, uma vez encerrada a batalha." (Marx, "A Guerra Civil na França 1871")

"O determinismo, na sua acepção mais acabada, nada tem a ver com a passividade. Ele mostra apenas que o homem age antes de querer agir e quer antes de saber por que quer, seu cérebro sendo ainda o menos seguro de seus órgãos. Assim, o melhor uso que um grupo de homens pode fazer de seu cérebro é ainda o de prever o momento histórico em que (portanto, nada a ver com a passividade) ele será catapultado no turbilhão da ação e da luta – pela primeira vez com a cabeça à frente – ." (Diálogo com os mortos, 1857)

## INTRODUÇÃO

Na introdução ao texto de Comunismo ou Civilização no número 2 da Revista Internacional do Movimento Comunista (RIMC – 1989), em língua portuguesa, anunciamos que a partir de 1990 a periodicidade da revista passaria a ser semestral. Infelizmente, a relação de forças desfavorável não nos permitiu alcançar este objetivo e a RIMC, em língua portuguesa, segue com periodicidade anual e com um atraso de 1 ano e 6 meses.

Após quase 4 anos de existência (o primeiro número da RIMC nas edições francesa, brasileira e alemã, saiu em 1988, o número 1 em espanhol, em 1989) podemos ressaltar que:

- textos de grupos comunistas de vários países puderam tornar-se acessíveis aos revolucionários de línguas francesa, portuguesa, espanhola e alemã;

- a rede de difusão pode ser melhor estruturada, permitindo um melhor controle de difusão;

- paralelamente, estreitaram-se os contactos entre os diversos participantes, desembocando em discussões que poderão em parte orientar-se para uma colaboração em alguns trabalhos teóricos de fundo.

Tudo isso é, ao mesmo tempo, pouco e muito. Pouco, em vista das eternas solicitações ativistas que sempre querem colocar a carroça na frente dos bois. Mas nós, Comunismo ou Civilização, sempre apresentamos tal iniciativa visando erguer este "pouco".

Muito, porque, pela primeira vez criou-se um embrião de unidade real em um terreno concreto, para reunir algumas forças revolucionárias.

Fomos bastante criticados pela maneira de caracterizarmos como "técnica" a presente reunião de forças. Quer se tratasse de correspondências ou de artigos na imprensa revolucionária, ou ainda de discussões, este vocábulo sofreu críticas que vão desde ser ele confuso (não há técnica sem política), até oportunista (haveria por detrás disso intenções inconfessáveis). De fato, empregamos – e continuamos empregando – tal vocábulo porque desconfiamos como da peste dos fazedores de "política" que querem de todas as maneiras reagrupar tudo sem princípios, que clamam à unidade mas se esquivam diante da primeira proposição concreta.

Sempre dissemos e repetimos (a ruminação catequética, tão cara a Bordiga) que a unidade real do movimento revolucionário só será possível:

- 1) Na base de uma compreensão comum coletiva do programa comunista, que deve ser restaurado na sua totalidade;

2) Em ligação com um movimento revolucionário real que nascerá das entranhas da sociedade e não da cabeça de alguns "revolucionários", e por ocasião de uma crise catastrófica do modo de produção capitalista (mas não mecanicamente).

As duas condições estão intrinsecamente ligadas de maneira dialética.

Esperando por isso, e na ausência de uma vontade real de discussão aprofundada sobre O PROGRAMA (referência: MARX-ENGELS), fora da estreiteza e das políticas de seita, há um domínio no qual a unidade é possível e eficaz: o domínio da ação concreta em comum, onde ela é possível e desejável, principalmente na reunião dos meios materiais de difusão das posições revolucionárias. Alguns, que assinam esta revista, viram isso desde o início. Outros juntaram-se a nós.

Pensamos que trata-se de um movimento importante, dentro dos limites que ele próprio se estabelece e, sem prejudicar o futuro, convocamos todos os componentes do meio revolucionário que desejam reforçar estes laços segundo a convocação publicada na página de rosto da revista.

A presente edição de Comunismo ou Civilização constitui-se na sua oitava aparição em língua portuguesa e apresenta dois textos:

- Reflexões sobre o Curso do Modo de Produção Capitalista no Leste.
- Breve Histórico do Movimento da Classe Proletária na área Euro-Norte-Americana, das Origens aos Dias de Hoje: Da Comuna à Fundação da Segunda Internacional (1871-1889).

O primeiro texto fornece algumas reflexões preliminares, redigidas no início de 1990, na falta de um estudo mais amplo que necessita ser feito sobre os problemas práticos colocados ao movimento revolucionário pela aceleração do curso do MPC no Leste.

O segundo dá continuidade ao estudo do movimento da classe proletária, iniciado no número 4 da edição em língua portuguesa, na revista "Comunismo ou Civilização". A continuação desse estudo, dedicada ao movimento operário na Inglaterra, será publicado no número 4 da edição em português da "Revista Internacional do Movimento Comunista", prevista para fevereiro de 1993.

(Fevereiro de 1992)

(Esta revista é publicada em francês, alemão, espanhol e português. Nem todos os grupos participantes da revista internacional têm condições de realizar publicações em todas as línguas. Portanto, por razões diversas, certas edições – ou certos números durante o ano – não conterão, sistematicamente, textos de cada um dos participantes).

**COMUNISMO OU CIVILIZAÇÃO pela  
INVARIÂNCIA da teoria do proletariado.**

- Defendida na Liga dos Comunistas (Manifesto do Partido Comunista – 1848); na AIT (obra do Conselho Geral de Londres dirigido por Marx); quando da Comuna; na Segunda Internacional; contra a degenerescência e falência desta (Esquerda socialista na Alemanha, Bolcheviques, Esquerda Socialista na Itália – Fração Abstencionista).
  
- Que triunfa na Rússia em 1917 e internacionalmente:  
Moscou 1919: fundação da terceira Internacional;  
Livorno 1921: fundação do Partido Comunista da Itália: ruptura com a democracia.
  
- Defendida pela Esquerda Comunista contra a degenerescência de Moscou; contra a União Sagrada na resistência ao fascismo.
  
- Que deve ser restaurada, assim como o Partido Comunista – órgão da classe proletária – fora de todo democratismo, carreirismo, individualismo, contra o imediatismo e contra toda dúvida revisionista quanto à doutrina.
  
- O objetivo de “Comunismo ou Civilização” é a re-formação do Partido Comunista.

"O comunismo é a VERDADEIRA solução do antagonismo entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem, a verdadeira solução do conflito entre a objetivação e a afirmação de si, entre a liberdade e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie. Ele é o enigma resolvido da história e tem consciência disto." (Marx, 1844)

"A civilização e a justiça da ordem burguesa mostram-se sob sua face sinistra cada vez que os escravos desta ordem levantam-se contra seus mestres. Então, esta civilização e esta justiça desmascaram-se como a selvageria sem máscara e a violência sem lei. Cada nova crise da luta de classes entre o apropriador e o produtor faz ressaltar este fato com maior impacto. As atrocidades dos burgueses em junho de 1848 desaparecem por si mesmas diante da indizível infâmia de 1871. O heróico espírito de sacrifício, com o qual a população de Paris – homens, mulheres e crianças – combateu durante dias após a entrada dos versalheses, reflete tanto a grandeza de sua causa, quanto as glórias infernais da soldadesca refletem o espírito inato desta civilização de que são os mercenários e os defensores. Gloriosa civilização, certamente, cujo grande problema é saber como livrar-se das pilhas de cadáveres que ela produziu, uma vez encerrada a batalha." (Marx, "A Guerra Civil na França 1871")

"O determinismo, na sua acepção mais acabada, nada tem a ver com a passividade. Ele mostra apenas que o homem age antes de querer agir e quer antes de saber por que quer, seu cérebro sendo ainda o menos seguro de seus órgãos. Assim, o melhor uso que um grupo de homens pode fazer de seu cérebro é ainda o de prever o momento histórico em que (portanto, nada a ver com a passividade) ele será catapultado no turbilhão da ação e da luta – pela primeira vez com a cabeça à frente – ." (Diálogo com os mortos, 1857)

## REFLEXÕES SOBRE O CURSO DO MPC NO LESTE <sup>1</sup>

O curso do modo de produção capitalista no Leste há alguns anos, e principalmente desde sua aceleração em 1989, coloca para o movimento revolucionário uma série de problemas práticos que caberá à obra teórica deste último (quando ela existir) tentar resolver.

A importância histórica dos acontecimentos em marcha decorre inicialmente de sua localização geográfica: dos Balcãs à Alemanha, passando pela Rússia, os países que hoje estão às voltas com a febre das "mudanças democráticas", mas também com um movimento social de grande amplitude, são todos locais que foram, pelo menos durante os dois últimos séculos, barris de pólvora de guerras, movimentos nacionais e revoluções... Independentemente do caráter momentaneamente democrático do movimento, o simples fato de um movimento de massa atingir essas zonas européias, e não apenas os países periféricos como vinha sendo o caso há 50 anos, é um sinal importante.

No que diz respeito ao bloco do Leste, este seria inevitavelmente levado a arrancar suas máscaras e a conformar suas estruturas políticas e econômicas às do MPC abertamente desenvolvido. As formas nas quais se desenrolava a acumulação do capital desde os anos 1920 na URSS e desde 1945 nos países do Leste esgotaram sua função. Dado que elas se apresentavam sob a máscara do socialismo, este só poderia sucumbir. A situação de crise aguda das economias destes países exige "remédios" draconianos que devem declarar seu nome e dificilmente podem se apresentar como remédios "socialistas". Neste sentido, e semelhantemente à China na primavera de 1989, o recurso à democracia política é antes de tudo o sinal de uma normalização das regras econômicas rumo a uma maior conformidade à sua natureza capitalista. A democracia é a expressão política naturalmente mais favorável ao capital: liberdade de circulação dos capitais e das mercadorias; igualdade dos capitalistas na concorrência pela repartição da mais-valia; fraternidade dos exploradores na sua dominação do proletariado. É preciso lembrar aqui, como o salientaram inúmeras vezes Marx e Engels, que a democracia é ao mesmo tempo o terreno mais favorável à expressão e ao desenvolvimento da luta de classes.

Diante desses fatos provenientes do Leste que se apresentam quase diariamente, seria difícil falar de uma simples "troca de comando" ou de uma mudança de equipe, etc. Há, incontestavelmente, um movimento de massa autônomo diante do qual dobram-se os governos e os Estados. Além disso, as "reformas" às quais devem atrelar-se as novas equipes nada mais são do que o arrefecimento das estruturas estatais e produtivas no sentido de sua melhor adequação ao modelo capitalista. Ou seja, uma transição de choque, que não pode se realizar sem imensas perturbações sociais, cujos movimentos em andamento são indubitavelmente apenas as premissas. Resta saber se essas perturbações favorecem ou não o comunismo.

Com efeito, poderiam existir três vias históricas possíveis:

---

<sup>1</sup> Texto escrito em Fevereiro de 1990 para a RIMC número 5, em língua francesa.

1/ Livrando-se dos trapos do marxismo e assumindo claramente os rumos dos grandes irmãos do Ocidente (economia de mercado, abandono do planejamento, liberalismo econômico, etc), os países do Leste conseguem reconstruir suas economias arruinadas e conhecer uma fase de expansão. Secundada por uma espécie de plano "Marshall", que daria às economias do Ocidente um balão de oxigênio apreciável, essa hipótese permitira ao capital mundial adiar mais uma vez sua crise e significaria uma prorrogação da contra-revolução por vários anos, ou mesmo décadas.

2/ Os países do Leste não saem de sua crise, mas as perturbações sociais que forçosamente acompanham esse tipo de situação histórica são canalizadas num sentido nacionalista e guerreiro. O proletariado desses países deixa-se alistar num movimento imperialista cujo resultado só poderia ser uma violenta conflagração entre Estados a nível europeu, e portanto mundial logo depois. Aqui, coloca-se o problema crucial das minorias e nacionalidades e da modificação das fronteiras herdadas do pós-guerra, sob a impulsão de movimentos nacionais. Essa hipótese é ainda mais desfavorável ao proletariado que a primeira.

3/ Finalmente, o movimento das massas, iniciado sob a égide do hino à democracia, deixa evidentemente em suspenso a "questão social". Aparecem então as ondas de desemprego, altas de preços, diversas e variadas medidas anti-operárias, tendo como pano de fundo permanente lojas vazias e a repressão comandada pelos antigos organismos de Estado, reciclados pela democracia. O movimento conhece então um transpassamento através de profundas lutas operárias (como a dos mineiros siberianos em julho de 90) generalizadas, capazes de organizar um verdadeiro movimento proletário, e isso simultaneamente em vários países. Se, além disso, esse movimento coincide com o estouro de uma nova crise cíclica do MPC nos anos 90 em escala mundial, e que esta provoca lutas no Ocidente, é possível que ocorra uma junção. Qualquer que seja o caso (e também se o movimento histórico enveredar por uma dessas possibilidades), o movimento comunista deve desde já confrontar suas análises teóricas a um movimento cujas manifestação não havia previsto.

Examinaremos aqui sucintamente o alcance do movimento ora em curso em dois Estados da zona do Leste: Rússia e RDA. Na ausência de um estudo aprofundado, que precisas ser feito, isso assumirá essencialmente a forma de uma rememoração das posições clássicas de nossa corrente, procurando mostrar que, mesmo se a forma do movimento atual não foi prevista, seu fundo estava inscrito no curso histórico lógico das coisas.

## RÚSSIA

Na sua época, a Esquerda Comunista da Itália recusou-se a considerar que a questão russa constituía um enigma, no sentido de que a compreensão do curso histórico nessa área teria precisado levar em consideração fatos novos não previstos pela teoria comunista. Do mesmo modo, ela não fazia do estalinismo e da URSS o centro da contra-revolução, que ela situava nos Estados Unidos. Esse trabalho programático de restauração da teoria comunista, que teve de enfrentar solicitações ativistas incessantes no seio do Partido Comunista Internacional, ficou consignado nos seguintes textos: "Quarenta anos de uma avaliação orgânica dos acontecimentos da Rússia no dramático desenvolvimento social e histórico

internacional"; "Diálogo com os mortos" (1957), "Rússia e revolução na teoria marxista", e principalmente no monumental "Estrutura econômica e social da Rússia de hoje", obra infelizmente permanecida ainda em grande parte inédita em francês.

A respeito da URSS, a Esquerda salientava dois erros a serem absolutamente evitados, notadamente contra seus adversários imediatistas, no período decisivo de 1951, que assistiu à cisão no Partido Comunista Internacional.

Primeiro erro: superestimar o fator ideológico, supondo que o confisco pela Rússia estalinista dos temas do marxismo e da revolução de outubro faziam dela a ponta de lança da contra-revolução. A consequência disso teria sido trabalhar essencialmente para resolver "o enigma russo" e desmistificá-lo em relação ao proletariado.

"O centro da contra-revolução não podia ser a Rússia, mas os Estados Unidos. Dizer que era a primeira ainda significava aceitar a tese de que a opinião domina o mundo, que a consciência precede a ação. Com efeito, para os defensores dessa tese, o maior obstáculo à revolução é a mistificação de Moscou. Se esta caísse, ter-se-ia a revolução. Ora, é o fenômeno revolucionário que destrói a máscara. Este depende da crise econômica, e enfim a revolução só pode se desenvolver com alguma chance de sucesso se atingir os Estados Unidos." ( Invariance # 6, Tese 2.3.9)

O segundo erro consistia em assimilar pura e simplesmente URSS e Estados Unidos, a pretexto de estigmatizar o caráter capitalista da primeira. Assim, esquecia-se que, para a URSS, tratava-se de um capitalismo jovem, nascido do traumatismo de uma revolução proletária e que se ancorava rapidamente no corpo de uma sociedade fortemente atrasada. Portanto, qualquer que fosse o caso, as duas sociedades não se encontravam simultaneamente no mesmo estado de evolução desse modo de produção e assim seu ritmo de evolução não poderia ser o mesmo. Caso contrário, caía-se numa visão mecanicista e anti-dialética do desenvolvimento histórico.

"1956, no XX Congresso, é o abandono definitivo de qualquer vínculo com a revolução, donde a resposta: "Diálogo com os mortos". A Rússia encerrou sua fase capitalista revolucionária: ela chega com força no mercado mundial e prega a teoria da coexistência pacífica. Não é por causa disso que a URSS é exatamente a mesma coisa que os Estados Unidos. A questão da identidade desses dois países foi colocada no início dos anos 50. A resposta a essa pergunta poderia ter consequências consideráveis. Donde a necessidade de precisar:

- as disposições das classes numa sociedade que objetivamente ainda tem uma ação revolucionária a cumprir não são as mesmas que aquelas que vivem no seio de uma sociedade absolutamente madura para uma outra forma social". (Invariance # 6, Tese 2.3.9)

De fato, como sublinhava dez anos depois Invariance, o debate de 1951 e sua clara resolução por parte de Bordiga, não bastou para preservar o reagrupamento dos revolucionários de uma polarização sobre o caso "russo" e seu enigma. Enquanto em 1953 considerava-se a questão encerrada e que doravante era necessário voltar-se para o estudo

da revolução pura, da qual a Comuna de Paris constituía o único exemplo histórico vivo, nos anos seguintes a tônica foi novamente colocada sobre o estudo da Rússia.

"Com efeito, muitos camaradas consideram a Rússia como um enigma, ainda que não para eles mesmos mas para os outros. Era preciso decifrá-lo a fim de poder encontrar ressonância junto ao proletariado. Ainda tratava-se de colocar essa questão no centro das preocupações. Numa primeira fase, foi possível resistir às suas solicitações e o movimento abordou inicialmente os "Fatores de raça e nação na teoria marxista", a questão agrária, o estudo teórico da economia e sua fenomenologia "Vulcanismo da produção ou pântano do mercado"; mas a partir do final de 1954, e durante três anos, todos os esforços se concentraram sobre a Rússia. O estudo teórico das questões fundamentais: mistificação democrática, questão filosófica, desenvolvimento do capitalismo, história do movimento comunista mundial foram escamoteadas e o movimento contentou-se de sua solução do enigma russo, constantemente repetida desde então. O partido comunista internacional também acabou englobado no imediato." (Invariance # 6, Tese 2.3.12)

Acrescentaremos aqui, a título de um breve parêntese, que vinte anos depois o conjunto dessas questões cruciais continua não encontrando no movimento revolucionário quem o assuma globalmente. De nossa parte, é sobre um plano de trabalho semelhante que Comunismo ou Civilização se constitui e pretende prosseguir seu esforço enquanto órgão comunista.

Enquanto a propaganda estalinista oficial demonstrava a "construção do socialismo" com estatísticas comprovando a decolada da economia russa, a Esquerda utilizava o programa comunista para mostrar que isso era perfeitamente normal, pois tratava-se de uma economia capitalista jovem, que conhecia – como fora o caso de toda a Europa e dos Estados Unidos – importantes taxas de crescimento. Nos anos 1960, o Brasil e o Japão conheceram idênticas taxas de crescimento, sem que ninguém precisasse classificá-los de "países socialistas".

"Demonstramos longamente que o aumento da produção, tanto na sua massa como em seu ritmos anuais, não era uma prova de socialismo. No entanto, não podemos nos alegrar se a URSS não consegue alcançar os Estados Unidos. Ao contrário, pois um resultado como esse teria produzido uma inegável conseqüência revolucionária a curto prazo, implicando a crise do sistema capitalista: guerra ou revolução. Ademais, a URSS no mesmo estado que os Estados Unidos significa que o comunismo também está prisioneiro da sociedade capitalista da área eslava, portanto proximidade imediata da sociedade comunista." (Invariance #6, Tese 2.3.13)

Não examinaremos aqui a questão sob o ângulo imediato da relação EUA/URSS, mas notaremos o seguinte:

- Desde meados dos anos 50, e notadamente após o XX Congresso do PCUS, a Esquerda Comunista da Itália notava que a URSS era qualitativamente totalmente

capitalista, porém quantitativamente bastante subdesenvolvida em relação aos Estados Unidos. Donde o diagnóstico de um curso capitalista revolucionário no Leste.

- Ao mesmo tempo, ela previa que a recuperação quantitativa da URSS em relação aos Estados Unidos, isto é, que o aprofundamento da fase de submissão real do trabalho ao capital teria conseqüências revolucionárias. Notadamente no fato de que haveria um fechamento completo do mercado mundial, realização de um ciclo qualitativamente revolucionário do capital em toda a metade Leste do planeta.

Com efeito, independentemente da noção de "recuperação", que não pode ser compreendida de maneira puramente mecânica, era evidente que a plena passagem da sociedade soviética ao estado do capitalismo mais desenvolvido não poderia ocorrer sem uma crise profunda, como é o caso, pelo jogo dialético das leis da evolução, como diria Engels, de todas as metamorfoses sociais importantes.

Nos anos 1950, a Esquerda recordava não apenas que a URSS não era comunista, mas inclusive que jamais havia conhecido um grama sequer de socialismo. Em "Estrutura econômica e social da Rússia de hoje", Bordiga lembra a situação desastrosa da economia russa herdada pelos bolcheviques. No plano industrial, não havia mais NADA. Portanto, nenhum aparelho de produção a socializar. Se a revolução havia realizado o fato jurídico de expropriar as antigas classes dominantes, isso não correspondia a nenhum fato econômico pois nada restava a expropriar.

"O fato jurídico de remeter ao Estado canteiros de obras e estabelecimentos vazios e parados, anulando o direito dos burgueses fugidos ou mortos, é um ato revolucionário necessário, mas falta-lhe seu conteúdo econômico quando se trata de uma produção cujo ciclo e lucro foram rompidos."

Era impossível, nessas condições, realizar a menor parcela de socialismo e Lênin sabia disso perfeitamente, ele que esperava, segundo o esquema clássico de Marx e Engels, o sopro de oxigênio da revolução no Ocidente (Alemanha).

A posição de Trotsky e da Esquerda russa, após a morte de Lênin, era de forçar a industrialização a taxas de 16 a 18% ao ano, posição criticada por Stalin, que acabou endossando-a pouco depois.

Isso, em Trotsky, para construir as premissas industriais do socialismo.

Pois, como acentua Bordiga, o socialismo é desacumulação e desinvestimento. É por isso que nossa corrente sempre foi contra a expressão estalinista de "construção do socialismo". A missão do proletariado é derrubar o capitalismo para liberar o comunismo que este carrega em suas entranhas.

"Se houver uma acumulação no socialismo, ela se apresentará como uma acumulação de objetos materiais úteis às necessidades humanas, e estes não precisarão aparecer alternativamente como moeda, nem sofrer a aplicação de um "moedômetro" que permita medi-los e compará-los segundo em "equivalente geral".

Portanto, estes objetos não serão mais mercadorias e só serão definidos por sua medida quantitativa física e por sua natureza qualitativa, o que é expresso nos economistas, e também em Marx, com um objetivo de apresentação, por valor de uso.

Pode-se estabelecer que os ritmos da acumulação no socialismo, medidos em quantidades materiais como toneladas de aço ou quilowatts de energia, serão lentos e pouco superiores ao ritmo de crescimento da população. Relativamente às sociedades capitalistas maduras, o planejamento racional do consumo em quantidade e qualidade e a abolição da enorme massa de consumos anti-sociais (do cigarro ao porta-aviões) determinará provavelmente um longo período de queda dos índices de produção e, portanto, se retomarmos antigos termos, um desinvestimento e uma desacumulação."<sup>2</sup>

Assim, tomando 1913 como ponto de partida, o crescimento da produção entre 1920 e 1927 realiza-se a taxas de 30% ao ano em média. Mas isso está ligado à fragilidade do valor absoluto de partida. De 7 a 10, a relação é de 43%, mas 10 ainda é irrisório em termos capitalistas.

O objetivo da demonstração de Bordiga é mostrar que de 1920 a 1927, ou seja, 7 anos sem plano, a produção aumentou 800%, passando do índice 7 ao índice 63. Em suma, 37% ao ano.

Com o plano, tem-se um decréscimo permanente da taxa, o que nada mais é do que o ritmo normal da industrialização para qualquer país.

---

<sup>2</sup> Esse aspecto importante da previsão das medidas de transição a serem tomadas para destruir o capitalismo, deve constituir um elemento primordial na reflexão e no trabalho dos revolucionários. É neste sentido que Bordiga, assim como Marx, utilizava todo o trabalho de crítica da realidade capitalista como um momento da afirmação e da descrição do comunismo.

"Permitiremo-nos um outro cálculo ainda mais hipotético. Suponhamos que a classe operária tome o poder numa situação do tipo da de 1929, ou seja: 14 400 de matérias-primas para trabalhar, 352 de mão-de-obra e 648 de lucros, isto é, 15 400 de produto total.

E então ... os operários lêem Marx e utilizam a "força produtiva aumentada do capital reduzindo simplesmente a duração do trabalho vivo". Um decreto do Comitê revolucionário reduz energeticamente a produção para 10 000 (será preciso fazer cortes sombrios, veremos nessa hora! Pensem apenas que não haverá mais eleições presidenciais ou outras!) Dessa soma, o trabalhador subtrairá não apenas o lucro (carregado de impostos e de serviços gerais), mas uma pequena parte, digamos 500, para somá-la aos seus 352 de salários. A subtração geral que efetuaremos para a conservação das instalações públicas e mesmo para as administrações do Estado será nitidamente superior aos 648 dos capitalistas eliminados, digamos 700. Feitas as contas, temos 8 800 de matérias-primas em vez de 14 400 e se o número de operários permanecer o mesmo, a jornada de trabalho de cada um é reduzida em 62%, ou seja, ela passa de 8 para 5 horas aproximadamente. Já é um grande passo à frente! Se calculássemos ainda a remuneração horária, veríamos que a aumentamos de 120%, ou seja, de 45 para 100.

Ainda não seria o socialismo, mas já corresponderia a uma lei inversa à do capitalismo: a diminuição do esforço humano tornada possível pelo crescimento da produtividade do trabalho, seja mantendo-se a produção em um nível constante, seja depois da eliminação dos sangrentos ornamentos com os quais o capitalismo enfeita seu trono, retomando o crescimento conforme uma curva suave, num ritmo humano e harmonioso." (Diálogo com Stálin)

O plano não é em si uma característica do socialismo, a partir do momento em que ele "organiza" uma economia puramente mercantil e na qual reina plenamente a lei do valor. No entanto, como dizia a Esquerda, o comunismo é o "conhecimento de um plano de vida para a espécie humana", o que significa que na base de uma economia comunitária em escala planetária, liberada do valor e do mercantilismo, a espécie se organiza para planejar não apenas sua sobrevivência, mas também seu desenvolvimento.

Lênin queria industrializar para poder defender militarmente o poder político. A verdadeira industrialização da URSS num sentido socialista só podia ocorrer num contexto internacional e utilizando as reservas dos países industriais vizinhos.

Com efeito, a decolagem da economia russa após as terríveis destruições da guerra imperialista e da guerra civil permitiu pelo menos durante 50 anos que a URSS conhecesse um ciclo de crescimento que escapava mais ou menos às flutuações da economia capitalista mundial. Fora resultados desastrosos na agricultura (1932/34), a URSS pode assim escapar à crise de 1929.

No entanto, o ciclo da economia soviética, com a diminuição natural das taxas de acumulação própria às economias capitalistas que envelhecem, alinha-se ao ciclo mundial da economia capitalista. Se em 1975, comparativamente ao Ocidente, a economia russa resiste bem, em 1982 destaca-se o "crescimento zero", última grande crise cíclica que afetou a produção mundial. Doravante, as crises atingirão cada vez mais nitidamente e simultaneamente o Ocidente e o Oriente, com todas as conseqüências sociais que isso implica.

Após ter examinado nos números a desaceleração no que se refere ao montante físico da produção industrial, a Esquerda verifica essa tese em relação ao investimento de dinheiro em capital produtivo.

Segundo cálculos da Esquerda, nos anos 50/60, os investimentos não estatais respondiam por 5% do total e previa-se seu aumento. Atualmente, devem representar cerca de 10%; o objetivo dos reformadores é aproximá-los de 50/60% nos próximos anos.

"A grande acumulação capitalista de Estado, como de resto aliás em todos os países modernos, é uma grande tigela de café com leite nacional, ideal para banhar o pão com manteiga do lucro privado em todos os pontos de suas bordas desmesuradas."

"Na Rússia (como aparece nos números oficiais), toda a economia não é obra do Estado e o mesmo ocorre com os investimentos. Na agricultura, sabemos que existem os Kolkhozes; eles trabalham com seu próprio capital, distribuindo parte dele aos camponeses associados e reinvestido outra parte; também há empresas familiares que fazem o que bem entendem com seu produto, escapando até à lei mercantil que quer que tudo, ao menos por um momento, figure em rublos. Finalmente, as empresas industriais têm seu próprio orçamento e praticam um investimento interno que figura no plano mas não aparece no balanço das receitas e despesas do Estado empreendedor, do Estado operador, do Estado investidor." (Estrutura econômica e social...)

Paralelamente, a intervenção do Estado na economia é um fenômeno geral no capital, igualmente no Ocidente, e previsto de longa data pelo marxismo.

"O movimento cíclico do capital que, na doutrina marxista, é desde a origem definido como um fato social em relação às formas históricas de ciclos privados da riqueza, torna-se cada vez mais um ciclo público. (...)

O socialismo é tudo que se quiser, porém não a integração de toda a economia no Estado; de qualquer modo, mesmo na Rússia, a economia de Estado ocupa um campo menor que aquele do conjunto da economia que, lá também, é denominado em uma fórmula equivocada de "economia nacional". O Estado e o partido no governo tentam provar que controlam-na totalmente, quando sequer conseguem fazer seu levantamento global."

A natureza capitalista da URSS e dos países do Leste não é um fenômeno recente, e as correntes fiéis ao espírito do programa comunista sempre insistiram no fato de que o conjunto das categorias econômicas vigentes na URSS: salariado, troca mercantil, lei do valor, etc era o sinal de sua indiscutível pertinência ao campo capitalista.

Do ponto de vista de Lênin ou de Trotsky, a reativação dessas categorias após a revolução de 17 e a guerra civil era vista como um mal necessário, único meio de resistir durante algum tempo, no aguardo de que o curso revolucionário viesse jogar na balança o peso de países suficientemente industrializados como a Alemanha. A NEP era o produto de uma relação de forças desfavorável à revolução, mas em nenhum caso teria ocorrido a Lênin apresentá-la como um avanço rumo ao socialismo, ao contrário.

Toda a história da economia soviética desde os anos 20 é a do reforço dessas categorias capitalistas e de um alinhamento crescente desse país à economia capitalista. Este foi o grande "mérito" de Stalin: operar uma política (e que outra política poderia alguém fazer nessas circunstâncias históricas) capitalista; simplesmente esta se realizava sob a máscara falsificada do socialismo. Mesmo assim, a pressão dos fatos era tanta que Stalin era obrigado a tingir seu "socialismo" de ideologia burguesa: reconhecimento da lei do valor, etc. Stalin representa assim uma primeira etapa no abandono "oficial" da doutrina comunista, porém demasiadamente camuflado para não precisar ser decifrado por uma minoria de revolucionários: este é o trabalho que a Esquerda realizou nos anos 50.

"A homenagem que, apesar de um bando de cretinos, rendemos ao "Grande Stalin" responde justamente a esse processo de acumulação capitalista inicial. Se verdadeiramente este atingir as províncias da imensa China, o misterioso Tibet e essa fabulosa Ásia Central da qual saiu o tronco europeu, será um fato revolucionário, um fato que fará andar para frente a roda da história, mas que, longe de ser socialista, será ao contrário um fato capitalista. A elevação do nível das forças produtivas nessa imensa parte do planeta é necessária; mas Stalin tem razão quando diz que o mérito não cabe a ele mas às leis econômicas que lhe impõem esta "política". Todo seu empreendimento consiste numa falsificação de rótulos que faz passar uma mercadoria capitalista sob a apelação de socialismo e que é, ela também um expediente clássico dos agentes da acumulação primitiva." (Diálogo com Stalin, 1953)

Em toda a história da Rússia capitalista, houve o afrontamento de duas tendências: uma que procurava acelerar o reconhecimento oficial do curso e das categorias capitalistas vigentes; outra que encarnava a continuidade do Estado que prega o status quo. Com efeito, uma organização social baseada em uma forte intervenção do Estado gera uma camada de funcionários, dirigentes de empresas, pequenos e médios burocratas em todos os escalões, que tiram partido e vantagens da perenidade do sistema. Bordiga caracterizava essa classe não como uma nova classe, que a teoria marxista não teria previsto, mas como uma fração da burguesia capitalista mundial. É evidentemente essa fração do Estado russo que defende o centralismo, a planificação, o dirigismo, etc. As lutas entre as duas frações conheceram vários episódios a partir dos anos 30, e é evidente que a fração "modernista" encarna muito melhor a lógica do capitalismo desenvolvido. Isso não impede que, até hoje, as veleidades de mudança na direção do aparelho produtivo e do Estado (no plano econômico e político) tenham-se chocado contra o peso das realidades.

Ao mesmo tempo em que continuava a avançar sob a máscara do "socialismo", este era efetivamente o papel de Stalin, e depois de Krouchtchev, ou seja, promover a adequação da doutrina oficial com a realidade dos fatos. Mesmo na linguagem do anti-imperialismo, por exemplo, a teoria da "emulação" com o Ocidente mostrava que se estava situado na via mais puramente capitalista (como diz Bordiga, só é possível estar em concorrência dentro de um mesmo sistema. O comunismo não se coloca como "concorrente" do capitalismo, ele o destrói).

No entanto, como já dissemos, também teria sido totalmente incorreto traçar uma mera linha de equivalência entre a URSS e os Estados Unidos e considerar que – já que a questão estava resolvida – nada havia a esperar da evolução dos acontecimentos na prática.<sup>3</sup>

Ao contrário, a URSS precisava recuperar todo um atraso histórico para poder situar-se no nível alcançado pelas demais grandes potências capitalistas. É assim que ela o atingisse, todo o equilíbrio inter-imperialista mundial seria recolocado em questão.

Hoje, o principal compromisso histórico ao qual se vê confrontada a URSS (e portanto todos os países satélites) é varrer todo o entulho do "plano", do "controle da lei do valor", etc para generalizar abertamente as categorias do MPC e defendê-las desavergonhadamente, sem se ocultar atrás dos trapos do marxismo, declarado ultrapassado.

No entanto, se esse movimento é relativamente rápido e fácil nos países satélites onde o "comunismo" foi pura e simplesmente abandonado, às vezes pela conquista imperialista (donde o caráter inevitavelmente nacionalista assumido pelo movimento nessas zonas, e mesmo dentro da própria URSS – cf. os países bálticos), ele é muito mais difícil e repleto de conseqüências na URSS, onde o capitalismo desenvolveu-se como um enxerto numa revolução proletária que ele abortou. Não existe referência a uma outra forma

---

<sup>3</sup> Como o faz a "Esquerda Comunista", do PCI, na sua última edição de dezembro de 1989, assimilando a crise atual no Leste a uma pura e simples crise de superprodução, análoga às do Ocidente. A especificidade histórica do capitalismo na Rússia é aqui negada, contrariamente aos ensinamentos da Esquerda.

capitalista anterior, por exemplo, que poderia ser retomada. Ou, mais precisamente, o movimento de desenvolvimento do MPC nos anos 1890 (Stolypine) também apelava – como na Prússia sob Bismarck, na França sob Napoleão III – para o Estado e o desenvolvimento da indústria pesada. Os principais traços da economia russa depois dos anos 1920 já estavam incluídos na política dos ministros iluminados do Czar do fim do século XIX. Em contrapartida, as formas modernas do desenvolvimento do MPC eram, evidentemente, desconhecidas.

No mundo inteiro a Esquerda e a direita do capital entenderam-se durante sete décadas sobre um fato: havia comunismo, ou socialismo na URSS. Isso não será questionado pelos interessados. Pois – ao mesmo tempo em que se pronuncia a morte definitiva do comunismo – é bem mais produtivo poder conservar o espantinho que será assimilado sem qualquer vergonha ao fascismo. É por isso que a Esquerda da Itália errava ao prever a "confissão" da natureza capitalista da URSS por parte de seus dirigentes. Por razões políticas, será necessário preservar a ficção de que aí o comunismo realmente existiu e que aí viveu sua agonia. Deste ponto de vista, a queda da mistificação da URSS não é forçosamente em si um elemento suficiente para os revolucionários, na medida em que ela abre espaço para uma mistificação bem mais perniciosa e eficaz: a mistificação democrática.

Donde o recurso à metáfora social-democrata, único meio de se declarar capitalista sem vender ostensivamente de maneira muito rápida os "direitos dos trabalhadores", o que acarretaria uma imediata e vigorosa reação da classe operária. (Essa força da social-democracia também mostra de passagem a que ponto o capital integrou em si o reformismo e só pode sobreviver sob um invólucro "social-democrata", que ele conserva mesmo quando as equipes no poder praticam políticas liberais).

Atualmente, tem-se na URSS a seguinte situação, bastante contraditória: os "reformistas" (ou seja, os capitalistas modernistas) só podem cumprir sua tarefa (não voluntária, mas aquela à qual são irremediavelmente levados) atacando frontalmente a classe operária. Donde o interesse da velha guarda burocrática (os estalinistas) em relação a esta última, à qual se dirigem de modo demagógico, pretendendo apoiá-la na preservação de suas "conquistas". No entanto, qualquer tentativa de manipular o proletariado com greves ou outros meios, enquanto fatores de agitação política contra Gorbatchev, significa manipular uma bomba de efeito retardado. Pois se o proletariado russo retomar o caminho da luta de classes, não será para defender suas "vantagens adquiridas" – que seriam questionadas numa gestão liberal – mas, acima disso, para defender seus interesses de classe contra um regime de exploração, qualquer que seja este. Todas as frações da classe dominante é que estarão então ameaçadas. Deste ponto de vista, como em todo o esquema clássico defendido por Marx e Engels há um século na Europa, a forma democrática do Estado é o terreno mais favorável sobre o qual pode se desenvolver a luta de classes. Mas num primeiro momento – que pode ser demorado – isso implicará que o proletariado agirá enquanto classe mobilizada, cooptada, e não como ator autônomo.

Para a Esquerda, a marcha revolucionária do capitalismo na URSS termina nos anos 1950. No entanto, as conseqüências sobre as próprias formas de organização do capital ainda estavam amplamente por vir. Desde os anos 1960, o capital na URSS possui a

imperiosa necessidade de generalizar modernas formas de gestão, produção, circulação, etc. Ora, a cada momento, as "reformas" necessárias são bloqueadas. Atualmente, os gorbatchevianos ainda estão na metade do caminho, o que é toda a contradição, pois não podem realizar uma política de tipo capitalista liberal clássico sem fazer explodir todo o edifício social. Algumas correntes forçam-nos a isso, outros porém gostariam de poder adiar no tempo as medidas necessárias que serão drásticas.

## ALEMANHA

Ao longo de nossos trabalhos sobre o "Breve histórico do movimento operário", tivemos ocasião de evocar a "questão alemã", mostrando que esta ocupava uma posição central na doutrina comunista. Salientamos também que, através da partição da Alemanha em dois Estados, essa questão ainda não estava resolvida no século XX.

Os últimos episódios militares da Segunda Guerra Mundial, depois do resultado definitivamente favorável ao campo russo-americano, ganharam ares de uma corrida de velocidade para o domínio dos territórios que iriam delimitar a influência ulterior dos dois campos. A rivalidade no terreno era necessária enquanto preliminar à negociação. Enquanto os americanos penetravam rapidamente na Europa Ocidental bombardeando tudo que encontravam pela frente, os russos avançavam de leste a oeste para penetrar o mais longe possível nos territórios poloneses e alemães e anexá-los ao máximo. Não sem interromper momentaneamente o avanço perante Varsóvia insurreta, onde o exército vermelho assistiu de braços cruzados ao massacre realizado pelos nazistas. Do mesmo modo que o exército prussiano havia deixado os Versalheses esmagar os partidários da Comuna e como mais tarde Clémenceau autorizou as tropas do Kaiser a conservar suas armas para sufocar a revolta Spartakista. São serviços que a burguesia presta reciprocamente. Conhecendo o ódio anti-russo dos poloneses, era preferível para o exército vermelho deixar o trabalho sujo para os alemães e penetrar numa capital arrasada. Assim como na insurreição do gueto dois anos antes, os operários estavam na vanguarda do combate em Varsóvia.

A junção dos dois campos imperialistas realizou-se em Berlin, centro histórico do Império alemão e pulmão da Europa durante quase um século, e principalmente palco, após a Primeira Guerra Mundial, da maior revolta operária no Ocidente desde a Comuna de Paris. Berlin foi imediatamente colocada sob o jugo dos exércitos de ocupação e o próprio território alemão foi dividido em duas zonas. Os aliados visavam assim punir a Alemanha, num reflexo racista anti-germânico que fazia dos alemães o povo maldito da Europa, três vezes causador da guerra em menos de um século e duas vezes derrotado. Assim, as burguesias vingavam-se principalmente do medo que lhes havia provocado a expansão a grande nação alemã pela primeira vez unificada sob a égide do Reich, e de terem sido tratadas como colonizadas pelos nazistas (cf. Invariance). Para os Estados Unidos, tratava-se de estabelecer definitivamente seu domínio sobre a Europa e, dentre as pequenas nações que compõem esse continente dividido, sem unidade política nem econômica, apenas a Alemanha constituía um adversário de certa envergadura. A burguesia americana elaborou planos mirabolantes, com o banqueiro Morgenthau propondo notadamente dismantelar toda a indústria alemã, a fim de evitar o rearmamento e de dedicar o território alemão à criação de ovelhas para que tivesse um povo de pastores, pacífico por definição. Quanto ao

imbecil do Roosevelt, pretendia que todos os alemães comessem apenas sopa, já que a ingestão de carne tornaria-os belicosos.

De maneira talvez mais inconsciente, tratava-se também de conjurar o espectro da revolução spartakista de 1918-19 e de afastar o espetáculo de soldados e proletários armados insurgindo-se sob a égide da bandeira vermelha, que precisaria ser retomada pela força às tropas de ocupação soviética. A partição da Alemanha, sua ocupação militar pelas forças aliadas a Oeste e soviéticas a Leste constituem a pedra de toque do novo edifício que consagra a repartição imperialista da segunda guerra. Esta anunciava-se desde já como uma paz armada, a paz burguesa nada mais sendo do que a intervenção momentânea de hostilidades entre Estados para permitir a cada um conduzir vitoriosamente sua guerra de classe na exploração contra o proletariado.

"Depois da segunda guerra, os Aliados do Leste e do Oeste concordaram todos com um ponto: não abandonar a Alemanha a si mesma, mas mantê-la ocupada com uma estreita rede de guarnições armadas. Portanto, dividiram-na em duas partes, atribuindo a cada pedaço uma autonomia bastante relativa, sem falar de que no Leste deram fragmentos de seu território à Polônia e à Rússia, deixando o resto para o tratado de paz. Berlin, a capital, permaneceu inteiramente na zona Leste – já que os exércitos russos haviam progredido mais longe rumo a Oeste do que os ocidentais a Leste – e tomou-se a seu respeito outra solução genial: a cidade foi dividida em duas partes, em vez de quatro, já que os setores francês, inglês e americano eram apenas um, mas o resto ficou trancado na Alemanha do Leste, que tornou-se mais tarde a República Democrática Alemã, fundada pelos russos. Essa medida, tomada de comum acordo entre russos e americanos, está precisamente dirigida contra o perigo da revolução proletária que se abriga nas grandes metrópoles." (Programma Comunista, # 12, 25 de junho 1953)

As razões pelas quais essa ordem se recompõe hoje segundo outras linhas ainda não estão forçosamente muito claras. O que parece certo desde já é que o movimento rumo à reunificação alemã, que se pensava seria uma tarefa que o proletariado internacional realizaria de passagem<sup>4</sup> na sua próxima revolução, ocorrerá sob a égide burguesa alemã e internacional.

Assim, ressurgirá um certo número de "questões esquecidas" da história: a da liderança alemã na concorrência européia contra os Estados Unidos e as nações da Ásia (ou, essa liderança, admitindo-se que ela tenha pretendido se impor, sempre se fez pela força das armas...); a da Polônia, cujas fronteiras mudaram várias vezes em dois séculos e que estaria agora novamente sob ameaça direta de um movimento chovinista "grão-alemão"; enfim, a de Berlin, capital da revolução (previsão central da Esquerda) e do papel essencial do proletariado alemão em qualquer recomposição do movimento comunista em escala internacional.

---

<sup>4</sup> Um pouquinho como Engels dizia que os operários alemães fariam "sua" república em 24 horas, no rastro do movimento social, em resposta ao argumento chovinista dos socialistas franceses, que viam na "sua" república um sinal de superioridade sobre o movimento alemão.

Esse papel central foi destacado pela Esquerda em 1953, por ocasião dos tumultos de Berlim cuja origem residia no aumento de 10% das "normas de trabalho". Esse movimento, essencialmente operário e portanto dirigido diretamente contra a exploração, foi desviado num sentido democrático antes de ser esmagado pelo exército "vermelho". A esse respeito, a Esquerda escrevia na época o seguinte:

"Pode-se – sem pecar por otimismo – presumir que se está lidando com um proletariado que está perfeitamente em condições de enxergar além da simples relação de remuneração por uma pena de trabalho maior ou menor e de lucro menor para a empresa, ou – o que dá na mesma – um menor rendimento do que as "normas" de produção impostas. Trata-se de operários alemães, e não é de ontem que eles entraram no turbilhão infernal do capitalismo. Eles têm atrás de si uma longa e rica história, não apenas de reivindicações econômicas e sindicais, mas de vida intensa de possantes organizações, com uma tradição de partido, de ideologia e de doutrina política, que estão fincadas já há décadas e décadas e estão centradas sobre os postulados sociais confirmados de sua classe e da aspiração a uma sociedade oposta à do salariado e do mercado." (programma Comunista, idem)

"... o que nos impressiona, a nós, é que essa magnífica vaga de classe contra a fome e a opressão de fábrica possa desembocar numa apologia da indústria capitalista! A culpa e a responsabilidade disso cabem inteiramente aos Cominformistas degenerado com sua afirmação estúpida de que o comunismo é uma mistura de ordem mercantil e de administração estatal negociosa que castiga em todas as vacilantes economias da Europa central e oriental – numa orgia de colaboração de teorias falsificadas, de besteiras técnicas e de ladroeira administrativa.

É bem possível que operários providos de conhecimentos profissionais e gerais tão elevados como os dos alemães tenham captado como a subtração exorbitante de trabalho não pago pressiona o trabalho vivo atual, e que essa pressão depende da subtração de território em benefício do Estado russo, que embolsa uma massa de bens produzidos que se eleva a milhares de bilhões. Nessas condições, um dos aparelhos tecnicamente mais avançados do mundo, já que localmente ele seria capaz de alimentar a população com uma soma limitada de horas de trabalho, garantindo simultaneamente um consumo maior do que a "próspera" América, torna-se uma máquina de superexploração mais feroz e impiedosa que aquela que funciona nas estepes semi-asiáticas, onde se investe pela primeira vez, a partir de zero, bens de produção que movimentam milhares e milhares de horas de trabalho, isto é, nos quais é objetivada uma enorme massa de sangue e de carne humana." (idem)

No entanto, acrescenta Bordiga, teria sido mais difícil para os operários berlinenses chegar à consciência porque, ainda que tivessem garantido para si uma vitória militar contra as tropas russas e os policiais do leste alemão, teriam imediatamente que enfrentar os aliados que tudo teriam feito para abafar o incendiar de uma fogueira revolucionária em pleno coração da Europa oito anos depois do fim da guerra.

A seguir, com uma lucidez que vale ainda hoje, a Esquerda inquieta-se do fato de que o proletariado do leste alemão seja tão pouco consciente desse perigo que ele balança de fato numa espécie de filo-ocidentalismo temperado com o molho dos direitos humanos.

"A campanha por "eleições livres", que arrumaria tudo, vai no mesmo sentido. Ademais, tudo indica que os primeiros núcleos da luta anti-russa e anti-stalinista teriam tendido a se tornar núcleos de luta filo-ocidental, isto é, armas nas mãos da propaganda americana, tanto que todos os passos à frente teriam se tornado passos para trás – nada podendo ser encontrado, no âmbito de uma cidade ou de um país, de mais contra-revolucionário que a organização do polvo americano.

A via justa é portanto difícil, e ela não pode ser breve sem que seja fácil prever que ela desemboque no jogo do Pentágono ou do Fort Knox, ou seja, no pilar da ordem histórica que é bem mais potente que o Kremlin."

O que está em jogo, e que ultrapassa a própria Alemanha, é evidentemente a partilha de influências entre os dois grandes senhores da contra-revolução.

"No campo oposto, o problema do mundo atual para todos é organizar a Europa, o ponto central da última guerra imperialista, que por sua vez está condicionado pela unidade alemã. Entre os dois adversários americanos e russos armados até os dentes, a luta só consiste em roubar do outro esse objetivo, pouco ligando para sua declaração comum sobre a Europa e o mundo, que concordariam perfeitamente desde que o Estado, a nação e – por que não? – a raça alemã fosse despedaçada.

No entanto, o problema da unidade alemã aparece e torna-se incandescente na lareira da Berlin dividida, onde cada um dos imperialismos gostaria de um aparelho estatal único, que controlaria a Alemanha e toda a constelação dos Estados europeus, mas permaneceria obviamente sob seu controle." (idem)

"Se o proletariado da grande Berlin, tão potente em quantidade e qualidade, resolvesse por uma insurreição o problema da organização da Europa, isso só poderia ocorrer com o programa – teórico, organizacional, político e militar para constituir uma comuna de Berlin numa guerra civil contra os exércitos provenientes do leste e do oeste. Seria portanto a comuna de toda a Berlin, isto é, a ditadura operária na Alemanha, na Europa, com a revolução mundial." (idem)

"Derrotada uma segunda vez, a Alemanha ainda não teve um segundo Versalhes, mas pior ainda. Os vencedores dividiram-na em duas zonas de ocupação que formaram dois Estados separados, sem corredores entre os dois trapos de território. São portanto dois extremos que se encontram – e Berlin está dividida em dois setores.

O que se coloca agora é o problema da paz. Com que podem os vencedores de 1945 estipulá-la? Podem juntar os dois pedaços em um único Estado, e depois irem embora para assinar mais tarde um tratado com seu governo? Isso jamais ocorrerá, pois isso é impossível. Só seria possível se o capitalismo não fosse imperialista, a liberdade democrática e parlamentar um impasse monstruoso – como o sabe o marxismo há mais de um século – a roubalheira mais desavergonhada." (idem)

Ora, 45 anos depois do fim oficial do conflito, nenhum tratado de paz foi assinado e a Alemanha do Leste e do Oeste continuam ocupadas por seus "aliados". A tendência, até 1989, tinha sido de separação cada vez mais nítida dos dois territórios (1949: criação dos dois Estados alemães; 1955: acesso da RDA à soberania; 1961: construção do muro de

Berlin; 1973: ingresso dos dois Estados na ONU ). Mas, ao mesmo tempo em que a RDA e a RFA constituíam-se cada uma em um Estado distinto e separado, as duas instâncias políticas multiplicavam os contatos e os acordos de intercâmbio, comerciais e outros. O terreno está hoje portanto largamente preparado para uma rápida reunificação.

A Esquerda evocava então três soluções, que interessa examinar à luz dos acontecimentos atuais:

1/ Anexação pura e simples de cada uma das duas partes por um dos dois campos, à qual sucederia uma guerra mundial. Isso é possível, diz a Esquerda, mas a situação não está madura. Em contrapartida: "O que isso teria de bom, é que o "maldito" povo alemão, combatendo nos dois lados do front, não poderia mais ser acusado pela terceira vez de ser o Caim da civilização moderna."

2/ Sublevação de todo o povo alemão numa "guerra nacional" contra os opressores do Leste e do Oeste. "Isso poderia tornar-se uma palavra de ordem de batalha, caso fique evidente que nem a América nem a Rússia querem a unificação, e portanto a Paz com a Alemanha unida, pois não terão qualquer interesse em concluir sequer dois tratados separados de paz."

Em 1953, ainda era legítimo colocar a questão. Mesmo se a Esquerda previa claramente que nem russos nem americanos desejavam a reunificação. De fato, também não houve paz em separado, mas reforço recíproco de cada um dos dois imperialismos sobre seu pedaço de Alemanha, tanto por intermédio das relações econômicas quanto políticas e militares (OTAN e Pacto de Varsóvia).

3/ A terceira possibilidade é a mais favorável à revolução, mas também a "mais árdua". Trata-se de uma guerra civil "nas duas Alemanhas contra as administrações governamentais russas e americanas, isto é, uma retomada de classe do proletariado e da grandiosa tradição de Marx."

Bordiga acrescenta: "não seria uma perspectiva absurda, com a condição de que a luta interna de classe ressurgisse em pleno centro da Europa, entre o Leste e o Oeste. (grifo de CouC)

Além de estar ligada à luta de classes na Europa, essa perspectiva estava ligada (em 1953) ao avanço das lutas dos povos de cor, portanto a um embrasamento revolucionário generalizado do planeta. Aqui, ainda, e fora de todo ativismo, a Esquerda pecava, como freqüentemente ocorre com os revolucionários, por generoso otimismo.

Ora, não mais em 1989 que em 1953, as condições imediatas (pois as condições históricas o estão, elas, há muito tempo) não estão reunidas para uma deflagração revolucionária mundial. Na melhor das hipóteses, pode-se dizer a respeito da RDA, e retomando a análise da Esquerda sobre o alto grau de formação e de consciência dos operários do leste alemão, que, encerrada a distribuição de docinhos nos postos de fronteira, chegará a hora do alinhamento às normas produtivas do Oeste, e que as conseqüências sobre o nível de vida e a atividade assalariada dos proletários do Leste, já difíceis, se

tornarão terríveis. Hoje afogado na massa democrática, não é impossível que então esse proletariado se erga com suas próprias reivindicações.

Um outro problema é que em 1953, o proletariado alemão das duas Alemanhas mal saía da guerra e vivia em condições difíceis. Em razão disso, uma vitória na luta do proletariado do Leste teria tido repercussões imediatas a Oeste. Hoje, a RFA é capaz de colocar toda a potência de sua formidável organização capitalista a serviço da integração do proletariado do leste alemão, ao lado de seus camaradas do Oeste; o proletariado da RFA, ao mesmo tempo em que é um dos mais explorados do planeta, também é um dos mais corrompidos e dos mais integrados.<sup>5</sup>

Nenhuma das três possibilidades levantadas pela Esquerda em 1953 se realizou. O que é certo de qualquer modo é que a terceira hipótese, de uma reunificação "revolucionária" pelo proletariado insurreto contra a classe dominante do Leste e do Oeste é a menos provável atualmente. O que não estava previsto era que o século XX ainda deixaria uma margem para uma solução burguesa à reunificação das duas Alemanhas, de cima, realizando enfim na história a primeira medida do programa dos comunistas para a Alemanha de 1848: "A Alemanha é uma república, una e indivisível".

Desde então, o que conta para os comunistas é que esse movimento inelutável rumo à reunificação das duas Alemanhas perturbará suficientemente os equilíbrios inter-imperialistas (desde já a "Europa unida", que de qualquer maneira teria encontrado enormes problemas econômicos, parece condenada), para introduzir rupturas no seio das quais, se e somente se ele é capaz de luta de classe autônoma, o proletariado internacional poderia penetrar.

Paradoxalmente (mas aqui é preciso de muita dialética para resistir à pressão dos acontecimentos), a morte do estalinismo também é um reforço da contra-revolução. A unificação do planeta sob a égide do capitalismo democrático consagra o triunfo – momentâneo – da contra-revolução capitalista, que foi capaz de vencer inclusive as forças retrógradas de sua própria ideologia. Saída do estalinismo para reforçar a mistificação democrática. Neste sentido, a contra-revolução finalmente SE REALIZA, isto é, ela se REALIZA dialeticamente, o que é o prelúdio de seu futuro esgotamento.

O MPC pode se vangloriar, doravante, de ter vencido o comunismo por desistência e declarar morta qualquer expressão oficial do "marxismo". No entanto, precisamente por causa disso, a dicotomia MPC/Comunismo, bem/mal, que sustentava uma boa parte da mistificação desde 1945, naufraga. Ao permanecer sozinha na arena, a democracia prepara-se para enfrentar ela própria diretamente o curso catastrófico do capitalismo, e isso em condições políticas que sempre foram descritas por Marx e Engels (cf. Breve Histórico) como as mais favoráveis à expressão política do proletariado (com a condição, obviamente, de que uma ruptura no curso real da luta das classes permita a organização deste em classe e portanto em partido político, caso contrário é a mistificação que triunfa). Nessas condições, é significativo que certos representantes do capital quase pareçam lamentar o

---

<sup>5</sup> Ao mesmo tempo, essa disparidade impulsionará as reivindicações econômicas dos operários no Leste, que se sentirão com direito de exigir as mesmas condições horárias e salariais que no Oeste.

desaparecimento do "monstro" do Leste, pois no mesmo momento insiste-se na "despolitização" do Ocidente, etc. É significativo que alguns tenham podido escrever a respeito da Checoslováquia, ou da RDA, como da Polônia anteriormente que, terminada a saudação ao impulso democrático, era preciso preocupar-se com a persistência do poder da rua e levar a uma "representação" oficial, voltar ao trabalho, etc.

A democracia que triunfa em todo lugar também possui suas tintas sociais. Sabe-se que para obter a adesão dos proletários, impacientes de ver sua condição material melhorar, será preciso garantir-lhes rapidamente migalhas e correntes douradas. Donde o fato, ao que parece, que será um modelo social-democrata que se imporá na maior parte desses países. A começar pela URSS, que deve assegurar certas ficções "socialistas" que permanecem incluídas na ideologia social-democrata, mas que não existem no liberalismo puro e duro (um dia será preciso realizar um trabalho aprofundado sobre a ideologia capitalista e mostrar também em que ponto esses dois termos se encontram, através do reformismo, que se tornou um modo de ser do capital). Essa tendência existe na União Soviética onde alguns altos dignitários do partido pensam pura e simplesmente em pagar o "racha" de 1919 e voltar da III Internacional à Segunda juntando-se à Internacional Socialista. Essa tendência também atua nos países do Leste, onde os partidos comunistas só poderão salvar sua pele transformando-se rapidamente em órgãos social-democratas (cf. Polônia, Hungria, a influência do SPD do Oeste alemão na RDA, etc). Deste ponto de vista, Lênin será a próxima vítima dos processos ideológicos póstumos, e serão recuperados a oposição do comitê central bolchevique em abril de 1917, assim como outros episódios, para mostrar que ele era um ultra e que, na realidade, a maioria do partido era contra a insurreição revolucionária.

Então, a delimitação do campo revolucionário será ainda mais nítida do que é hoje, pois ela passará também pelo reconhecimento daqueles que se recusam a abjurar a cisão e reivindicam a ruptura anti-social-democrata, anti-reformista e anti-democrática de 1917-1921.

Os revolucionários têm um PROGRAMA a defender. Esse programa é o da classe proletária da qual "resume as condições de (sua) liberação" (Engels). Cedo ou tarde, esse programa se expressará de novo espontaneamente através da retomada da luta das classes. Caberá então aos comunistas ficarem atentos às formas (como para a Comuna, como para os Soviets) e eventualmente aos nomes que o movimento se dará no calor da luta. Cf. Lênin: "Mas a questão da denominação do partido é infinitamente menos importante que a da atitude do proletariado em relação ao Estado" ( O Estado e a revolução)

Em 1914, Lênin falava não apenas da traição, mas também da falência da social-democracia. Isso significava que uma política que havia sido seguida pelo movimento operário, uma doutrina que havia teorizado o reformismo, o gradualismo, etc, naufragava perante os fatos: crise mundial, guerra imperialista, curso violento do MPC, retomada dos combates revolucionários.

Do mesmo modo, assiste-se hoje a um certo número de falências: a do estalinismo obviamente, denunciado como falso marxismo por pequenas minorias de revolucionários durante cinquenta anos e hoje rejeitado como o diabo por todos os antigos estalinistas que

manejam a caneta ou o micro; mas ainda a falência do trotskismo que esperava que uma "revolução política" viesse recolocar no comando do "Estado operário degenerado" uma classe operária que teria podido assim continuar sua obra sobre a base de um aparelho produtivo "socialista" <sup>6</sup> ; falência do humanismo à la Orwell ou do social-barbarismo à Castoriadis que, cada um a seu modo, teorizavam o totalitarismo fechado de uma sociedade imóvel e povoada de zumbis, que haviam perdido toda veleidade ou possibilidade de reação; falência também da ideologia ultra-esquerda do "capitalismo de Estado", que teorizava a inelutável transformação do capitalismo em uma sociedade onde o Estado controla toda a produção e realização da mais-valia, etc, e, mais geralmente, das teorias que acreditavam riscar ideologicamente de modo sumário do mapa os fatores nacionais ou democráticos, em suma, tudo que entrava o esquema de uma luta de classes "pura" entre proletariado e capital.

Todas essas expressões eram formas de negação da verdadeira teoria comunista, que apenas um ínfimo punhado de revolucionários soube manter, pelo menos em parte, durante os anos negros da contra-revolução. Hoje, existe a negação da negação, mas ainda, na medida do reforço da ideologia burguesa, democrática e nacionalista, triunfo absoluto da contra-revolução.

Ao mesmo tempo, dialeticamente, existe a confirmação integral do conteúdo "científico" da teoria comunista, que implica levar ainda mais profundamente o trabalho de restauração programática, na linha já defendida do "retorno a Marx" (cf. Comunismo ou Civilização, n<sup>o</sup> 1 em língua portuguesa, 1980).

Este é o único aspecto que pode fornecer aos revolucionários um motivo de esperança: a contra-revolução não pode ir mais longe, pois ela atingiu seus limites, ela se REALIZOU. Negação da negação. A reação de classe deverá vir nos próximos anos (mas é ainda mais difícil dizer hoje em quantos anos) ocorrerá assim sobre um terreno livre de várias escórias ideológicas. Com a condição de que os revolucionários saibam tirar as lições, continuar a obra de restauração programática e ligar-se ao futuro movimento das massas, o movimento subterrâneo da velha toupeira terá novamente atingido seu objetivo.

o o o

---

<sup>6</sup> Pode-se ver a que ponto o trotskismo vergonhosamente degenerou para o social-democratismo mais rasteiro lendo a última brochura de Ernest Mandel dedicada aos países do Leste.

**BREVE HISTÓRICO  
DO MOVIMENTO DA CLASSE  
PROLETÁRIA  
NA ÁREA EURO-NORTE-AMERICANA  
DAS ORIGENS A NOSSOS DIAS**

**(REVOLUÇÃO COMUNISTA – TESES DE TRABALHO)**

As primeiras partes desse trabalho foram publicadas nos números 4 e 5 de Comunismo ou Civilização em língua portuguesa (como revista individual) e nos números 1 e 2 da RIMC em língua portuguesa.

**4. DA COMUNA À FUNDAÇÃO DA SEGUNDA INTERNACIONAL (1871-1889)**

A partir desse número, passamos a abordar um novo ciclo da história do movimento proletário. Iremos, portanto, examinar táticas específicas e estudar como os comunistas encararam, em um dado momento, o novo curso criado por novas condições históricas, sempre no fio direito dos princípios definidos desde a emergência do programa comunista.

Após 1871, no que se refere à Europa, o ciclo burguês está integralmente acabado. Isso significa que a revolução proletária não pode mais surgir na seqüência de uma revolução burguesa, como foi o caso em 1795 (Conjuração dos Iguais), ou em 1848. Doravante, o modo de produção capitalista está firmemente instalado no continente europeu e na América do Norte, mesmo se a forma política que lhe é teoricamente a mais adequada (a república democrática burguesa) está longe de estar plenamente instaurada em todo lugar.

A revolução proletária não poderá mais, portanto, infiltrar-se na brecha das relações sociais abertas pela revolução burguesa – ou por uma mudança importante de regime – será necessário que ela apreenda e crie, por si próprio as condições de sua emergência, e isto frente a um poder capitalista que aprendeu, na luta, a conhecer a potência de seu inimigo de classe, o proletariado.

É por isso que – uma vez passada a experiência da Primeira Internacional, que ensinou ao proletariado a necessidade do partido e da ação política, e na seqüência da contra-revolução inaugurada pela derrota da Comuna de Paris (1871) – a palavra de ordem dada pelos comunistas é que, assim que a situação for novamente propícia, o movimento deverá inicialmente passar pela constituição em cada país de partidos operários fundados sobre o programa comunista.

O período que estudaremos aqui, ao longo dos próximos números, é rico de ensinamentos de todos os tipos. Após a morte da Primeira Internacional, Engels sublinhou que era inútil querer recriar uma outra pela força e que era necessário primeiramente constituir potentes partidos operários nacionais, cuja união em escala internacional

aconteceria em seguida naturalmente, dado o amadurecimento das condições materiais da luta proletária.

"Os nomes de todos aqueles que formam a vanguarda militante de um país são conhecidos de todos os outros, e um manifesto no qual todos estivessem representados e que todos assinassem causaria uma impressão colossal, totalmente diferente daquela causada pelo outro onde figuravam os nomes, na maior parte desconhecidos, do antigo Conselho Geral. Mais precisamente, por todas essas razões, não se pode comprometer uma tal manifestação enquanto ela não puder provocar um efeito incisivo, ou seja, enquanto os acontecimentos europeus não a tiverem provocado. Caso contrário, prejudica-se o efeito para o futuro e apenas se dá um tiro na água.

Ora, estes acontecimentos preparam-se na Rússia, onde a vanguarda da revolução poderá desferir um grande golpe. É preciso saber esperá-lo, assim como sua inevitável contrapartida na Alemanha, e, – na nossa opinião – terá então chegado o momento também para uma grande manifestação e a reconstituição de uma Internacional formal, oficial, que não poderia mais ser uma simples sociedade de propaganda, mas um partido para a ação. É por isso que afirmamos decididamente que não se pode enfraquecer um órgão de luta tão importante, usando-o (e abusando dele) em uma época ainda relativamente tranqüila, mas na véspera da revolução. (Engels a John Philip Becker 10/02/1882)

Estudaremos aqui em que medida, até a fundação da Segunda Internacional (1889), o proletariado dos grandes países europeus e da América do Norte foi capaz de fazê-lo.

Ao mesmo tempo, essa fase coincide com uma relativa estabilização das relações sociais capitalistas, fase que Lênin qualificou mais tarde de "desenvolvimento pacífico" – a grosso modo até 1914 – e que colocou para o proletariado um certo número de problemas. Entre outros, a aparição de um oportunismo que iria até colocar em questão a própria teoria: o revisionismo.

Esta fase da exposição começa com um texto sobre a Alemanha (de 1864 ao Congresso de Erfurt 1891), sendo a Alemanha o lugar onde se realizou de modo mais puro a linha definida em 1872 pelo partido comunista e ao mesmo tempo onde se desenvolveu ao máximo a ofensiva capitalista contra o proletariado através do revisionismo. Como sempre, no plano negativo como no plano positivo, é a Alemanha que se revelava o país "teórico" para o proletariado, mas o conteúdo oportunista prático do revisionismo pode ser encontrado em todos os países.

O que importa precisar nesta curta introdução, e que será desenvolvido através de exemplos nos textos que seguem, é o sentido preciso da fórmula "partidos operários em cada país" colocada na ordem do dia depois de 1871, para que não haja confusão possível. Não se trata, notadamente, de um "recuo" ou de um "questionamento" do internacionalismo que havia presidido a constituição da AIT e, antes disso, da Liga dos Comunistas. Trata-se de preparar o proletariado de cada país para empreender o combate contra sua própria burguesia e fortalecer suas próprias posições no interior da sociedade burguesa para abatê-la. O que importa é que, doravante, o proletariado não pode contar com qualquer

movimento de transformação da sociedade que lhe abriria as brechas necessárias à sua intervenção. Ele não pode aliar-se com nenhuma fração da burguesia na luta contra uma outra potência (feudalismo); é necessário que ele desenvolva seu próprio órgão de luta e se aproprie de seu próprio programa. É por esta razão que ele deve, antes de mais nada, constituir por toda parte partidos operários e lutar para que eles adotem como programa o programa comunista. Estes partidos devem aproveitar as condições oferecidas pela democracia burguesa para dedicarem-se a um trabalho de preparação revolucionária com o objetivo de engajar o combate decisivo nas melhores condições possíveis. Até agora, jamais foi o proletariado que escolheu "o lugar e a hora". Ele foi arrastado para a luta na seqüência de um movimento da burguesia.

Doravante o capital reina como mestre absoluto sobre a sociedade e a única tarefa do proletariado é abatê-lo. Para fazê-lo, ele precisa inicialmente reagrupar-se, adquirir sua autonomia, e portanto criar um partido operário. Concluído esse processo, e com essa autonomia uma vez adquirida, a unidade internacional virá por si mesma, pois um mesmo programa, o programa comunista, constituirá os diferentes partidos locais em um só partido internacional, cuja existência é necessária para a vitória do proletariado na revolução mundial.

Nessas condições, o proletariado deve preparar pacientemente o terreno:

- Defendendo a expressão de seu programa contra todas as falsificações ou más interpretações das quais ele possa ser objeto;
- reforçando sua organização de classe, tanto no plano econômico (sindicatos) como político (partido operário);
- elaborando uma tática clara que utilize ao máximo as possibilidades da democracia burguesa, preparando simultaneamente o enfrentamento violento, único meio que poderá permitir a passagem da sociedade burguesa ao comunismo.

O partido comunista convidava o proletariado de todos os países a seguir esse modo de conduta e, após a morte de Marx, é o infatigável Engels quem, através de polêmicas e correspondências fustigava as tendências de uns e outros para o democratismo, chovinismo, pacifismo, legalismo...etc. Para Engels, o resultado desse processo deveria imediatamente fornecer ao proletariado um partido comunista internacional, isto é, os partidos operários, ao se fortalecerem, deveriam inevitavelmente revestir a forma do partido comunista.

A tarefa bem mais difícil, porque nessa fase a correlação de forças era globalmente desfavorável ao proletariado. Como veremos no texto seguinte, a Alemanha era uma exceção, dada a existência ininterrupta de um partido operário desde 1863, sendo esta a razão dela tornar-se líder no movimento operário internacional. Em todos os outros países (França, Inglaterra, Itália, Estados Unidos, etc) é somente por volta de 1880 que se criam embriões de partido, movimento que desembocará, no fim da década, na criação da Segunda Internacional (1889). Engels estimava, contudo, que a fundação desta última era prematura e que nenhum curso revolucionário conseqüente estava aberto. Ele pregava o

reagrupamento e reforço de energias sobre a base do aprofundamento político do programa comunista, antes de começar qualquer movimento.

Cuidaremos de reestudar, como conclusão deste trabalho, a questão da alternância dos ciclos de revolução/contra-revolução. Se o período 1880-1914 assiste ao reforço do proletariado, ao mesmo tempo a extraordinária expansão do capital que ocorreu nessa fase também permitiu o surgimento de uma formidável vaga de oportunismo que culmina no revisionismo. Em parte, é por isso que o movimento proletário não estará apto a enfrentar as exigências da história quando da verdadeira retomada revolucionária, nos primeiros anos do século 20.

A seqüência desse trabalho será dedicada ao exame da emergência dos partidos operários em cada país (Alemanha, Grã-Bretanha, França, Sul da Europa e Estados Unidos), antes de abordar a Segunda Internacional. Estudamos aqui a Alemanha.

#### **4.1. A SOCIAL DEMOCRACIA ALEMÃ 1864-1889**

4.1.1. Como vimos na introdução geral a esse período do "Breve Histórico" (1872-1889), após a derrota da Comuna e a extinção da AIT na Europa, a palavra de ordem é a constituição de partidos operários em cada país.

Dentre estes, a social-democracia alemã será, durante anos, autoridade. Marx e Engels nela investiram enormes esperanças. Gerações de revolucionários, como Lenin, fizeram dela seu modelo na constituição do partido de classe. Ora, em 14 de agosto de 1914, após cinquenta anos de atividade revolucionária, a social-democracia alemã, e com ela toda a Segunda Internacional naufragou lamentavelmente na traição e na colaboração de classes, arrastada por seu chovinismo e sua renegação oportunista das teses revolucionárias.

Esta questão do devir da social-democracia alemã, ou seja, como o partido mais forte, e também o mais estruturado foi o que mais se comprometeu, persegue os revolucionários há mais de três quartos de século. Por isso é importante retomar a história do partido na Alemanha, sem hipocrisia, nem retórica anarquizante que jogaria fora com a água do banho o bebê da social-democracia realmente revolucionária, de onde surgiram os bolcheviques, as esquerdas da Alemanha, da Itália, etc.<sup>7</sup>

Outra razão para se deter sobre a social-democracia alemã é que este episódio confirma e repete as lições já inscritas nos episódios de 1848, da AIT, da Comuna etc, sobre os temas do partido, do movimento operário, etc, que já aprofundamos no decorrer do nosso trabalho. Este episódio é notadamente exemplar no que se refere à atitude de Marx e Engels em relação à realidade do movimento operário na Alemanha nos anos 1880 não está calcada exatamente na dos outros países do continente.

---

<sup>7</sup> Trata-se aqui de uma tendência marcada numa fração do meio revolucionário atual, na qual é de bom tom criticar globalmente a social-democracia sob pretexto da traição de 1914, negando-lhe todo caráter revolucionário.

Notadamente, a ruptura contra-revolucionária sofrida pelo proletariado francês após o impulso revolucionário da Comuna não afeta o proletariado alemão, e este conhece uma fase de crescimento contínuo a partir dos anos 1860. Isto é, se o movimento na Alemanha realmente acompanha o dos outros países europeus quando da retomada revolucionária que levou à constituição da AIT em 1864, ele não sofrerá como eles o refluxo a partir de 1872. O crescimento do partido prosseguirá na Alemanha de maneira ininterrupta consideradas as condições particulares desse país.

Nesse sentido, após a derrota da Comuna, a contra-revolução não foi tão geral como a de 1848. Se na França o proletariado foi sangrado com mais ferocidade do que em 1848, este fenômeno não se produziu sistematicamente em todos os países da Europa como havia ocorrido 23 anos antes.

Engels, no prefácio de sua obra "A guerra dos camponeses na Alemanha", retomou e confirmou as análises feitas em 1848. Ali, ele explica que a Alemanha – e nela o proletariado – tiram proveito do atraso paradoxal desse país. Durante o último quarto do século XIX, a Alemanha ainda está longe de ter concluído sua revolução política burguesa, enquanto sua indústria capitalista conhece um desenvolvimento formidável. A burguesia abdica de seu poder político nas mãos do poder bonapartista de Bismarck, e pode assim dar-se ao luxo de dedicar-se inteiramente ao desenvolvimento industrial e econômico.

Assim, ela contribui para dar origem a grandes massas concentradas de proletários que têm sobre seus camaradas europeus, como sublinha Engels, duas vantagens: a primeira é a de pertencer ao "povo mais teórico da terra", e a segunda a de chegar mais tarde e, portanto, de se erguer sobre os ombros desses gigantes que foram os plebeus franceses, os cartistas ingleses, os partidários da Comuna de Paris, etc.

Essa análise, que já era válida em 1848, só pôde ser reforçada na medida em que o desenvolvimento da grande indústria concentrava cada vez mais grandes massas de proletários. Além disso, de acordo com a boa dialética histórica, as épocas de transformação acelerada das condições da vida material, como as da revolução industrial, são propícias à emergência da consciência revolucionária.

Por essa razão, Engels prognosticou o seguinte:

"Se os operários alemães continuam progredindo assim, eu não digo que eles assumirão a liderança do movimento – não é do interesse de nosso movimento que os operários de uma nação qualquer assumam essa liderança – mas eles ocuparão um lugar honroso na frente da batalha; e estarão armados e prontos quando duras provas inesperadas ou gigantescos acontecimentos exigirem deles muito mais coragem, decisão e energia."

4.1.3. É precisamente essa força do proletariado alemão, esta "forma atlética" que Marx prognosticava desde 1844, que paralisou a burguesia alemã nos seu ímpeto revolucionário. Já nos estendemos sobre esse assunto quando tratamos da revolução abortada de 1848. Esse fenômeno – leva a burguesia alemã a remeter seus interesses políticos às mãos do poder de Estado encarnado pelo aparelho militar-burocrático cujo representante era Bismarck.

Assim, o interesse do capital vê-se defendido apesar – e mesmo por vezes contra – dos bloqueios instituídos pela falta de envergadura revolucionária da burguesia alemã. Essa "revolução burguesa pelo alto" também será importante nas relações estabelecidas pelo Estado capitalista com o proletariado.

4.1.4. Como vimos no número 1 da RIMC, a derrota da revolução de 1848 na Alemanha deixou intacto o problema número um desse país: a constituição de um Estado burguês centralizado, que permitisse o verdadeiro desenvolvimento do capitalismo e por via de consequência, para os comunistas, o desenrolar de uma verdadeira luta de classes entre os dois principais adversários no seio da sociedade moderna: burguesia e proletariado. Esta unificação finalmente só ocorrerá através de guerras nacionais, contra a Áustria em 1866 e, sobretudo, contra a França em 1870.

Apesar de tudo <sup>8</sup>, subsistiram no solo alemão, por 15 anos, associações operárias que sempre se situavam na linha dos acontecimentos de 1848 e desejavam poder aplicar o programa democrático. O que implicava ao mesmo tempo a perpetuação da aliança com a burguesia e a pequena burguesia, embora elas mesmas já tivessem demonstrado sua fraqueza e sua flacidez em 1848/49. Essa manutenção da aliança proletariado/burguesia radical não deixa de lembrar o que ocorre na Inglaterra após a derrocada do cartismo.

Mas as condições do desenvolvimento da luta de classes implicavam que o proletariado desenvolvesse uma ação autônoma frente às forças burguesas e pequeno-burguesas, mesmo se a situação histórica implicava que ele próprio assumisse ainda uma parte das tarefas da revolução burguesa. Ainda mais que certos setores da burguesia (Schultze-Delitsch) criavam associações operárias que apenas visavam integrar o proletariado num projeto reformista burguês.

Nesse sentido, a criação por Ferdinand Lassale da "Associação Geral dos Operários Alemães" (ADAV), em 18 de setembro de 1863, testemunha a autonomia da classe operária alemã. A esse respeito, mesmo julgando Lassale um aventureiro, incapaz de integrar a dialética revolucionária, Marx e Engels reconheceram após sua morte (1864) que ele havia desempenhado um papel prático eminente no despertar do proletariado alemão.

"Inicialmente, no que se refere à Associação de Lassalle, ela foi fundada durante um período de reação. Após um sono de quinze anos, o movimento operário saiu de seu torpor na Alemanha por intermédio de Lassalle – e este é seu mérito imperecível." (Marx a J.Br. Von Schweitzer 13/10/1868)

A constituição da ADAV testemunha o impulso do proletariado alemão rumo à sua unificação. A associação é segundo nossa definição, o germe do "partido operário", mas que não é ainda "marxista" (comunista). Pior, ela possui de início um certo número de taras que serão legadas à social-democracia:

- apologia do Estado;

---

<sup>8</sup> Sobretudo pela questão não resolvida da constituição do Estado burguês centralizado.

- crença numa possível acomodação da situação do proletariado com base nas condições de vida próprias ao capitalismo;
- lei de bronze dos salários;
- negligência dos fatores de preparação revolucionária;
- etc

4.1.5. Após 1860, ocorrem as primeiras manifestações confessas de oportunismo e de reformismo no próprio seio mesmo do movimento operário (pode-se dizer que o fenômeno era conhecido desde o cartismo – cf. CouC n.4, em língua portuguesa – mas nessa época principalmente num quadro de flerte com o radicalismo burguês e situado antes da expressão autônoma do proletariado). A conquista do Estado burguês por Bismarck implicou a outorga de um certo número de medidas sociais (seguridade social, habitação, etc) destinadas a assegurar o apoio dos operários. Nessas condições era normal que essa política encontrasse um eco favorável num Lassalle, e a cumplicidade deste com política de Bismarck foi efetivamente levada muito longe.

No entanto, as condições materiais históricas do reformismo como modo de integração do proletariado e de seus partidos à política do Estado burguês não ainda tinham sido integralmente desenvolvidas. O fenômeno estava, portanto, limitado. De certa maneira, era proposto "pelo alto" pelo Estado bismarckiano. No entanto, é interessante deter-se nele na medida em que desde essa época o partido comunista – no sentido histórico do termo – pôde, por intermédio de Marx e Engels, pronunciar-se sobre este fenômeno.

4.1.6. O próprio Lassalle morreu relativamente cedo após ter contribuído para relançar o movimento. No entanto, sua corrente de idéias vai perdurar e infestar durante certo tempo o movimento operário alemão. Através de todos os episódios chave da história da social-democracia alemã (1869, 1875, 1891, etc), Marx e Engels não pararam de lutar contra as idéias lassalleanas para fazer triunfar o programa comunista. Nessa luta, eles puderam apoiar-se nas frações da classe operária que tinham escapado à influência do lassallismo e tinham participado igualmente da renovação do movimento operário a partir da tradição da revolução de 1848.

Em 1863 foi criada também em Frankfurt, paralelamente à iniciativa de Lassalle, uma Federação das Associações Operárias Alemãs (VDAV) na qual figuravam forças políticas burguesas. Esse organismo foi ampliado por uma cisão da ADAV liderada por Wilhelm Liebknecht, em reação à evolução sectária da ADAV (culto à personalidade de Lassalle, ditadura de seu sucessor Von Schweitzer à frente da organização, etc). Ao mesmo tempo, Marx e Engels formalizaram a Schweitzer a retirada de sua colaboração ao "Sozial-Demokrat" e sua ruptura definitiva com o partido lassalliano.

No entanto, se Lassalle, como vimos, representava uma certa tendência reformista no seio do movimento operário, assim como uma cumplicidade nacionalista através de sua simpatia pela causa prussiana, ele insistia na necessidade de uma organização autônoma da classe. Ao contrário, os herdeiros da tendência de 1848 possuíam uma visão "nacional"

alemã mais correta negligenciando porém as questões sociais e a organização autônoma do proletariado. Engels definiu, na sua carta a Gerson Trier, em 18 de dezembro de 1889, as condições táticas exclusivas sob as quais, em certos países e em certos momentos históricos, o partido operário pode combater ao lado dos partidos burgueses. É necessário: 1/ que o partido burguês lute realmente contra os resíduos feudais e num sentido progressista,

2/ que o partido operário guarde toda sua autonomia em relação a esse partido.

No entanto, é finalmente a tendência animada por Bebel e Liebknecht, e não a ADAV lassaleana, que se revelará a mais apta a defender as teses comunistas no seio do movimento operário, e manifestará sua ligação à emancipação internacional do proletariado aderindo à AIT em 1868. Essa tomada de posição implicava de fato a ruptura com a ala democrata burguesa e o reconhecimento dos interesses internacionais do proletariado, na base dos preâmbulos e do estatuto da AIT.

#### **4.1.7. Nascimento do partido social-democrata (Eisenach 1869)**

Essa evolução histórica, somada ao caráter de seita da ADAV, que só se agravava sob a presidência de Von Schweitzer, culminou com a marginalização desta última em relação à massa do proletariado. Em 1869, a Federação das Associações Operárias Alemãs, com o reforço de alguns trãsfugas da ADAV enojados com os métodos desse partido (W. Bracke), proclamou o nascimento do partido Social-Democrata dos Trabalhadores (SDAP) em Eisenach. A base programática desse partido era a mesma que a da AIT e implicava, portanto, nivelar a classe operária alemã com o proletariado internacional. A adoção, pelo segundo congresso do partido em 1870, das teses do Congresso de Basiléia da AIT sobre a nacionalização dos meios de produção e da terra consagrou então a ruptura definitiva com a burguesia alemã. Ligado aos sindicatos de classe, o SDAP exerceu uma verdadeira influência sobre amplos setores da classe operária. Esta última encontrava-se, portanto, organizada em dois partidos diferente: o SDAP, com os chamados "Eisenachianos", e a ADAV com os chamados "Lassalleanos".

Ainda não se tinha, portanto, a existência formal de um partido operário que representasse de maneira unitária o proletariado alemão. A ideologia lassalleana continuava a influenciar uma fração não desprezível da classe operária. É só com a prática da luta de classes que o proletariado vai poder forjar sua unidade, notadamente sob o impulso das lutas do proletariado internacional (Comuna de Paris). Por ocasião da guerra franco-alemã, Bebel e Liebknecht cumpriram seu dever de internacionalistas denunciando a anexação da Alsácia-Lorena, recusando-se a votar os créditos de guerra e levando seu apoio à república francesa. Foram perseguidos por causa disso.

O início dos anos 1870 foi um período de duras lutas operárias, violentamente reprimidas pelo Estado burguês e que consagraram a existência de uma luta de classes que não podia mais se satisfazer com os acomodamentos operados nos tempos de Lassale com o poder bismarckiano. Por seu lado, os sindicatos exigiam a unidade.

4.1.8. De fato, a situação era a seguinte: 1/ na prática os operários dos dois partidos acostumavam-se cada vez mais a lutar juntos; 2/ no lado lassalleano, a organização do partido desagregava-se e da inadaptação da vida de seita às novas condições sociais do

movimento; 3/ do lado eisenachiano, verificava-se uma crescente penetração do programa comunista, notadamente sob a influência do "partido-Marx" e dos escritos teóricos dos dirigentes da AIT, mas isso praticamente à revelia dos responsáveis pelo partido (Bebel, Liebknecht), que não se preocupavam em elaborar uma verdadeira base programática comunista para o partido.

É nessas condições que ocorreu a progressiva reaproximação dos dois partidos representantes do proletariado alemão (lassalleanos e eisenachianos) que entabularam, sob a pressão da realidade histórica negociações com vistas a uma unificação. No plano tático, o episódio do Congresso de Gotha (1875) é exemplar, tanto no que se refere às lições a serem extraídas disso de um ponto de vista prático, como pela atitude observada por Marx e Engels a esse respeito.

4.1.9. Ambos estimavam que, tanto no plano teórico como organizacional, os lassalleanos nada mais tinham a acrescentar. E que, portanto, as massas por eles representadas aspiravam a uma unidade que devia encarnar-se na expressão renovada e fortalecida dos princípios básicos do comunismo. Nessas condições, era necessário chegar diante dos lassalleanos com um espírito de intransigência doutrinária e aproveitar a ocasião para fazer triunfar o programa comunista liquidando a organização deles.

Ora, os dirigentes do SDAP apresentaram-se eivados de fraqueza ao se mostrarem prontos a concessões teóricas em relação à redação do programa do novo partido que iria nascer da fusão dos dois já existentes.

Primeira lição tática: o importante não é redigir programas, mas a ação em comum no movimento real. A demanda dos lassalleanos mostrava um movimento para a unidade e um movimento de reconhecimento da teoria comunista, assimilados por intermédio deles a partir dos eisenachianos. Donde a palavra-de-ordem dada pelo partido Marx: era certamente necessário deixá-los vir, não aparecer como aqueles que combatem a unidade, mas não fazer qualquer concessão, sobretudo no plano teórico, e só aceitá-los nas fileiras do novo partido na base de uma atividade comum, colocando ao menos uma base mínima de princípios que não faça qualquer concessão às opiniões do adversário.<sup>9</sup>

(Encontramos aqui a tática que será defendida pela Esquerda Comunista da Itália no seio da Internacional Comunista, com a discussão das condições de admissão. Ao defender uma versão mais dura das 21 condições de admissão à IC, a Esquerda queria possibilitar-lhe os meios de unificar o proletariado como classe, rejeitando seus antigos representantes oficiais mergulhados no oportunismo e que poderiam procurar infiltrar-se na IC para tentar conservar seu controle sobre as massas operárias. Em relação a esses hipócritas a atitude do partido devia ser a seguinte: eles querem vir? De acordo! Mas sob nossas condições e sob nosso programa, que aliás são os que as massas ainda sob controle deles querem ver adotados. Eles que assumam, portanto, a ruptura, e declarem publicamente sua profunda incapacidade de assumir as teses radicais do programa comunista. Veremos na seqüência

---

<sup>9</sup> "Era necessário acolhê-los (os lassalleanos – ndr) com a máxima franqueza, testemunhar-lhes a maior desconfiança e fazer depender a fusão de sua maior ou menor disposição de abandonar suas posições sectárias e suas idéias sobre a ajuda do Estado e de sua aceitação, no essencial, do programa de Eisenach de 1869 ou de sua edição melhorada em relação à situação atual." (Engels a Bracke, 5 de maio de 1875)

que, mesmo revistas e corrigidas pela Esquerda no sentido rigoroso da defesa do programa comunista, as 21 condições foram insuficientes para barrar a ascensão dos reformistas no seio da IC).

Marx resume, em uma carta a Bracke, a tática a ser seguida em relação aos lassalleanos:

"Todos os passos dados antes, toda progressão real é mais importante que uma dúzia de programas. Se era portanto, impossível superar o programa de Eisenach – e as circunstâncias não o permitiam – era preciso limitar-se a concluir um acordo para a ação contra o inimigo comum. Se, ao contrário, fabricam-se programas de princípio (em vez de adira isso para uma época em que tais programas possam ser preparados por uma longa atividade comum), colocam-se publicamente os limites que indicarão ao mundo inteiro o nível do movimento do partido." (Marx a W. Bracke, 5 de maio de 1875)

Segunda lição tática: a unidade operária, para a qual tende todo o movimento de classe nos períodos de ascensão de atividade revolucionária, não pode ser feita alardeando os princípios. É melhor ficar fora do movimento do que deixar-se envolver por ele no terreno do oportunismo.

"Queriam-se manifestamente escamotear toda crítica e banir toda reflexão de nosso próprio partido. Sabe-se que o simples fato da união já traz satisfação aos operários, mas é um engano pensar que este resultado imediato não é pago a um preço excessivamente alto". (idem)

Na mesma linha, Lênin combateu ferozmente as tendências à unidade que apareceram após a Revolução de Fevereiro entre os mencheviques e os bolcheviques. Lênin dirigiu-se contra toda veleidade de unificação com a social-democracia chovinista e traiçoeira ao socialismo. É nessa época que ele lembrava que era preferível ficar sozinho sobre posições coerentes com o programa comunista, do que em maior número em detrimento de uma clareza doutrinária. Apesar do sentimento unitário das massas, Lênin recusava-se, assim, a propagar ilusões no seio da classe proletária.

"Estou ciente de que manifesta-se na Rússia uma tendência unificadora; unir-se aos partidários da defesa nacional é trair o socialismo. Penso que é melhor ficar sozinho como Liebknecht – sozinho contra 110!"

4.1.10. O programa redigido em vista da fusão (conhecido como "Programa de Gotha") foi colocado em discussão pelos representantes das duas frações.

Desde sua leitura, Engels estimava que os eisenachianos "honestos", que ultrapassavam de longe seus rivais no plano teórico, se tinham deixado enganar pelos lassalleanos "desonestos", mais calejados na prática da manipulação política. Nessas condições, o programa apresentava concessões inaceitáveis ao lassallismo, tanto mais inaceitáveis no plano tático que, para "oferecer a reconciliação", estes últimos deveriam

estar "em péssimos lençóis" (Engels) e que era necessário aproveitar a ocasião para derrotá-los no plano teórico.

Enquanto Engels escrevia uma longa carta a Bebel para xingá-lo a esse respeito (cf. a coletânea "Marx-Engels": La social-démocratie allemande, Union Générale d'Éditions – 10/18, pg 75 a 82), Marx empunhava a caneta para redigir anotações críticas idênticas, conhecidas como "Glosas marginais do programa do partido operário alemão", ou "Crítica ao Programa de Gotha".

O essencial das críticas nesse texto refere-se à apropriação de formulações do Manifesto de 1848 num jargão lassaleano, que lhes retirava todo sentido comunista e esvaziava seu caráter percuciente. A influência das teses lassalleanas em economia produzia uma recaída na economia política, com todo o lixo do "direito igual", do "produto integral do trabalho" etc, em vez de "demonstrar com precisão como, na sociedade capitalista de hoje, acabaram criando-se as condições materiais etc, que colocam o trabalhador em condições de derrotar essa maldição social, que obrigam-no a arrebutá-la." (Marx)

Ao retomar ponto por ponto as proposições do programa do partido para criticá-lo (detalhe que não precisa ser repetido aqui, basta que o leitor se reporte a este célebre texto), Marx realizava de fato uma síntese de pontos fundamentais do programa comunista. A crítica do "produto integral do trabalho" de Lassalle foi, com efeito a ocasião para precisar pontos extremamente importantes sobre a economia comunista e a fase de transição do capitalismo ao comunismo.

O comunismo não consiste na atribuição a cada proletário do "fruto integral de seu trabalho", mas na produção associada pela e para a comunidade humana na base de um trabalho liberado dos grilhões do salariado, do valor e da existência de classes. No entanto, a sociedade comunista conhece uma fase inferior (primeiro estágio da sociedade comunista) onde o operário (de fato, aqui, cada membro da sociedade onde o trabalho manual produtivo foi generalizado) pode consumir proporcionalmente à quantidade de trabalho que forneceu à sociedade, uma vez deduzida a quantidade de trabalho necessário à manutenção da população que não está em estado de trabalhar e ao fundo para aumento da produção futura. Se bem que para uma massa de trabalho idêntica, cada indivíduo recebe um poder de consumo idêntico.

Em função disso, nesta fase reina ainda o direito burguês, direito igual que é, de fato, "desigual", diz Marx, porque iguala indivíduos que, enquanto tais, são diferentes. É somente com o desenvolvimento da nova sociedade que será possível emancipar-se desses limites do direito burguês. Na fase inferior do comunismo, os bens de consumo serão repartidos por meio do bônus de trabalho.

"Numa fase superior da sociedade comunista, quando terão desaparecido a servil subordinação dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre o trabalho intelectual e o trabalho manual; quando o trabalho não for apenas um meio de viver, mas tornar-se ele mesmo a primeira necessidade vital; quando, com o desenvolvimento múltiplo dos indivíduos, as próprias forças produtivas também

forem aumentadas e que todas as fontes da riqueza coletiva jorrem com abundância, então, somente, o limitado horizonte do direito burguês poderá ser definitivamente superado e a sociedade poderá escrever em suas bandeiras: "De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades."

Na mesma ocasião, cabia à "Crítica do programa de Gotha" precisar de maneira fundamental o conceito de ditadura do proletariado, cuja essência está presente no Manifesto de 1848, mas não explicitamente desenvolvida. Neste sentido, este texto é um dos mais importantes do patrimônio revolucionário, quando precisa ao mesmo tempo que as condições econômicas, as condições políticas da passagem ao comunismo. Assim, este texto traz elementos fundamentais com relação à crítica da democracia e à crítica do Estado, assim como sobre o internacionalismo.

"Desde então, coloca-se a questão: que transformação sofrerá o Estado numa sociedade comunista? Isto é: que funções sociais se manterão análogas às atuais funções do Estado? Só a ciência pode responder a esta questão; e não é acasalando de mil maneiras a palavra Povo com a palavra Estado que se fará o problema avançar um milímetro sequer. Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista coloca-se um período de transformação revolucionária daquela nesta. Ao qual corresponde um período de transição política em que o Estado não poderá ser outra coisa senão a ditadura do proletariado."

As "Glosas marginais" foram ocultadas pelos chefes do SDAP e o movimento real levou Marx e Engels a não publicá-las (ver mais abaixo). No entanto, elas desempenharão um papel 15 anos mais tarde, por ocasião da nova redação do programa do partido em Erfurt (1891) e Engels tornou-as públicas pois haviam conservado todo seu caráter de atualidade.

4.1.11. É importante deter-se aqui sobre a Terceira Lição Tática: Marx e Engels haviam anunciado, expedindo as "Glosas Marginais" a Bracke, que não poderiam caucionar um partido que aceitasse um tal programa. Ora, o congresso de Gotha acabou por não levar em conta as reflexões deles, e no entanto isso não propiciou qualquer crítica pública da parte de Marx e Engels que, no final das contas, continuaram sua atividade em face desse partido. Quando tantos atualmente defendem uma visão purista e etérea do programa, a ponto de não mais perceber a dialética da realidade social, é importante refletir sobre o porquê e o como de uma tal atitude.

No primeiro momento, como foi dito mais acima, Marx e Engels insistiram fortemente no fato de que a formalização do partido não podia realizar-se a qualquer preço. Eles denunciaram o leilão dos princípios, e até ameaçaram retirar seu apoio a um partido que se situaria sobre essas posições. Mas ao mesmo tempo, estes campeões da dialética sabiam que a realidade é astuta jamais perderam de vista o movimento real, única medida com a qual se pode avaliar a real influência do programa comunista. Marx e Engels tinham

previsto fazer, caso o programa de Gotha fosse aceito como tal, um desagravo público e romper com o partido.<sup>10</sup> Ora, não foram obrigados a fazê-lo, e isso por duas razões:

a) Apesar de tudo, o programa foi percebido como muito mais radical do que era. A burguesia e sua imprensa viram ali uma manifestação de comunismo, que não existia, mas ao qual aspirava o movimento real das massas operárias. Donde o fato de que estas, na realidade, reconheciam no programa de Gotha O QUE NELE NÃO ESTAVA SUFICIENTE E CORRETAMENTE FORMULADO: O COMUNISMO. (O mesmo tipo de análise – sobre a qual convém meditar – a respeito da diferença entre a realidade e a percepção de um movimento, foi feito por Marx e Engels a propósito da pequena burguesia em 1849 – cf. CouC n.5, em língua portuguesa, pp 80-81).

"Felizmente, o programa foi apreciado mais favoravelmente do que merecia. Operários, burgueses e pequeno-burgueses lêem nele o que deveria verdadeiramente nele se encontrar e não o que se encontra efetivamente; e não ocorreu a quem quer que fosse a necessidade de examinar publicamente o conteúdo real dessas maravilhosas frases. Isso nos permitiu ficar calados". (Engels a Bracke , 11 de outubro de 1875)

Marx e Engels sempre analisam o impacto da teoria sobre a realidade social. Mas, mesmo assim, jamais sacrificam o objetivo final do movimento, o que é uma das características do oportunismo. Ao contrário, eles mostram-se capazes de distinguir, no movimento real imediato, as verdadeiras tendências que impulsionam para o real imediato, as verdadeiras tendências que impulsionam para o objetivo final. Assim, julgam mais importante a consciência que os operários ( e por seu lado também a classe burguesa) têm do programa do partido, do que a formulação desse programa em si mesmo. Na medida em que essa consciência está à frente em relação a essa formulação, não interferem, reservando-se o direito de intervir no momento em que, tendo o movimento avançado na ação, será possível intervir publicamente para fazer modificar a redação do programa, tornando-a assim perfeitamente adequada ao que o movimento social realmente exprime (assim como no futebol, o árbitro deixa às vezes de marcar uma falta se, na dinâmica da jogada, o jogador vítima da falta mostra-se capaz de superar a situação e ir à frente. Digamos que o partido histórico concedia aqui a "lei da vantagem" ao partido formal.

No entanto, Marx e Engels foram impedidos de se manifestar pelo retorno a uma formulação mais ortodoxa do programa do partido pois:

b) A partir de 1878, ou seja, 3 anos após o congresso de Gotha, Bismarck consegue fazer votar as leis anti-socialistas, proibindo assim qualquer debate pública a respeito do programa. Nessas condições, uma ruptura que não poderia ser explicada publicamente, não teria qualquer impacto sobre o proletariado, e era preferível suportar a situação tal qual ela se apresentava.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> "Após o congresso de fusão, publicaremos, Engels e eu, uma breve declaração na qual diremos que não temos absolutamente nada em comum com esse programa de princípios e que guardamos nossas distâncias em relação a ele." (Engels a Bracke , 5.05.1875)

<sup>11</sup> Uma terceira razão, embora não menos importante, é que Marx e Engels controlavam a difusão internacional do programa (cf. carta a Bracke de 11 de outubro de 1875). Assim Engels traduziu "num sentido comunista" a versão do texto destinada aos espanhóis.

#### 4.1.12. A Social-Democracia na época das leis anti-socialistas

A política de Bismarck, que visava integrar a classe operária através de uma série de vantagens econômicas, dificilmente se contentava com a existência de um partido que propunha abertamente a subversão da ordem social e a revolução proletária. É por isso que, mesmo bajulando os personagens e as tendências mais reformistas no seio do proletariado, Bismarck jamais deixou de colocar fora de combate a componente revolucionária do proletariado.

Logrou finalmente esse objetivo em maio de 1878 – por ocasião de um atentado contra si mesmo – o que lhe permitiu fazer o Reichstag (o parlamento alemão) votar e editar uma série de leis bloqueando a expressão do partido do proletariado (sem impedir todavia a eleição de deputados para o Reichstag).

O que essas leis proibiam sobretudo era a expressão, a propaganda e a agitação revolucionária do proletariado. Nos dois primeiros anos, foram pronunciados 600 anos de pena de prisão contra mais de 1 000 militantes. Penas de exílio foram decretadas (900 militantes); as "Länder" (regiões) estavam autorizadas a proclamar o estado de sítio; a imprensa era proibida, confiscada; aqueles que a difundiam eram presos, condenados, enviados ao exílio...

Foi nesses anos que a social-democracia alemã comprovou sua verdadeira capacidade de ser um partido revolucionário. Os militantes submeteram-se à provação da ilegalidade: uma rede de distribuição da imprensa clandestina foi formada; um serviço de ordem (Máscara de aço) garantia a segurança dos militantes clandestinos; certas associações de canto, de ginástica, etc., serviam de cobertura à propaganda revolucionária. Nesse terreno a social-democracia alemã beneficiava-se da experiência adquirida na época da guerra franco-alemã, quando militância significava clandestinidade.

"O Estado de sítio do tempo da guerra (1870 – ndr) foi seguido de processos de Alta Traição, de lesa-majestade e de ofensa aos funcionários, truculências policiais incessantemente agravadas do tempo de paz. O Volkstaat tinha, como regra geral, três a quatro redatores simultaneamente na prisão, o resto no aguardo. Todo orador do partido, mesmo pouco conhecido, comparecia, pelo menos uma vez por ano diante dos tribunais onde era quase regularmente condenado.

Uns após os outros, banimentos, confiscos, dispersão de reuniões, caíam em saraivada; mas tudo isso em vão. Cada militante preso ou expulso era substituído por outro; para cada reunião dissolvida, convocava-se duas outras; de um lugar a outro, cansava-se o arbítrio policial pela perseverança e estrita observação das leis. Todas as perseguições produziram o contrário do objetivo proposto; longe de derrotar ou mesmo fazer curvar o partido operário, elas trouxeram-lhe, ao contrário, cada vez mais novos militantes, e reforçaram sua organização". (Engels, Prefácio à guerra dos camponeses, 1875)

4.1.13. É essa social-democracia, acostumada à dialética da ilegalidade combinada aos procedimentos eleitorais, que constituiu para um Lênin o que havia de melhor em termos de partido revolucionário. No entanto, como ser veraz, a mais experiente organização

clandestina não vale nada se ela visa somente a preservação do partido, fora da caracterização revolucionária deste partido em luta pela sociedade sem classes. No início, a social-democracia alemã combinava os dois aspectos: fazer viver o partido para que esse partido fosse o instrumento da revolução. No entanto, considerando a situação histórica particular, a preservação da organização tornou-se por vezes um objetivo em si, em detrimento da defesa do seu caráter revolucionário.

4.1.14. Ora, o objetivo do partido proletário não é propiciar uma existência política ao proletariado no seio da sociedade burguesa. O proletariado, ressaltava Marx, é revolucionário ou não é nada. O proletariado é, segundo o Manifesto, a classe que não pode reerguer-se sem romper todos os enquadramentos da sociedade atual. Portanto, ele não precisa ser representado no seio dessa sociedade; nem encontrar, numa pseudo-existência política, um sucedâneo à sua situação de classe explorada. A única alternativa é erigir-se em classe dominante, exercer sua ditadura e colocar por terra a última sociedade de classes (portanto a exploração) que a humanidade tem de conhecer: o capitalismo. Ora, se essa visão era óbvia para Marx e Engels, que eram os teóricos do comunismo internacional, eles iriam ter de se defrontar e lutar contra uma tendência que se afirma perto do fim do século XIX e que procura integrar o proletariado na vida da sociedade burguesa. O objetivo das teses seguintes é analisar essa luta.

4.1.15. O último quarto do século XIX foi uma época de expansão para o proletariado alemão, cuja influência era refletida pelos escrutínios eleitorais, mas marcada sobretudo no terreno das lutas. Assim, de 1881 a 1890, o número de eleitores social-democratas quintuplica, passando de 312 000 para 1 427 000. Esses eleitores são principalmente operários industriais e Engels nota que a base militante do socialismo revolucionário na Alemanha deslocou-se, assim, dos artesãos de 1848 para o proletariado industrial de 1881. Nesta época, ação clandestina e atividade eleitoral estão ligadas.

Após a morte de Marx em 1883, é em Engels que se deve procurar a continuidade do partido histórico em escala internacional. No que se refere a suas relações com a Social-Democracia alemã, as posições de Engels foram particularmente falsificadas. Ora, a tática que ele apregoava, inclusive a tática eleitoral, não podia ser mais clara: segundo ele, a luta no terreno democrático (eleições) é inseparável da preparação revolucionária. Nessa perspectiva, a atividade eleitoral do partido é apenas um meio entre outros para organizar o proletariado com vistas ao assalto revolucionário. Ela também serve, classicamente, para medir o grau de preparação revolucionária das massas. Inversamente, quando a relação entre luta eleitoral e preparação revolucionária não é mais respeitada, quando a segunda é negligenciada, as indicações fornecidas pelo "barômetro" eleitoral são enganosas: elas fazem crer, com efeito, que a progressão eleitoral do partido corresponde à propagação das teses revolucionárias e ao reforço do proletariado, quando, se não estiver ligada à atividade revolucionária, a atividade eleitoral não passa de um meio de fazer os operários adormecerem no legalismo e no pacifismo. Nesse caso, a progressão eleitoral do partido mascara o grau de preparação revolucionária muito mais do que a revela.

Neste sentido, a tática de Engels era totalmente oposta à dos chefes social-democratas, que faziam da tática eleitoral um fim em si. Desse modo, eles escondiam deles mesmos o fato de que a desembocadura necessária da atividade revolucionária, qualquer

que ela seja, legal ou ilegal, parlamentar ou nas ruas, é a insurreição armada do proletariado dirigida pelo partido de classe. Engels jamais negou isso. Ele previu que a progressão eleitoral do partido poderia se desenrolar sem entraves (paralelamente, repetindo-o uma vez mais, com a preparação revolucionária das massas e a preparação militar do partido) até o ponto em que a burguesia se sentisse ameaçada na sua própria existência e se visse obrigada a interromper pela força a progressão do partido revolucionário.

E mais, era um sinal de maturidade do proletariado não lançar-se prematuramente numa ação em que estaria necessariamente inferiorizado e aproveitar essa fase legalista para aumentar seu potencial revolucionário. Assim, se é possível vislumbrar-se na teoria, em certas circunstâncias históricas <sup>12</sup>, uma conquista pacífica do poder por parte do proletariado, na prática essa hipótese sempre se chocará, assim que o Estado burguês e seus instrumentos de repressão estiverem suficientemente desenvolvidos., contra uma contra-revolução preventiva ou uma guerra civil desencadeada pela burguesia desesperada. É nesse momento que o partido deverá saber efetuar a transição da atividade legal e parlamentar para a revolucionária insurrecional.

Tudo isso mostra que os comunistas jamais fazem do abstencionismo eleitoral uma questão moral. Mas englobam numa série de considerações táticas gerais os diferentes elementos necessários para levar a bom termo a luta de classes. O reforço do totalitarismo capitalista e de seu Estado implica notadamente que a questão militar seja ligada ao conjunto da tática, e que a revolta espontânea dê lugar à insurreição preparada e dirigida pelo partido de classe. Aliás, é significativo que no trecho seguinte Engels compare a lenta ascensão dos efetivos eleitorais do partido a uma operação militar, que permite após um cerco e longos preparativos enfrentar ou melhor empreender o assalto.

"Empreendemos uma guerra de posição contra nosso inimigo, e enquanto nossas trincheiras não param de progredir e apertar o cerco, tudo vai bem. Estamos agora bem perto do segundo paralelo, onde ergueremos nossas baterias desmontáveis e já poderemos fazer silenciar a artilharia adversária. Ora, se estamos suficientemente avançados para que os sitiados não possam ser momentaneamente liberados desse bloqueio por uma guerra mundial, podemos então calcular o momento em que a artilharia começará seu bombardeio e poderemos passar ao ataque. Mas até lá, a lenta e tranqüila progressão das operações de cerco são a melhor garantia contra um assalto prematuro e contra sacrifícios inúteis.

O mais engraçado nisso tudo é que os sitiados proclamam o estado de sítio contra nós, os assaltantes."(Engels a H. Schluter, 19 de março de 1887)

4.1.16. O que Engels talvez não pôde forçosamente medir com mais precisão é a que ponto a social-democracia e seus chefes se distanciavam desse esquema e acabavam fazendo da atividade legal e parlamentar, da luta pelas reformas o fim em si da existência do partido. Estudaremos o fenômeno reformista numa parte ulterior dedicada a Social-Democracia Alemã no seio da Segunda Internacional. Mas já podemos dar algumas explicações materialistas dessa situação de fato.

---

<sup>12</sup> Essencialmente Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha em certos períodos.

De início, como dissemos, o período que vai de 1864 até o fim do século XIX é um período de expansão para o capital, em toda parte no mundo, e particularmente na Alemanha que precisa superar um forte atraso. Esta industrialização em marcha forçada certamente fornece os grandes batalhões de um novo proletariado industrial que desperta para a luta de classes e os temas revolucionários, mas favorece igualmente a possibilidade de outorgar aos operários as migalhas do festim capitalista que permitirá corromper a expressão revolucionária do proletariado.

Ao mesmo tempo, e como corolário, assiste-se à penetração da pequena burguesia no partido. Tornando-se um partido de massa, era normal que a social-democracia atraísse outras camadas além daquelas diretamente ligadas ao proletariado. No entanto, este sinal da influência do partido não deve mascarar o fato de que a pequena-burguesia pode, por definição, introduzir germes deletérios na organização do proletariado.

A regra sobre o assunto foi estabelecida desde o Manifesto do Partido Comunista de 1848. Somente na submissão total ao programa e aos objetivos finais do proletariado, assim como na aceitação total da tática definida pelo proletariado, que os trãnsfugas de outras classes são aceitos no partido e mesmo bem-vindos. Com a condição de que não procurem influencia a condução dos assuntos do partido. O que é problemático é que a pequena burguesia, quando intervém em quantidade não desprezível no partido, como foi o caso para a SD, traz com ela toda sua cultura de classe, seus preconceitos, sua ideologia que correm o risco de apodrecer a expressão do proletariado. Além disso, é ela que progressivamente ocupa os cargos de responsabilidade na medida em que para isso utiliza suas capacidades intelectuais (nos secretariados, na hierarquia do partido, na imprensa, etc). Isso não é necessariamente um problema em si, caso a utilização dessas camadas esteja firmemente submetida aos interesses afirmados do proletariado revolucionário. Mas torna-se um problema quando a condução dos assuntos do partido escapa das mãos dos operários para cair nas dos pequenos burgueses. Por outro lado, produz-se um fenômeno de apropriação dos cargos, gerador de uma burocracia que acaba por encontrar sua justificação e seu sentido na pura e simples existência de um partido legal, que a sustenta, mais do que na ação revolucionária. Se não há, seguramente, receita em matéria de luta contra o oportunismo, existem ao menos alguns sólidos princípios de organização dos quais jamais o partido deveria se distanciar. Um deles, aplicado pela Terceira Internacional, é a exigência de um peso majoritário de operários em todas as instâncias do partido, inclusive na cúpula. O outro é o da rotatividade das tarefas, que permite limitar uma ossificação das funções e a transformação dos responsáveis em burocratas.

Engels estava muito consciente desse perigo e, utilizando sua posição privilegiada fora do partido, fustigava toda essas maquinação.

"Jamais dissimulei que, a meu ver, na Alemanha, as massas eram muito melhores do que os Senhores chefes – sobretudo depois que, graças à imprensa e à agitação, o partido revolucionário, mas de serem afetadas de proibição e exílio.(...) A maioria delas permaneceu na Alemanha e encontra-se sobretudo em localidades bastante reacionárias, onde são marginalizadas do ponto de vista social, mas dependem de filisteus para sua subsistência, e muitas estão gangrenadas pelo filistinismo. Fundamentaram portanto rapidamente todas suas esperanças no fim da lei anti-

socialista. Não surpreende que, sob a pressão dos filisteus, lhes tenha ocorrido a idéia idiota – na realidade totalmente absurda – de que poderiam consegui-lo mostrando-se dóceis (...) As pequenas condições fazem as mesquinhas concepções, e é preciso muita inteligência e energia para quem vive na Alemanha para ser capaz de enxergar além do círculo absolutamente imediato e não perder de vista o encadeamento geral dos eventos históricos (...).

Assim, por mais natural que seja a aparição dessa orientação que mascara sua falta de compreensão e de vontade de resistência atrás de uma "objetividade" superinteligente, isso não significa que não é preciso combatê-la com energia. E é aí que a massa dos operários oferece o melhor ponto de apoio. Eles são os únicos a viver em condições modernas na Alemanha e todas as suas pequenas e grandes misérias encontram seu centro no capital opressor. Enquanto todos os outros combates, tanto políticos como sociais, são miseráveis e mesquinhos na Alemanha, e só giram em torno de canalhices, combates já superados no exterior, o combate dos operários é o único que possui grande envergadura, o único que está ao nível de nossa época, e não desmoraliza os combatentes, mas injeta-lhes incessantemente uma nova energia. Portanto, quanto mais vocês procurarem seus correspondentes entre os verdadeiros operários, aqueles que ainda não se tornaram "chefes", mais chances terão de opor um contra-peso às declamações e às choradeiras dos chefes." (Engels a Bernstein, 25 de janeiro de 1882)

É importante sublinhar aqui, em relação ao leninismo, que Marx e Engels, eles próprios intelectuais, opuseram-se com todas as suas forças à teoria que desejava que a consciência comunista fosse fornecida pelos intelectuais ao proletariado, e que a emancipação dos trabalhadores fosse outra coisa do que a "obra dos próprios trabalhadores."

"Fundando a Internacional, proclamamos expressamente que o lema de nosso combate era: "A emancipação da classe operária será obra da própria classe operária."

Não podemos portanto marchar com gente que exprime abertamente que os operários são incultos demais para eles próprios se emanciparem e que devem, portanto, ser liberados inicialmente a partir de cima pelos grandes e filantropos pequenos burgueses." (Marx-Engels. Circular a Bebel, Liebknecht, Brack, meados de setembro de 1879)

4.1.17. A partir dos anos 1870, Engels havia sido levado a desviar-se momentaneamente de seus estudos sobre a dialética da natureza para bloquear no plano teórico a influência de certas teses pequeno-burguesas dentro do Partido. A penetração destas era tão forte que Engels teve de batalhar para fazer publicar em fascículos no "Vorwärts", o órgão do partido, sua crítica contra Duhring. Esta foi a ocasião de reafirmar as posições-chave do programa comunista em matéria de crítica da economia política e de dialética materialista.

No entanto, tratava-se ainda da luta para impor as concepções comunistas frente às seqüelas do socialismo pequeno-burguês, etc, numa época em que só minorias de proletários situavam-se firmemente sobre a base de uma compreensão resoluta do programa.

A fase de penetração pequeno-burguesa dos anos 1880, efetua-se a partir dos sucessos eleitorais do partido. Conseqüentemente, na ótica de seus dirigentes, em uma base legalista e de busca de uma respeitabilidade que acompanha o crescimento da força do partido. Ela possui, portanto, em germe, todas as outras conseqüências. Não se trata mais apenas de expressões estranhas a um movimento em via de constituição, mas de fenômenos surgidos na própria base do desenvolvimento do partido. Trata-se desta vez de gente que pretenderá colocar a teoria em prática com seus atos e que não se tornará de maneira visível demais um obstáculo à sua própria prática. Como dizia Bernstein, era o momento de alinhar a teoria na prática. Retomaremos as raízes materiais do revisionismo na exposição da Segunda Internacional. Com efeito – e independentemente do fato de ter intervindo publicamente logo após a fase cronológica que fixamos aqui – o revisionismo não é em si mesmo um fenômeno especificamente alemão. Suas raízes, como mostrou muito bem Rosa Luxemburgo, encontram-se no desenvolvimento do capital, e é portanto observando a realidade social na Inglaterra que Berstein chegou às suas teorias. No entanto, do mesmo modo que a teoria revolucionária foi formulada pelos alemães, foram os alemães que tomaram a iniciativa de sua negação.

4.1.18. Sabe-se que o revisionismo caracterizou-se essencialmente pela seguinte fórmula, que o resume na íntegra: "O objetivo não é nada, o movimento é tudo". É característico dessas doenças da vontade focalizar-se nos meios, nos instrumentos, nos aspectos contingentes, duvidando e mesmo negando o objetivo final. No plano da organização, isso se caracterizou por um reforço do aparelho do partido em detrimento de seu programa. A manutenção em vida da organização, de seus quadros, a sustentação de uma burocracia numerosa que, no limite, tinha tudo a temer de um movimento revolucionário que lhe faria perder sua estabilidade, tudo isso tornava-se prioritário em relação à própria atividade revolucionária.

Da teoria do partido desenvolvida por Marx, como fração orgânica da classe destinada a encarnar subjetivamente seu ser revolucionário, da concepção do partido-programa, prefiguração da comunidade humana, passava-se insensivelmente a uma concepção mais "objetivista", utilitarista do partido. Este último não devia mais ser a mediação revolucionária através da qual o proletariado, como classe em si da sociedade capitalista, poderia existir em si e para si, como classe revolucionária, negação do capitalismo; ele tornava-se um órgão de gestão da vida cotidiana do proletariado no MPC, e também, portanto, um órgão destinado de certa maneira a perenizar o proletariado, e portanto, o capital.

Assim como Engels esperava do reforço do movimento real a possibilidade de uma cisão salutar, Lênin pensava que existiria no momento da crise revolucionária uma prova de verdade, e que aquilo que era são e revolucionário no partido se separaria da ganga podre do reformismo e do oportunismo. Infelizmente, como tentaremos mostrar no decorrer dos próximos capítulos, essa corrente era muito forte.

4.1.19. Um outro ponto sobre o qual manifestava-se o reformismo no partido alemão desde os anos 1870 era a questão da fração parlamentar. A Esquerda da Itália, confrontada com o mesmo problema no início do século XX – que estava aliás, ligado ao peso do reformismo em todos os países – sublinhava que a fração parlamentar do partido estava sempre à

extrema-direita deste. A Esquerda opôs-se, em circunstâncias análogas na Itália, à tese segundo a qual a fração parlamentar deveria desfrutar de autonomia em relação ao partido.

Assim, quando em 1884 os deputados social-democratas alemães decidiram, contra a política do partido, votar as subvenções do Reich para o desenvolvimento de linhas de navegação a vapor para além-mar (condição do desenvolvimento do colonialismo alemão), Bebel recorreu a toda sua força para proibir esse voto por parte da fração. Os deputados finalmente alinharam-se à opinião do "Sozial-Demokrat", órgão do partido.

Em todo caso, é certo que a fração parlamentar era um fermento de oportunismo no partido, que ela endossava os costumes dos adversários com quem conviviam todos os dias em vez de combatê-los, e que ela dificilmente respeitava as regras do parlamentarismo revolucionário, tal como eram defendidas – e aplicadas – na Rússia, por exemplo.

"Esse trabalho "parlamentar" exige uma firmeza e um temperamento revolucionário excepcionais. Aqui, com efeito, os homens estão num posto particularmente perigoso. Eles minam a posição do inimigo em seu próprio campo: entram no parlamento não para receber essa máquina nas mãos, mas para ajudar as massas a fazê-la explodir a partir de fora." (Zinoviev, Carta Circular ao Comitê Executivo da IC)

Nessa perspectiva, e quando o partido é bem claro sobre esta questão, os homens enviados ao parlamento são revolucionários forjados, se possível operários, e não pequeno-burgueses desejosos de fazer carreira. Desde o início, Engels insurgia-se contra os propósitos de Liebknecht que repreendia certos deputados por causa de seus erros de alemão nos discursos. Pouco importa, dizia ele, se o fundo do discurso é revolucionário.

4.1.20. Um outro elemento teórico que testemunhava o distanciamento do partido com relação às tarefas de preparação revolucionária era a tese do "colapso" do modo de produção capitalista, tese que, nos seus efeitos, era o corolário do gradualismo reformista. Como pseudo-ortodoxia marxista, a tese do colapso pretendia que o capitalismo se esfacelaria automaticamente na crise e que era necessário apenas ser paciente e esperar. Embora de aparência mais ortodoxa, essa tese produzia de fato exatamente o mesmo efeito que o reformismo: atenuar a preparação do combate revolucionário, reportando-se a causas exteriores que assegurariam mecanicamente o triunfo dos interesses do proletariado. Aqui sob uma aparência radical (colapso), lá num contexto gradualista (a conquista pacífica de reformas aptas a melhorar a situação do proletariado no seio da sociedade). Ora, se a dialética revolucionária atribui um grande papel às condições objetivas que levam o capitalismo a secretar ele mesmo as condições de sua derrocada na crise catastrófica, ela diz que nada brotará de uma tal situação, a não ser o caos, se nesse momento não existir um partido revolucionário forte e decidido, capaz de dirigir o inevitável movimento de massas, assumindo sua direção no sentido da insurreição armada contra o Estado burguês e pela instauração da ditadura do proletariado.

4.1.21. Como foi lembrado na introdução desse trabalho, a questão que se coloca para todo revolucionário é a seguinte: não seria possível salvar o partido, eliminando-se os elementos podres, para torná-lo mais puro, mais revolucionário?

Durante toda a fase das leis anti-socialistas, a posição de Engels é clara: uma cisão que não pudesse ser explicada publicamente (por causa da censura) seria nefasta, pois beneficiaria os adversários. É certo que se desenvolvem no partido tendências desprezíveis, e que estas chegam mesmo a formar, como é o caso para a fração parlamentar, um "partido dentro do partido". Mas Engels pensa (como Lênin mais tarde em relação ao conjunto da Segunda Internacional) que tais desenvolvimentos são inevitáveis num período como esse e que a inelutável evolução histórica conduzirá obrigatoriamente essas forças a se colocarem elas próprias fora do partido.

Nessas condições, a cisão deve ser conduzida em benefício exclusivo das forças verdadeiramente proletárias no seio do partido. Notadamente:

"1/ Diferir tanto quanto possível a cisão; 2/ se ela tornar-se inevitável, então é necessário deixá-la vir a partir deles; 3/ enquanto isso, prepara tudo; 4/ nada fazer, sem pelo menos Bebel, e se possível Liebknecht (...) e 5/ defender contra tudo e contra todos a fortaleza do Sozial-Demokrat até o último cartucho." (Engels a Bernstein, 5 de junho de 1884)

"A divisão em um campo proletário e um campo burguês torna-se cada vez mais marcada, e se os burgueses tentarem então colocar os proletários em minoria, poderão provocar a cisão. Creio que é necessário ter essa eventualidade em vista. Se eles provocam a cisão – para a qual eles devem, no entanto, munir-se ainda de um pouco de coragem – isso não será muito grave. Continuo acreditando que não podemos nos permitir provocá-la enquanto vigorar a lei anti-socialista; mas se a cisão ocorrer, então é necessário assumi-la e eu estou ao seu lado na briga." (Engels a Bebel, 11 de outubro de 1884)

A regra no caso é organizar a cisão "de modo que continuemos o velho partido, e eles saiam ou sejam expulsos" (idem). É uma regra que tivemos a ocasião de sublinhar repentinamente ao longo desse trabalho histórico sobre o partido do proletariado, deplorando amargamente que por duas vezes a Internacional do proletariado (1914 e 1928) tenha caído nas mãos dos adversários de classe, em vez de ficar nas do proletariado, ainda que lhe caiba a tarefa de liquidar o partido como Marx e Engels não hesitaram fazer em 1852 (Liga dos Comunistas) e em 1872 (AIT).

4.1.22. Em seguida, uma vez abolida a lei anti-socialista, Engels considerava, infelizmente de maneira muito otimista, que o desenvolvimento do partido seria mais forte que o das tendências oportunistas em seu interior (as quais constituíam, de certo modo, um mal necessário desse desenvolvimento), e que a prova de fogo traria obrigatoriamente uma decantação a favor da essência proletária do partido (Lênin viria a se situar exatamente na mesma posição).

Sabe-se que foi o contrário o que aconteceu. Isso mostra que não há receita de organização para salvar o partido. A única solução reside na manutenção da chama revolucionária, isto é, a defesa do programa comunista. Engels assumiu essa defesa, enquanto esteve vivo, de fora do partido. Não existiam forças internas suficientes para

servir de contrapeso quando a realidade histórica tendia a reforçar o peso do reformismo, a ponto de permitir-lhe arrastar todo o partido para o terreno da colaboração de classes como em 1914. Definitivamente, tudo aquilo contra o que Marx e Engels lutaram com todas as suas forças, ou seja, o oportunismo, o reformismo, o cretinismo parlamentar, foi muito forte. Nessas condições, se tivessem existido forças revolucionárias no interior do partido alemão capazes de organizar uma cisão, eles não teriam tido outra escolha a não ser reduzirem-se ao estado de seita, separada do movimento de massas. A única solução era defender o programa comunista dentro do partido operário mais potente da Europa. Em suma, a história é uma realidade objetiva e, a partir do momento em que as forças capazes de assumir tal combate não existiam mais, a ascensão reformista era inexorável. Veremos no decorrer deste trabalho que a recomposição internacional do movimento após a catástrofe de 1914 foi justamente permitida por aqueles que, como os bolcheviques, se situavam na linha de Engels e privilegiavam antes de tudo a defesa do programa revolucionário.

4.1.23. A virada da legalização definitiva do partido ocorreu em 1890, quando o imperador Guilherme obriga Bismarck a revogar as leis de exceção anti-socialistas. O sucesso do partido está em que, sob uma legislação expressamente dirigida contra ele, num ambiente de repressão permanente, ele conseguiu não somente manter-se, mas desenvolver-se. Engels espera, de uma parte, que esse movimento faça progressivamente reverter a relação de forças a favor do proletariado; de outra parte, que absorva e digira as correntes pequeno-burguesas e seu inevitável aporte de oportunismo. Como sempre, a prioridade é dada, à vida, à dinâmica histórica.

É por isso que em 1891, quando o partido, enfim senhor de seus movimentos na cena política, prepara para o congresso de Erfurt a refusão de seu programa de 1869, Engels julga ser esta a ocasião para dotar-se enfim de um programa clarificado e definitivamente desembaraçado das últimas escórias lassalleanas.

4.1.24. Do ponto de vista de Engels, 1891 deveria ser o ano da liquidação póstuma do lassallismo. Equívocos demais foram mantidos a esse respeito durante 15 anos e o oportunismo nutriu-se dessa falta de precisão teórica.

"Lassalle pertence à história há vinte e seis anos. Se evitou-se sob a lei de exceção submetê-lo a uma crítica histórica, chegou o momento desta recobrar seus direitos – e que a luza seja feita sobre a posição de Lassalle em relação a Marx." (Engels a Kautsky, 23 de fevereiro de 1891)

Este acerto de contas com o lassallismo devia passar por um acerto de contas com o oportunismo no partido; o instrumento foi a publicação, na "Neue Zeit", do velho texto de 15 anos atrás que Marx havia redigido contra o programa de Gotha. Assim, a obra que não pôde completar-se vivamente em 1875 completava-se agora. Isso para grande furor dos Liebnecht e consortes que se achavam – a justo título – igualmente visados pela manobra.

"Durante os quinze anos que durou a lei anti-socialistas, não foi evidentemente possível reagir contra o culto a Lassalle no interior do partido. Ora, era necessário por fim a essa situação – e é isto que eu provoquei. Não permitirei mais que a falsa

glória de Lassalle se mantenha às custas de Marx e que ela seja pregada novamente. As próprias pessoas que conheceram Lassalle e que o adoraram são pouco numerosas hoje, e nas outras o culto a Lassalle é um artigo de pura fabricação, que se mantém porque nós o toleramos tacitamente, embora saibamos o quanto ele é falso: isso não se justifica portanto sequer pela devoção pessoal." (Engels a Bebel, primeiro de Maio de 1891)

4.1.25. Nos últimos anos de sua vida Engels continuou incansavelmente sua obra em relação ao partido alemão e demais partidos europeus.

A lógica política dessa intervenção é constante e fundamenta-se na crítica permanente das tendências oportunistas e reformistas no seio do movimento, assim como no estudo tático das condições objetivas que conduzirão o rumo dos acontecimentos a precipitar-se na direção de uma retomada revolucionária.

Sobre o primeiro ponto, em 1894, Engels avalia que o partido atingiu os últimos limites possíveis do emburguesamento, e que se ele continuasse nessa trajetória oportunista acabaria por se perder (cf. carta a Lafargue, em 22 de novembro de 1894).

Com relação ao segundo ponto, Engels sublinha que se aproxima o momento em que o partido poderá se desfazer de sua tática legalista para passar a uma tática de enfrentamento direto com o Estado. A propósito da crítica da fórmula lassalleana da "massa reacionária" que seria formada por todas as outras classes contra o proletariado, Engels ressalta que essa fórmula tem o defeito de ser definida como um absoluto, quando se trata apenas de um momento tático. Aquele em que as forças burguesas se unificam contra o perigo proletário. Mas antes disso, há uma dinâmica política no interior das forças burguesas que as impele a superestimar o proletariado, o que pode levá-las a conceder reformas, etc. Esse movimento foi particularmente estudado com relação à França e teremos ocasião de retomá-lo no item 4.3. desse trabalho num número posterior da revista.

Sabemos que as distâncias históricas são freqüentemente mais longas do que supõem os revolucionários. O momento que Engels previa próximo, em 1894, demorou vinte anos para chegar. 1914 era efetivamente o ponto em que o partido deveria despojar-se de sua tática legalista e engajar-se na ação revolucionária. Infelizmente, o corolário também era verdadeiro, e esse também foi o momento em que revelou-se brutalmente que todos os limites do emburguesamento haviam sido vergonhosamente ultrapassados.

## **CONCLUSÃO PROVISÓRIA**

Ao final do item 4 dedicado ao reforço dos partidos operários nos países em que se coloca a tática da revolução pura após 1871, retomaremos as conclusões gerais sobre todos esses pontos, fundamentais para a compreensão passada e futura da tática revolucionária. Mas aqui já podemos fazer um resumo "inicial" de alguns pontos que vieram à luz neste exemplo alemão:

- Para que o proletariado realize sua grande obra de emancipação é necessário que se constitua um partido operário.

- Com relação a esse partido, que "nasce espontaneamente do solo da sociedade moderna" (Marx), os comunistas devem intervir para nele defender o programa comunista e levá-lo a encarnar de maneira sempre mais "pura" este programa.

- Em circunstâncias em que a classe operária se revelou suficientemente potente para criar seu próprio partido "oposto e distinto" em relação a todos os outros partidos, mas em que a relação de forças ainda não é favorável à revolução, é necessário trabalhar no reforço paciente das posições revolucionárias recusando-se o aventureirismo.

- Para isso, TODOS os meios são utilizáveis, ilegais, como na época da lei anti-socialista, mas também legais quando as circunstâncias o permitem (imprensa legal, reuniões, propaganda, participação nas eleições, agitação parlamentar, etc).

- A garantia do êxito dessa tática reside na possibilidade de jamais fetichizar esse legalismo, mas considerá-lo pelo que é: um meio temporário de reforçar e de concentrar os efetivos revolucionários.

- Por essa razão, ela se faz necessariamente acompanhar pela preparação revolucionária, nos corpos e nos espíritos.

- O comunismo é a arte da previsão. Uma tática como essa se faz acompanhar, portanto, de um trabalho de avaliação das forças e da realidade política, permitindo definir o momento em que a passagem a uma outra tática será necessária.

- Lutar incessantemente dentro e fora do partido contra todas as expressões desencaminhadas, seja no plano teórico ou tático/político.

- Privilegiar sempre o movimento da luta de classes, a dinâmica da marcha da vida, em relação aos esquemas teóricos, sobretudo quando estes não têm mais nada de autêntico mas são a máscara do oportunismo.

- Verificar no movimento da própria classe as grandes opções teóricas que permitirão, se o movimento for dirigido de maneira revolucionária, superar englobando/destruindo as forças e expressões pequeno-burguesas que o crescimento do partido não deixa de atrair e de suscitar.

# **COMUNISMO**

**PELA ABOLIÇÃO DO SISTEMA DE TRABALHO ASSALARIADO**

O grupo COMUNISMO (anteriormente Colectivo Comunista Alptraum) reivindica-se da tradição do comunismo que provém da constituição da Liga dos Comunistas, Associação Internacional dos Trabalhadores, II Internacional, III Internacional, até as diferentes frações da esquerda comunista que surgiram contra sua degenerescência política e organizacional; assim como da fração comunista da esquerda (Grupo de Trabalhadores Marxistas e Liga dos Comunistas) que, na década dos 30 no México, lutaram contra a traição trotskista e a contra-revolução estalinista.

O Grupo COMUNISMO é pela reconstrução do Partido Comunista em escala mundial. E considera que a base de sua reconstituição encontra-se na reapropriação integral da teoria e/ou Programa Comunista que é por natureza invariante; considera que o órgão universal e indispensável da luta revolucionária do proletariado é o partido de classe, Partido Comunista, que reúne em seu seio a força mais avançada e decidida do proletariado. Neste sentido, considera que a ascensão do proletariado à sua auto-consciência se realizará com o nascimento da forma-partido, órgão dirigente do proletariado.

O grupo COMUNISMO considera que é na perspectiva da crise catastrófica do modo de produção capitalista que se encontra o fundamento da previsão marxista da Revolução Comunista.

O grupo COMUNISMO considera superada tanto a tática sindical como a parlamentar, em qualquer lugar do mundo. E, neste sentido, considera ambas as táticas como opostas e contrárias à realização do Programa Comunista e antinômicas à atividade revolucionária do proletariado.

## O GRUPO COMUNISMO

**I.** Reivindica-se da tradição do Comunismo, desde a Liga dos Comunistas (Manifesto do Partido Comunista de 1848), a Associação Internacional dos Trabalhadores, a Segunda Internacional, a Terceira Internacional até as diferentes frações da Esquerda Comunista que surgiram frente à sua degenerescência, assim como das frações da Esquerda Comunista Mexicana dos anos 30.

**II.** De modo específico, reivindica-se da tradição e da escola comunista oriunda da esquerda comunista da Itália, que começa com a fundação do Partido Comunista da Itália (Livorno 1921).

**III.** Afirma que desde 1848 a luta de classes proletária expressa a necessidade de subverter o mundo capitalista da alienação e, neste sentido, reitera a unidade orgânica do movimento operário e a vigência absoluta do Programa Comunista desde essa data.

**IV.** Reitera a unidade orgânica e a Invariância da teoria comunista.

**V.** Considera como necessária a reconstrução do Partido Político do Proletariado que, tanto por sua forma como por seu conteúdo, será internacional.

**VI.** Considera que, enquanto existir o poder burguês, o órgão universal da revolução é o Partido Político do Proletariado.

**VII.** Considera que a figura estatal da ditadura do proletariado, "período político de transição" (Marx), é, por sua forma, a rede universal e mundial dos conselhos operários e por seu conteúdo a organização dos proletários (antes oprimidos) na repressão violenta contra a resistência dos exploradores.

**VIII.** Considera que os sindicatos são os pilares do sistema capitalista, já que através destes afirma-se o sistema de exploração capitalista.

**IX.** Afirma-se como anti-parlamentar, por considerar o parlamentarismo como contrário e oposto à atividade revolucionária do proletariado.

**X.** Assinala como ponto programático essencial da revolução comunista a abolição do sistema de trabalho assalariado.

## APRESENTAÇÃO

COMUNISMO é um grupo de militantes revolucionários que se constituiu há oito anos sobre a base da reapropriação do PROGRAMA COMUNISTA com vistas à reconstrução do Partido Comunista.

COMUNISMO reivindica-se da tradição do comunismo que nasceu com a constituição da Liga dos Comunistas, a Associação Internacional dos Trabalhadores, a Terceira Internacional, até às diversas frações da Esquerda Comunista que surgiram face à sua degenerescência política e organizacional; igualmente da fração comunista de esquerda (Grupo dos Trabalhadores Marxistas e Liga dos Comunistas) que nos anos trinta, no México, levantou-se contra a traição trotskysta e a contra-revolução stalinista. COMUNISMO reivindica-se também da tradição e da escola comunistas surgidas da Esquerda Comunista da Itália.

O grupo COMUNISMO é pela reconstrução do Partido Comunista mundial e considera que a base de sua reconstrução situa-se na necessária reapropriação integral da teoria e/ou do Programa Comunista que em si é invariante. Considera que o órgão universal e indispensável da Revolução Comunista é o partido político da classe operária que reúne em seu seio as forças mais avançadas e mais decididas do proletariado. Considera que o proletariado chegará à consciência de si com o nascimento do partido formal, órgão dirigente do proletariado. O grupo COMUNISMO considera que é na perspectiva da crise catastrófica do modo de produção capitalista que se situa o fundamento da previsão marxista da revolução comunista. O objetivo imediato da revolução proletária é a destruição do poder do Estado burguês e a instauração da ditadura do proletariado.

COMUNISMO coloca como elemento essencial da revolução comunista a abolição do trabalho assalariado.

## II

O grupo COMUNISMO forjou-se ao longo de vários anos de debate e num processo orgânico-político de decantação que teve sua origem no Partido Mexicano do Proletariado (P.M.P.), nascido em 1980 e influenciado na origem pela Esquerda Comunista da Itália.

Desde sua fundação, o PMP situou-se no campo do proletariado estabelecendo em seu programa que:

-'...a abolição definitiva do trabalho assalariado representa o elemento essencial que sintetiza não apenas o conteúdo econômico do regime socialista, mas também o da luta de classes política e revolucionária que conduz a sua instauração.'<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Partido Mexicano do Proletariado (P.M.P.), programa. Ponto 10: o partido proletário independente marxista.

-'...o partido proletário marxista tem por missão histórica fundamental a abolição do trabalho assalariado, e por conseqüência a abolição das relações capitalistas que são sua origem, com vistas a instaurar as relações de produção socialistas." <sup>14</sup>

-'...dado o regime capitalista de produção, os interesses históricos mediatos e imediatos da classe operária só podem ser socialistas e conseqüentemente anti-democráticos.' <sup>15</sup>

Ele admitia igualmente:

-'...reconhece a validade do internacionalismo proletário e é por conseguinte anti-nacionalista';

-'...a luta de classes política contra o capital é ao mesmo tempo luta contra a democracia burguesa e portanto sempre antidemocrática.'

- ... o parlamentarismo é inoperante e nocivo para a classe proletária.' <sup>16</sup>

O PMP retomou, assim, em seu programa os princípios definidos em Livorno em 1921 quando da fundação do Partido Comunista da Itália:

'2. Qualquer que seja a forma do sistema representativo e o emprego da democracia eletiva, (o poder do Estado burguês) constitui o órgão de defesa dos interesses da classe capitalista.'

'3. O proletariado não pode quebrar nem modificar o sistema de relações capitalistas de produção, que é a fonte de sua exploração, sem a destruição violenta do poder burguês.'

'4. O órgão indispensável da luta revolucionária do proletariado é o partido de classe'

No entanto, no programa do PMP, ao lado dessas posições situadas no terreno político da classe operária, coexistia um conjunto de considerações totalmente ambíguas referentes a problemas centrais do movimento proletário, tanto no plano teórico como prático, que o fazia orientar-se rumo a posições centristas e oportunistas; isso porque, desde sua fundação em 1980, ele portava em germe contradições, ambigüidades e vacilações programáticas, orgânicas e táticas provenientes principalmente das limitações existentes no campo geral da consciência de classe. <sup>17</sup>

Quando do congresso fundador do PMP, foi decidida a formação de células. Uma delas – a célula Karl Korch – foi o antecedente orgânico de nosso grupo atual. Em fortes

---

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> Ibid., ponto 4: a democracia

<sup>16</sup> Ibid., resumo em um ponto.

<sup>17</sup> Este problema está mais amplamente desenvolvido na brochura número 1 do CCA; COMUNISMO n.1, órgão do CCA 'Apresentação', em COMUNISMO n.2-3.

confrontações políticas e ideológicas, a célula Karl Korsh enfrentou sucessivamente as correntes feministas, academicistas e ativistas que haviam se desenvolvido no interior do PMP e que finalmente dispersaram-se.

Assim, "...no interior do PMP nossos debates giraram em torno de quatro eixos (...):

- A natureza do desenvolvimento capitalista que qualificamos de decadente ou senil;
- O papel contra-revolucionário dos sindicatos e do parlamento em todas as regiões do mundo;
- A invariância do discurso marxista do proletariado e a continuidade-permanência da luta do proletariado de 1848 até nossos dias, e nesse sentido de seu PROGRAMA COMUNISTA."<sup>18</sup>

A célula Karl Korsh tornou-se, então, a coluna vertebral da atividade política do PMP: ela assegurou a publicação e a distribuição da revista "AUTOGESTÃO" da segunda época, órgão do partido; desenvolveu uma propaganda anti-parlamentar, suscitou debates internos e estabeleceu os primeiros contatos com o meio revolucionário internacional.<sup>19</sup>

Em 1982, frente à crise do PMP, a célula Karl Korsh suscitou e desenvolveu debates internos para clarificar o papel da organização e sua tarefa política. No fim desse ano, ela constituiu-se formalmente enquanto Colectivo Comunista Alptraum (CCA), propondo-se inicialmente a realizar a crítica do programa do PMP e estabelecer em seguida quais seriam as tarefas políticas orgânicas derivadas da crítica do programa e, enfim, cerrar fileiras com o meio revolucionário internacional. No que diz respeito a este último ponto, estabelecemos discussões com a Corrente Comunista Internacional (CCI) durante dois anos a partir do fim de 1982.

O processo desembocou na elaboração de dois documentos: as teses do CCA e um texto de ruptura com o PMP, que tínhamos apresentado para que fosse debatido por ocasião da reunião preparatória ao Segundo congresso do PMP em março de 1987. Achávamos necessário que o CCA rompesse com o PMP para poder salvar os princípios teórico-políticos desta organização.

A partir de 1983, o CCA manteve um debate político sistemático com o CCI, notadamente sobre: a crise atual do capitalismo; a decadência do modo de produção capitalista; o desenvolvimento, as características e as perspectivas da luta do proletariado; e a necessidade de um debate permanente entre os revolucionários em escala mundial, dentro do objetivo de formar um pólo de reagrupamento mundial. É nessa perspectiva que, desde então, temos desenvolvido nossas relações com o que se chama de Maio proletário (BIPR, PCI – Programa –, CouC, etc.)<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Brochura n.1 do CCA, abril de 1985, pg. 9

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Ibid. pg. 8

### III

Devemos reconhecer que as posições apresentadas nas teses do CCA não são nem acabadas nem completas, já que constituem, como assinalamos no momento de sua publicação, o ponto de partida de um debate mais amplo que, a partir daí, conduziu à decantação e ao enriquecimento de nossas posições teórico-políticas.

Em muitas dessas teses a influência do CCI é evidente. Aqui ainda, posições que tentam preservar o conteúdo essencial da teoria comunista encontram-se misturadas com as posições claramente imediatistas como o são as do CCI.

Escrevíamos em 1984 que nossos debates torno de três pontos fundamentais, a saber:

- "...reafirmar a unidade-identidade do desenvolvimento capitalista, em oposição a essas concepções que vêem o desenvolvimento capitalista baseado em diversas fases que se superpõem e freqüentemente se anulam ...(Cf. a concepção mandelista do capitalismo, a concepção hilferdiniana, etc);"

- "...a partir do momento estrutural de base de 1848, a luta do proletariado exprime, na Inglaterra e na Europa, a necessidade prática de livrar o mundo da alienação capitalista, e mostra o processo prático de constituição de um sujeito revolucionário objetivo que na sua unidade torna-se idêntico a si mesmo;"

- "...a teoria marxista, enquanto teoria crítica da revolução/contra-revolução, desde o momento de sua objetivação nos manuscritos de 1844 até a redação dos últimos escritos de Marx, é uma concepção autofundada; nessa medida ela permaneceu inalterada e invariável, e numa unidade-identidade com ela mesma." <sup>21</sup>

Uma das discussões mais importantes que estabelecemos desde o início com o CCI foi a que dizia respeito ao caráter da crise e a decadência do sistema capitalista. Numa dessas discussões, em 1985, reconhecíamos que "... o capitalismo atual encontra-se em seu período de decadência, decadência que por seu turno se exprime no conjunto da vida social', mas acrescentávamos também que "...o momento estrutural que permite realmente o advento da decadência é o da submissão real do processo de trabalho ao processo de valorização. Com a dominação do capital industrial e o apogeu da primeira e última revolução tecnológica, a da máquina, as relações capitalistas de produção esgotaram suas possibilidades históricas de desenvolvimento." <sup>22</sup>

À medida em que o CCA avançava, tendo como perspectiva o programa e/ou a teoria comunista, distanciava-se das posições do CCI. Num primeiro momento, o CCA reconheceu o conceito de decadência, mas esforçou-se sempre para encontrar-lhe um fundamento na teoria comunista, de tal modo que, chegado a um certo ponto nessa

<sup>21</sup> Ibid. pg. 8

<sup>22</sup> Comunismo n.4, fevereiro de 1988, p.1

pesquisa, concluiu DEFINITIVAMENTE que era impossível encontrar um fundamento marxista para a concepção decadentista do CCI, pois essas duas posições eram contraditórias. Além disso, chegamos à conclusão que, em termos políticos, aceitar a "teoria" da decadência do modo de produção capitalista significava ignorar que desde 1848 a luta de classes exprime a necessidade da revolução comunista e, conseqüentemente( a validade absoluta do PROGRAMA COMUNISTA desde esse momento. A medida, portanto, em que o CCA avançava na perspectiva do programa e/ou da teoria comunista, distanciava-se das posições do CCI e, no decorrer dos debates com as organizações políticas proletárias ligadas à Esquerda Comunista da Itália, suas posições orientaram-se mais claramente para esta corrente.

O CCA passou, portanto, por um processo interno de reconsideração de certas posições que havia sustentado, sob influência do CCI, a saber: "a auto-organização" do proletariado; a caracterização do "curso histórico" da luta política do proletariado, etc. Mais ainda, no entanto, conforme escrevíamos em COMUNISMO n.4:

"Nossas divergências no terreno da "prática" com esta organização política do proletariado referem-se à rejeição do empirismo e/ou ativismo, e mais ainda do democratismo que ela comprova na sua intervenção aqui no México quando do debate com outros grupos provenientes do esquerdismo; e, enfim, seu abandono, no plano teórico, de toda ortodoxia da teoria comunista." <sup>23</sup>

Reafirmamos, portanto, que a partir da publicação de COMUNISMO n.4 e de nossa mudança de nome -de Colectivo Comunista Alptraum para Grupo Comunismo – começou para nós uma nova etapa, na perspectiva da reconstrução do Partido Comunista Mundial e da reapropriação global do PROGRAMA COMUNISTA.

Decidimos aderir à proposição de colaboração técnica feita em 8 de fevereiro de 1987 por COMUNISMO OU CIVILIZAÇÃO, GERMANO e a REVISTA COMUNISTA, porque a consideramos como um passo importante para o estabelecimento de bases mínimas de colaboração comum entre os diversos grupos que atualmente constituem o movimento comunista internacional; porque estamos de acordo com o fato de que as divergências políticas existentes no seio desse movimento são o resultado da luta de classes e não o produto voluntarista do "sectarismo" dos grupos.

---

<sup>23</sup> "As concepções erradas do CCI sobre a situação da luta das classes proletárias, a reapropriação do programa e a reconstrução do Partido comunista exprimem-se claramente naqueles que consideram "necessária a intervenção dos revolucionários" na luta atual da classe operária frente a uma pretensa "aceleração da história". O empirismo e o ativismo daí decorrentes levaram-no a perder toda seriedade na sua "intervenção", procurando aliados entre grupos que escondem do meio proletário seu passado esquerdista, como no caso do Grupo Proletário Internacionalista (GPI); diante disso, é necessário lembrar ao CCI que ele próprio cai na armadilha por ele descrita recentemente na Revista Internacional n.55, a saber: "o fato de milhares de indivíduos, que um dia antes juravam pelo programa de transição de Trotski ou o bloco das quatro classes de Mao, começarem repentinamente a citar a torto e a direito Pannekoek e Bordiga, não era (não é, corrigamos) uma força, mas ao contrário, uma fraqueza, e sobretudo um grave perigo para o movimento revolucionário." (pg. 22)

COMUNISMO considera que esta colaboração técnica não elimina instantaneamente as divergências políticas que têm sua origem na própria história do movimento comunista e que não serão ultrapassadas por um debate de tipo democrático entre os elementos que compõem o partido histórico da classe operária. COMUNISMO pensa, ao contrário, que é necessário levar a bom termo um combate pela reapropriação do programa histórico, base do PARTIDO COMUNISTA mundial. Ao longo dessa batalha, as frações da vanguarda do proletariado que souberem ater-se aos enunciados invariantes do PROGRAMA COMUNISTA triunfarão frente às expressões da falsa consciência do proletariado.

Além disso, pensamos que a perspectiva da crise industrial que ameaça a economia mundial coloca na ordem do dia o estreitamento dos laços de colaboração técnica dos revolucionários no mundo.

O artigo "A crise catastrófica do sistema capitalista e a política econômica atual da burguesia" que apresentamos no primeiro número da REVISTA INTERNACIONAL DO MOVIMENTO COMUNISTA foi publicado originalmente no n.4 de nossa revista COMUNISMO em fevereiro de 1988.

Nele mostramos como o "crack" bursátil de outubro de 1987 ocorrido nos principais centros de acumulação do capital financeiro internacional constitui o preâmbulo de uma nova crise cíclica de superprodução. Isto é, que a crise de superprodução surgiu inicialmente no campo da especulação financeira e não tardará a atingir o da produção industrial. Assinalamos que essa nova crise cíclica será uma das mais profundas do modo de produção capitalista, pois ocorrerá no principal centro de poder, de riqueza e de concentração do capital, os Estados Unidos, e que se estenderá a partir daí ao resto da economia mundial.

Este enunciado apóia-se no argumento da teoria comunista segundo o qual a crise de super-acumulação explode inicialmente no terreno da especulação, para atingir em seguida o da produção, do comércio e do mercado mundial. A especulação apenas propicia saídas provisórias à super-acumulação capitalista, e é por isso que ela será seguida, necessariamente, por uma crise de produção.

A importância dos eventos atuais provém do fato de que a crise que se perfila encontra sua origem nos Estados Unidos, pólo dominante da economia capitalista, e que conseqüentemente o conjunto das redes monetárias que permitem a fluidez monetária e mercantil do capital mundial será severamente afetada.

Para a classe operária mundial, esta situação significa uma intensificação do ataque direto, profundo e ampliado contra suas condições de existência.

No entanto, nessa introdução, convém fazer algumas precisões sobre os recentes eventos ocorridos na economia capitalista mundial. Na esteira do "crack" bursátil de outubro, os indicadores econômicos no pólo determinante da economia capitalista mundial (os Estados Unidos) conheceram uma evolução "favorável" no que se refere:

- ao crescimento da produção industrial (5,1% no quarto trimestre de 1987 e 6% no primeiro trimestre de 1988);

- ao crescimento dos estoques de produtos manufaturados cujo ritmo de crescimento diminuiu (1,3% no quarto trimestre de 1987 e 0,5% no primeiro trimestre de 1988);

- à utilização da capacidade instalada, que permaneceu praticamente constante (ela foi de 82,3% no quarto trimestre de 1987 e 82,4% no primeiro trimestre de 1988);

- à taxa de desemprego, que caiu de 5,9% no quarto trimestre de 1987 para 5,7% no primeiro trimestre de 1988);

- à evolução "positiva" do déficit comercial, que gira por volta de 134 bilhões de dólares para o conjunto de 1988, ou seja, cerca de 14 bilhões de dólares a menos do que em 1987.

É por isso que a maioria dos economistas conclui que a atividade produtiva e o emprego comportaram-se bem melhor ao longo do ano e que "superaram as previsões oficiais" para 1988. Atrás de todos esses resultados escondem-se, em segundo plano, as políticas monetárias e fiscais da administração Reagan que conseguiram retardar a eclosão da crise econômica de superprodução, que de qualquer maneira está a caminho.

Após a queda do índice dos valores industriais Dow Jones, a administração Reagan tomou medidas imediatas: baixou as taxas de juro, dotou o sistema bancário de liquidez suficiente para responder à demanda de recursos em caso de falências de empresas; induziu à compra provisória de obrigações da Reserva federal, possibilitando assim mais liquidez ao sistema, tudo isso para evitar que os investidores reduzissem seus investimentos em razão da perda de valor ocasionada pela queda das cotações das ações.

Simultaneamente, os principais países do bloco imperialista americano (Alemanha Federal, Japão, Inglaterra, França, Canadá e Itália) adotaram medidas para estabilizar os mercados: redução das taxas de juro, implementação de políticas monetárias e fiscais expansionistas para estimular a demanda interna, e compromisso de levar a bom termo uma política coordenada de desvalorização do dólar, intervindo no mercado toda vez que isso fosse necessário.

Com essas medidas de política econômica, o Estado capitalista americano tentou evitar a queda do investimento das empresas, que teria provocado a baixa das cotações das ações bursáteis.

Nos meses que se seguiram ao "crack" bursátil, a economia internacional não conheceu paralisia da produção – o que significaria o início da crise – mas esse resultado da super-acumulação não poderá ser evitado num futuro próximo por algum tipo de "regulação" monetária ou financeira, na medida em que todas as políticas burguesas de atenuação têm seus limites. Os mesmos economistas reconhecem que no mínimo três elementos são necessários para garantir o crescimento econômico dos próximos anos:

1. A redução do déficit orçamentário americano que é indispensável para produzir, por sua vez, uma redução do déficit da balança corrente e uma queda das taxas de juros.

2. Japão e Alemanha devem respectivamente manter e acelerar o crescimento de sua demanda interna a fim de absorver a produção americana.

3. Os países do leste asiático recentemente industrializados (Coreia do Sul, Taiwan, etc) devem acelerar o crescimento de sua demanda interna, reavaliar sua moeda em relação ao dólar e reduzir sua proteção comercial.

Evidentemente, uma das maiores dificuldades da economia americana é restabelecer o "equilíbrio orçamentário" do Estado e, a partir disso, o "equilíbrio das contas externas". Mas esse "equilíbrio" só poderia ser obtido às custas dos "parceiros" comerciais da Europa ocidental e do Japão, sem falar das economias capitalistas periféricas. Se estas perdessem o escoadouro do mercado americano, a crise de superprodução surgiria nestes países.

Em suma, em seguida ao "crack" bursátil de outubro de 1987, que de Nova Iorque estendeu-se às principais praças financeiras do mundo, o Estado americano tomou medidas imediatas para conter o desencadeamento de uma crise de superprodução na própria indústria americana: manipulação das taxas de juro, intervenção para regular o sistema bancário, implementação de políticas monetárias e fiscais "oportunas" (sejam elas expansivas ou restritivas, mas sempre alternando-as). Além disso, o Estado americano teve de obrigar as outras burguesias imperialistas de seu bloco (principalmente a Europa e o Japão) a adotar medidas visando evitar a crise nos Estados Unidos. Mas nesse esforço para evitar o que é uma lei inelutável do movimento do capital, a burguesia americana e seus aliados encontram-se cada vez mais perto do ponto limite em que nenhuma outra manobra será possível. Quando esta margem se reduzir, a economia americana conhecerá graves dificuldades: crescimento do déficit externo, fuga de capitais, crescimento rápido da dívida externa e queda dos investimentos, que são apenas os indícios que mostram que a crise está em marcha.

#### IV

Nesse artigo, apresentávamos igualmente uma série de notas nas quais prevíamos claramente o atual curso político dos eventos mexicanos.

De início, mostrávamos que o movimento que se situa na base do neo-cardenismo era composto de uma série de "setores da burguesia pequena e média aliada às classes médias" (Revista Internacional do Movimento Comunista, pg.60).

Em segundo lugar, assinalávamos que o neo-cardenismo tornar-se-ia a segunda força eleitoral a partir da reestruturação que era orquestrada no interior do Estado capitalista mexicano. Em si, o reconhecimento da ideologia neo-cardenista é a consequência das respostas que setores da burguesia e das camadas da pequena burguesia deram ao processo acelerado de concentração e centralização de capitais que a economia mexicana conheceu nesses últimos anos (com suas consecutivas desvalorizações periódicas).

Indicávamos igualmente que esta reestruturação da forma política do Estado teria como consequência que o "partido da Quarta Internacional, o P.R.T. (seria) um pólo que reagruparia a esquerda extra-parlamentar, isto é o esquerdismo" (Revista Internacional do Movimento Comunista, pg. 60), o que se produziu, pois efetivamente o partido da Quarta Internacional não atingiu sua cota eleitoral nas eleições de 6 de julho.

Enfim, o relativo sucesso obtido pelo espantinho burguês representado pelo neo-cardenismo com sua função de enquadramento da massa operária mexicana deveu-se essencialmente à "própria fraqueza da massa operária que, após os golpes recebidos por parte do capital, não apresentou resposta significativa" (COMUNISMO, Suplemento do n.4, pg.3). Dessa maneira, é necessário observar que a realidade histórica mexicana está muito longe de verificar as ilusões imediatistas do voluntarismo anarquizante da Corrente Comunista Internacional e de seu homúnculo mexicano, o Grupo Proletário Internacionalista que, em razão do culto desmesurado que devota à massa operária, inventou uma série de besteiras do tipo: "a realidade da combatividade operária no México encontra-se confirmada, em negativo, pelo próprio desenrolar das últimas eleições presidenciais" (Revista Internacional, n.55, pg.8).

De fato, o C.C.I., no caso do México (como fez em outros países – ver COMUNISMO, suplemento n.4, pg.15) estabeleceu um esquema mecanicista e vulgar que ele quer impor à realidade dos fatos históricos. No caso do México, ele quer colar a qualquer preço seu esquema sobre a "realidade da combatividade operária no México", ainda que esta seja negada pelas próprias circunstâncias locais. Ou, como dizem nossos dogmáticos amigos: embora este esquema se confirme em negativo, isto é, não se confirma porém nega-se.

Nossa interpretação do neo-cardenismo mostrou-se, exata e é por isso que a reproduzimos. De fato, em suplemento do n.4, desenvolvemos esta concepção.

o o o

## **NOTAS A RESPEITO DO "PROJETO DE TESES SOBRE AS TAREFAS DOS COMUNISTAS NOS PAÍSES PERIFÉRICOS" DO PARTIDO COMUNISTA INTERNACIONALISTA (Battaglia Comunista)**

### **INTRODUÇÃO**

O Partido Comunista Internacionalista (Battaglia Comunista) apresentou em 1985 um projeto de Teses sobre as tarefas dos comunistas nos países periféricos <sup>24</sup> às organizações que fazem parte do Bureau Internacional pelo Partido Revolucionário (BIPR), para abrir o debate e adotar uma resolução definitiva no próprio seio do BIPR.

Trata-se, sem qualquer dúvida, de um importante esforço para precisar, de um ponto de vista marxista, uma tática revolucionária nos países da periferia capitalista. Estas Teses podem e devem contribuir para o esclarecimento político das organizações revolucionárias do proletariado existentes na Europa, e dos núcleos e grupos revolucionários que vieram à tona nestes últimos anos na zona periférica do capitalismo.

Como assinalamos numa carta ao BIPR, sentido geral das Teses. Partilhamos dos postulados corretos que dizem respeito à inelutabilidade do socialismo em escala internacional; à necessária unidade do socialismo e do programa comunista em nível mundial; à rejeição absoluta e definitiva de alianças interclassistas e de todo tipo de apoio às "lutas de libertação nacional".

Estamos de acordo com as Teses para negar que possam existir hoje frações progressistas da burguesia e afirmamos que, em todo o mundo, as diversas frações da burguesia são todas também reacionárias. Do mesmo modo, parece-nos que um dos princípios fundamentais do comunismo é que a tática deve ser subordinada ao programa comunista. Partilhamos da idéia segundo a qual a tarefa principal das organizações comunistas internacionais é a preparação política e organizacional da classe operária com vistas ao assalto ao capitalismo em escala nacional e internacional, daí porque é necessário forjar o instrumento político indispensável da classe, o Partido Comunista mundial.

Do mesmo modo que os pontos contidos nas Teses que acabamos de destacar se inscrevem efetivamente no quadro da política comunista, parece-nos que certas afirmações dessas Teses devem ser submetidas a uma análise mais detalhada.

Nessas notas não pretendemos, certamente, esgotar o debate sobre o Projeto de Teses elaborado pelo Partido Comunista Internacionalista (BC), mas apenas expor alguns pontos de vista para delimitar o conteúdo de um futuro calendário de discussões com o BIPR, considerando que um trabalho teórico e político é necessário para chegar à reconstrução do Partido Comunista Mundial.

---

<sup>24</sup> Publicado em Prometeo série IV, ano XXXIX, n.9, outubro de 1985; em Communist Review, órgão central do BIPR, n. 3, inverno de 1985; e na Revue Communiste, n.%, verão de 1986.

## I

O desenvolvimento do capitalismo em escala mundial é um ponto fundamental que os comunistas de hoje devem esclarecer precisamente e sem ambigüidade. Trata-se, sem qualquer dúvida, de um dos pontos cruciais das proposições teórico-políticas das organizações e núcleos revolucionários que pretendem se inscrever no quadro da teoria e da política comunistas.

O desenvolvimento do capitalismo, compreendido na sua unidade orgânico-universal, foi uma das premissas da qual partiram os fundadores do materialismo histórico para dotar o proletariado da única teoria que é a expressão de seu próprio movimento histórico: o comunismo científico (expressão teórico-política do programa comunista).

Marx e Engels sempre insistiram, não sem razão, no fato de que a grande indústria, criando o mercado mundial, uniu todos os países do mundo em um tecido orgânico, de modo que tudo que se produziu nos "países civilizados" (os centros capitalistas, diríamos hoje) repercute-se inevitavelmente sobre os outros. Marx e Engels constataram que, paralelamente ao seu desenvolvimento, a grande indústria tendia a nivelar por toda parte o desenvolvimento do modo de produção capitalista, de tal modo que a luta entre a burguesia e o proletariado tornou-se o eixo principal das lutas de nossa época. De nosso ponto de vista, a revolução comunista não é uma revolução nacional, mas, por sua própria natureza, uma revolução mundial.

É igualmente bem conhecido que Marx e Engels estavam firmemente convencidos de que a revolução comunista devia realizar-se essencialmente nos centros capitalistas, onde as forças produtivas atingiram um grau de desenvolvimento superior. Segundo eles, as revoluções nos países "periféricos" fazem parte da revolução proletária mundial, cujo epicentro situa-se nas metrópoles capitalistas.

Essas formulações são fundamentais no debate sobre a tática comunista nas zonas não centrais do capitalismo e não são, de modo algum, abstrações, suposições obsoletas ou despropositadas. Os comunistas de hoje não devem duvidar que, se o capitalismo fez surgir vastos contingentes de proletários nas zonas periféricas, é nos centros capitalistas que o desenvolvimento tanto das forças produtivas, como das lutas da classe operária, atingiram sua expressão mais madura e a mais clara. Assim, dois elementos fundamentais, o desenvolvimento das forças produtivas e a luta entre a burguesia e o proletariado no próprio coração do capitalismo são os marcos que permitem determinar a tática comunista ao nível internacional: nas zonas periféricas, ela está subordinada à tática da revolução comunista na sua perspectiva mundial. É, necessário, portanto, conhecer o estado atual das forças produtivas e da luta de classes nas metrópoles.

A maior concentração de forças produtivas do mundo encontra-se nos Estados Unidos, no Japão e na Europa. Estes centros estão estreitamente ligados entre eles e constituem juntos a zona mais importante do capitalismo mundial, os Estados Unidos à frente. A Rússia e os países da Europa do Leste, assim como a China, constituem uma região "periférica", com um desenvolvimento das forças produtivas nitidamente inferior,

concentrando apenas uma pequena parte do comércio mundial e dependendo em ampla escala da produção ocidental.

A tática comunista deve fazer distinção entre zonas e sub-zonas, levando em conta não apenas o desenvolvimento das forças produtivas, mas igualmente o nível de desenvolvimento da consciência do proletariado. Levar em conta esses dois elementos deve permitir antecipar a rápida generalização do movimento revolucionário e a extensão de um movimento massivo e potente.

Na zona geográfica relativamente estreita que é a Europa ocidental, acham-se concentrados uma grande massa de meios de produção e de proletários; as distâncias entre países são curtas, etc. O proletariado europeu, historicamente, desenvolveu as lutas e as formas de consciência mais avançadas, liderando as lutas históricas mais significativas da classe operária.

Nessa região do mundo existe, portanto, uma tradição de luta de classes diferente em relação à dos operários americanos ("educados" no anarco-sindicalismo e/ou no trade-unionismo) ou japoneses (exemplo típico da integração ao capital). A Europa ocidental constitui, ademais, uma zona estratégica para a extensão dos movimentos revolucionários aos países capitalistas da Europa do Leste, da Ásia e do continente norte-americano, e mais particularmente, a Alemanha sempre teve um papel-chave a desempenhar na extensão do movimento revolucionário aos países da Europa do Leste.

No continente americano, o proletariado dos Estados Unidos e do México estão, incontestavelmente, na primeira linha para a extensão do movimento revolucionário para a América do Sul, onde outros centros importantes são a Argentina e o Brasil.

Enfim, pensamos que as Teses sobre a tática comunista na periferia tendem a generalizar demais no que diz respeito à tática comunista para a revolução mundial e que esta tática deve ir além da simples distinção entre metrópole e periferia. O futuro Partido Comunista deve considerar uma tática revolucionária mundial que defina e pondere corretamente as zonas e sub-zonas, distinguindo a mais importante e a mais estratégica do ponto de vista da classe operária.

## II

Como mostram as Teses 1, 2 e 3, as formações sociais capitalistas situadas na periferia, examinadas de um ponto de vista comunista, diferentemente do que faz a burguesia, não podem ser compreendidas em si mesmas, ou por suas particularidades em comparação, ou oposição, com os centros capitalistas, pois não se trata de fazer analogias, mas de utilizar o método dialético. Marx e Engels analisaram o desenvolvimento do MPC como um todo no interior do qual existe um pólo determinante e este é o bom método.

O modo de produção capitalista (MPC) tem uma existência mundial pela sua extensão e por certos componentes essenciais: ele constitui um organismo social onde estão imbricados todos os países do mundo; mas o desenvolvimento desses componentes

essenciais (trabalhadores livres, assalariados do capital) não tem sido uniforme e sincronizado em todas as regiões do mundo.

A distinção, tal como fazem as Teses 2 e 3, entre "centro" e "periferia" capitalistas é correta. Permanecem, no entanto, pontos obscuros nestas Teses, na medida em que sugerem a idéia de que o capitalismo ainda é hoje um modo de produção "externo" aos países capitalistas periféricos, como se o elo essencial entre a "periferia" e o centro sempre fosse o comércio e as relações financeiras. Parece-nos que, nesse modo de ver, é o espírito da Terceira Internacional que transparece. Esta não foi além das manifestações formais oferecidas pela esfera da troca (o comércio mundial) para explicar a complexidade do mundo capitalista atual<sup>25</sup>. É incontestável que as relações atuais entre o centro e a periferia capitalista vão além da simples troca de produtos manufaturados contra matérias primas e da exportação/importação de capitais. No decorrer deste século, as forças produtivas e as relações capitalistas desenvolveram-se em vastas zonas periféricas, incorporando amplos setores de "massas despossuídas" – com maior ou menor intensidade – no campo das relações trabalho assalariado/capital.

É por isso que nos parece extremamente arriscado estender à toda a periferia capitalista – como tendem a fazer as Teses – a asserção segundo a qual sobrevivem ainda relações pré-capitalistas que o capital não destruiu, no seu próprio interesse. Trata-se aqui de uma perigosa concepção estruturalista/dualista (desenvolvida pela CEPAL) do desenvolvimento do capitalismo. O que é certo, é que onde este tipo de relações continua sempre vigorando, a tendência orienta-se para sua submissão formal e real ao capital. Para dar um exemplo, não se pode sustentar seriamente que na periferia americana as formações sociais conservam resíduos pré-capitalistas significativos. Nas plantações de bananas e de café da América Central, predominam relações trabalho assalariado/capital (por exemplo, nas indústrias agro-alimentares); as grandes extensões agrícolas mexicanas que produzem para o mercado mundial são cem por cento capitalistas, etc. Restam, de maneira esparsa, franjas de unidades produtivas que se assemelham a certas formas pré-capitalistas de produção, não em estado "puro", mas sob formas que foram submetidas ao capital, ou que se encontram sob a dominação de variedades do capital comercial ou financeiro.

Neste sentido, a previsão de Marx asseverou-se exata: a grande indústria, quando se introduziu nas sociedades pré-capitalistas, destruiu os obstáculos representados pelas velhas relações de produção, estabelecendo assim as bases da produção capitalista. A obra "regeneradora" – como chamava Marx – do modo de produção capitalista nas sociedades não capitalistas consistiu, precisamente, em assentar as bases do desenvolvimento da produção capitalista mundializada e, através dela, "as bases materiais para o mundo novo".

Melhor do que insistir no fato de que as formações sociais periféricas fazem parte da rede mundial das relações comerciais e financeiras do capital – o que já é evidente –, os comunistas de hoje devem pesquisar de que modo essas formações ligaram-se à produção capitalista internacional.

---

<sup>25</sup> Ver teses referentes ao Imperialismo.

Abordando a questão das relações centro-periferia, as Teses detêm-se ao nível da circulação (mercadorias e capital-dinheiro) e deixam de lado um aspecto importante: a produção mundializada. As teses acentuam os aspectos externos do fenômeno (que são, aliás, muito importantes) e excedem à toda a área periférica uma pretensa sobrevivência de relações de produção não capitalistas, em particular as relações patriarcais.

As asserções contidas nas Teses sobre a dominação do capital, tanto ao nível da estrutura econômica como ao nível político e ideológico, são confusas. De uma parte, afirma-se que o capitalismo exerce a dominação real sobre as formações sociais que "ainda não são típicas do capitalismo" (Teses 2, parágrafo 2), na medida em que estas formações trabalham para o mercado mundial e que as populações locais obtêm deste seus meios de subsistência. Mais adiante, nas Teses 4, parágrafo 4, uma afirmação contradiz a que acabamos de destacar: "nesses países, a dominação do capital sobre a sociedade ainda não é total, (o capitalismo) não submeteu, como nos países metropolitanos, a coletividade inteira às leis e à ideologia do capital" (sublinhado por nós). Como explicar então que existe uma "dominação real do capital" ao nível da estrutura econômica nas formações sociais periféricas e, ao mesmo tempo, que esta dominação ao nível da superestrutura "não é total"?

A consideração segundo a qual a dominação real do capital sobre as formações periféricas se estabelece pelo mercado nos parece errada. Seguindo rigorosamente o pensamento de Marx, devemos repetir que é somente sobre a base do processo de produção mais concretamente sobre a base da produção da mais-valia relativa, que o modo de produção especificamente capitalista se afirma e exerce uma dominação real sobre o processo de trabalho, o que é um elemento fundamental do desenvolvimento do capitalismo. Onde ainda não há submissão real do trabalho ao capital, o capital parece "conservar" os antigos modos e relações de produção, mas sua dissolução é inelutável. As relações de produção que ainda não são tipicamente as do capitalismo já estão de qualquer modo, submetidas ao capital; elas são "fases de transição para a relação capitalista propriamente dita" <sup>26</sup>. É necessário destacar igualmente que, na sua propagação, o capitalismo submete formalmente e realmente não apenas as relações de produção, de circulação, de distribuição e de consumo, mas também vastos segmentos das formações sociais <sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup>Cf. Um Capítulo Inédito do Capital. O capital submete as formas antigas do processo de trabalho. As formas de processo de trabalho tradicionais (pequena economia camponesa, produção artesanal, etc.) são massacradas sob a dominação do capital, que extorpe sobretrabalho ao produtor imediato, mesmo se este continua a vender sua mercadoria e a utilizar seu próprio trabalho. Mas é inelutável que o MPC desenvolva-se graças à atrofiação das antigas relações de produção. Na medida em que os processos de produção tradicionais são massacrados sob a dominação do capital, a relação entre o possuidor das condições de trabalho e o trabalhador reduz-se pouco a pouco a uma simples relação monetária, eliminando das relações de exploração todos os vestígios de natureza patriarcal, política e mesmo religiosa. A categoria clássica submissão é mais clara que a de super-imposição (sovra-imposizione, super-imposing) utilizada nas Teses.

<sup>27</sup>Ver a esse respeito política. 1857, Karl Marx. a Contribuição à crítica da economia política. 1857, Karl Marx.

De fato, o capital submeteu (a partir da metade do século dezenove até nossos dias) uma periferia onde existiam formações sociais heterogêneas <sup>28</sup> que não eram nem todas feudais, nem todas tribais; entre as quais não predominava totalmente nem a propriedade comunal, nem a propriedade de Estado. Uma vez que essas formações sociais pré-capitalistas foram submetidas ao capital, um processo de acumulação original produziu-se em algumas delas, adotando modalidades particulares. Insistimos ainda sobre o fato de que não se pode estender à toda a periferia capitalista as características patriarcais que subsistem em certas formações sociais como é o caso visível da África.

Tal como está redigido, o parágrafo 3 da Tese 3 (é graças à permanência de relações de tipo patriarcal e à mão de ferro de instituições políticas e administrativas ligadas à tradição social e civil desses países, que o capital internacional assegura a solidez de sua própria dominação econômica) sugere que o capital quer manter vivas essas relações e instituições sociais, afim de assegurar sua própria dominação econômica.

### III

Nos países periféricos o capitalismo não exerce sua dominação política "do mesmo modo que a exerce nos seus países metropolitanos". (Tese 5)

Encontramos aqui ainda uma generalização perigosa. Os regimes políticos e as instituições sociais periféricas não adquirem a mesma forma que nos centros capitalistas, mas cumprem essencialmente a mesma missão que neles: a de órgãos de opressão de uma classe por uma outra, pois na medida em que o MPC subordina o processo de produção da vida material, subordina também formalmente e realmente a superestrutura política e ideológica. A forma política burguesa de dominação por excelência é a "democracia burguesa" e as formas violentas que essa dominação pode adquirir são apenas excepcionais.

É incorreto dizer que na periferia, de um modo geral, "não é o ópio democrático que atua sobre as massas e as mantém em estado de submissão, mas a brutalidade da repressão". Não se pode generalizar, por exemplo, para toda América Latina, a situação de ditadura aberta (militar) exercida pelas burguesias locais no Chile, em Honduras ou na Nicarágua.

Na periferia, mesmo quando a democracia "tem uma vida diferente" e aparece mais abertamente seu aspecto repressivo contra o proletariado, a burguesia local também recorre, para sujeitar o proletariado, ao ópio democrático quando isso melhor convém aos seus interesses. Citemos, por exemplo, o que se produz atualmente na Argentina, no Brasil, no Uruguai e na Coréia do Sul: quando a dominação abertamente repressiva sobre o proletariado parece muito "usada", escolhe-se então a fachada "democrática" da dominação burguesa, encorajando a "participação" do proletariado na vida institucional democrática capitalista (eleições, referendos, etc). A mistificação exerce-se igualmente sobre o

---

<sup>28</sup>O capital, ao subordinar uma formação social, não submete apenas os domínios da produção e da reprodução material – que compreendem as relações de produção, de troca, de circulação, de distribuição e de consumo –, mas também os da produção espiritual/cultural da sociedade, assim como o Estado. E isso que determina a dissolução das formas estatais pré-capitalistas (por exemplo, as monarquias absolutas na Europa) e o estabelecimento de formas modernas típicas do Estado capitalista moderno, isto é, do "Estado democrático".

proletariado da periferia: ao longo destes últimos anos, certas forças políticas do capital ( da esquerda à direita burguesas) têm feito um uso constante do mito da "democracia de tipo ocidental" para arregimentar o proletariado e certos setores proletarizados, de modo satisfatório para o capitalismo.

O proletariado das zonas periféricas sofre condições de exploração que são sabidamente mais brutais que nos centros metropolitanos (não existe, por exemplo, seguro desemprego; a seguridade social é mais precária, etc). Não negamos que existam demandas que, ligadas às condições de vida material do proletariado da periferia, exprimem realmente suas aspirações econômicas: defesa do salário, emprego. Como nos centros capitalistas, estas reivindicações – que em si não são revolucionárias – representam a base objetiva sobre a qual se desenvolverá o processo revolucionário, e é nisso que a intervenção ativa do partido comunista desempenhará um papel determinante. cremos, no entanto, que é necessário fazer a distinção entre as reivindicações que exprimem as necessidades materiais dos proletários destas zonas e as que as Teses chamam de "movimentos sociais para a liberdade e a democracia".

Como escrevemos anteriormente a Battaglia Comunista, as Teses não esclarecem nada ao evitar a utilização do termo classes e substituindo-o por "estratos" ou "massas". Nós preferimos utilizar o termo proletariado industrial, na medida em que na periferia encontramos, ao lado do proletariado industrial, amplos setores de semi-proletários ou "despossuídos", de modo que neste "movimento de massa" é o proletariado industrial moderno que constitui o núcleo que dá uma consistência a esse conglomerado. Pouco importa – como o reconhecem as Teses – que o proletariado moderno seja tão restrito em proporção às "massas despossuídas" que abundam na periferia. O termo "massa" pode compreender vários setores da pequena burguesia (camponeses, pequenos camponeses, artesãos).

Tomemos um exemplo: a opressão política exercida pelos setores politicamente dominantes das burguesias periféricas (ligadas a um bloco capitalista determinado) nas Filipinas, na Coreia do Sul, na Nicarágua ou em Salvador, oprime não apenas o proletariado, mas também os pequenos e médios artesãos, os pequenos patrões, e permite o monopólio do poder em relação a outras frações da burguesia. A agitação política recentemente verificada nesses países responde à situação de crise econômica e à tentativa de reestruturação do capital, o que afeta certos setores da burguesia e da pequena burguesia e não apenas o proletariado. Está, portanto, claro que os "movimentos pela liberdade e a democracia" representam efetivamente forças políticas, mas neste imbricamento, nós comunistas devemos saber distinguir claramente um autêntico movimento reivindicativo proletário (como o que se exprime pelas greves pela manutenção dos salários na Coreia do Sul, nas Filipinas ou em Salvador, e isso apesar de todos seus limites) das demandas de democracia que camadas estranhas ao proletariado têm formulado antes do desencadeamento de greves (estudantes e patronato na Coreia, partidos burgueses em Salvador, etc).

A expressão "movimentos sociais pela liberdade e a democracia" é inadequada e perigosa; ela tem um sentido pluriclassista e exprime em definitivo as aspirações de certos

setores burgueses e pequeno-burgueses destes países. Trata-se, portanto, de uma reivindicação estranha ao proletariado, mesmo no domínio da tática.

As Teses tendem a encontrar na "periferia" possibilidades que não existem: a existência de regimes políticos excepcionais não significa uma melhor disposição do proletariado para prestar atenção às palavras de ordem comunistas. Neste sentido, uma maior violência contra o proletariado não implica melhores condições para a propaganda comunista, e o terreno não está melhor "preparado" para os comunistas na zona periférica do que nas zonas centrais: assim, por exemplo, onde existem ditaduras militares, além da "dureza da repressão", inflige-se ao proletariado a mistificação permanente da democracia burguesa como forma política "perfeita". Como complemento das formas repressivas de controle, a burguesia engendra formas alternativas da ideologia dominante, defendidas pelas seitas ou grupos da pequena burguesia que cultuam as ações minoritárias e que estão predispostos às ações terroristas e de guerrilha por exemplo, a Liga Comunista 23 de setembro no México, o PRT-ERP na Argentina, o MIR no Chile, o Sendero Luminoso no Peru, etc), propagando assim no interior do proletariado a idéia segundo a qual "radicalismo político" e "ações violentas" são sinônimos .

O fato de que muitos proletários dessas regiões pensem e estejam convencidos de que a origem de todas suas dificuldades reside na falta de "vida democrática" desses países, não significa que isto seja uma demanda proletária. Além disso, a burguesia, por intermédio de frações guerrilheiras e terroristas da pequena burguesia – Liga Comunista 23 de setembro, PRT-ERP, MIR, Sendero Luminoso, etc – propaga no seio do proletariado a idéia falsa segundo a qual os atos violentos minoritários fazem parte da ação do programa revolucionário do proletariado.

Mobilizar o proletariado em torno do programa comunista, como dizia Lênin, não significa rebaixar nossas palavras de ordem ao nível da falsa consciência dele, mas ao contrário elevar este nível de consciência. Nós, comunistas, devemos mostrar muito claramente ao proletariado das metrópoles e da "periferia" que os métodos da direita do capital (a reação aberta, o terror do Estado) e os da sua esquerda (a ilusão democrática e o terrorismo guerrilheiro) visam um mesmo objetivo: preservar a dominação material e espiritual do capital sobre o trabalho assalariado.

#### IV

"Realizar o ato libertador do mundo, eis a missão histórica do proletariado moderno. Aprofundar as condições históricas e através disso, a própria natureza, e assim dar à classe que tem a missão de agir, classe hoje oprimida, a consciência das condições e da natureza de sua própria ação, eis a tarefa do socialismo científico, expressão teórica do movimento proletário." (Anti-Duhring)

Entre o programa e a tática comunista existe uma estreita relação onde a tática encontra-se subordinada ao programa comunista.

Em si, o programa comunista encarna os interesses históricos do proletariado que permanecem invariantes durante todo o período ou ciclo de vida do regime de produção capitalista. A expressão consciente e acabada do Partido Comunista é o Programa comunista. Nessa perspectiva, a tática proletária permite circunscrever a ação a ser tomada pela realização do programa comunista no seio das massas.

As mudanças que podem se produzir no modo de organização econômica e social do MPC determinam e estimulam as grandes guinadas do Partido Histórico ao nível tático e não ao nível do Programa comunista, como o consideram os partidos revisionistas. Assim, estas mudanças do MPC têm uma influência sobre as formas particulares de luta da classe operária e determinam as modificações que podem se produzir nas formas de lutas unitárias, ou de massa, do proletariado, que são condicionadas pelas "influências da situação econômica".

Neste sentido, a tática determina e delimita antes de tudo as mudanças que se produzem nas formas de combate unitárias ou de massa do proletariado (formas particulares de luta), em função das quais se estabelecem as condições de luta imediatas e específicas que o partido (ou grupo político) deverá orientar.

A este respeito, é necessário frisar que no começo do século, certas frações do Partido histórico sentiram a necessidade de uma guinada com respeito ao plano tático, considerando as mudanças que haviam se produzido no plano da organização (interna) do MPC (Lênin: "fase imperialista"; Rosa Luxemburgo: "fase imperialista"; KAPD: "crise permanente"; etc). É a partir desse momento que importantes frações do Partido Histórico voltaram a questionar a tática parlamentar e sindical que havia caracterizado o movimento comunista após a Segunda Internacional. É a partir do debate a respeito da greve de massa no seio da Segunda Internacional que certas frações revolucionárias do Partido Histórico começaram a exprimir esta necessidade.

As mudanças ocorridas na organização interna do MPC tiveram uma incidência imediata sobre a determinação e/ou o desenvolvimento de novas formas particulares de organização de massa – ou unitárias – que o proletariado começou a desenvolver na Europa do Oeste e do Leste (greve de massa, conselhos operários, etc). É a partir desse momento que importantes frações do Partido Histórico e do proletariado modificaram sua tática, considerando que o sindicato não mais cumpria seu papel e que a tática parlamentar precisava ser superada.

A tática que os comunistas adotarão nas zonas periféricas do sistema capitalista deverá, portanto, levar em conta as mudanças ocorridas na organização interna do MPC no início do século, mudanças que têm uma influência fundamental sobre a emergência de "novas" formas de luta do proletariado (este último sendo muito sensível aos impulsos e mudanças que podem se produzir na organização interna do MPC).

É nesse contexto de reorganização do MPC que o capital submete os sindicatos. Essa passagem do sindicato para a dominação do capital só é compreensível com a passagem da submissão formal à submissão real do trabalho ao capital.

## V

Em suma: para estabelecer uma tática proletária adequada para a periferia do sistema capitalista mundial é necessário, em primeiro lugar, distinguir zonas e sub-zonas geopolíticas; isso considerando tanto o desenvolvimento das forças produtivas, como o desenvolvimento histórico da consciência de classe. Neste sentido, o Partido Histórico, na elaboração de uma tática proletária "específica" à periferia do sistema, deverá determinar e reconhecer um centro da revolução mundial (no nosso caso, tratar-se-ia da Europa Ocidental), e a partir disso estabelecer a especificidade de sua tática. Mas ele deverá fazê-lo considerando a guinada histórica assumida pelas frações revolucionárias do Partido Histórico no começo do século.

Em segundo lugar, parece-nos incorreto dizer que nas formações sociais da periferia ainda subsistem relações pré-capitalistas, que não somente o capital não destruiria ou não submeteria, mas que, ao contrário, ele reproduziria.

Do mesmo modo, não estamos de acordo com relação à definição da ligação entre centro e periferia em função de relações de troca (comércio mundial), dado que no estado atual do capitalismo, no conjunto constituído pelo mercado mundial, o capital é uma unidade orgânica e historicamente imbricada. Este processo de auto-configuração produziu-se com a metamorfose do MPC – da submissão formal à submissão real – nas diversas regiões do planeta.

Em terceiro lugar, a forma política de representação do capitalismo é a democracia burguesa, forma que aliás está universalmente propagada. Nesse contexto, o proletariado das zonas periféricas é vítima, ele também, do ópio democrático. Além disso, o proletariado é freqüentemente a presa dos grupos da pequena burguesia que pregam a ação minoritária violenta e terrorista.

Enfim, para estabelecer a tática "específica" na zona latino-americana, é necessário reconhecer e assumir historicamente as modificações que, no plano tático, foram identificadas por certas frações do Partido Histórico no começo do século. Em particular, é necessário partir do debate ocorrido sobre a greve de massa no seio da Segunda Internacional.

## CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES DE "COMUNISMO"

Apartado Postal 20- 661  
CP 01000,  
MÉXICO 20, D.F.  
MÉXICO

**KAMUNIST**

**KRANT**

## TEORIA E PRÁTICA DE KAMUNIST KRANTI

- A produção e a reprodução material da vida social determinam o processo social. Conseqüentemente, a compreensão da base econômica é da mais alta importância para a intervenção consciente ao longo dos acontecimentos.

- A produção de mercadorias domina no mundo de hoje. A produção capitalista de mercadorias domina de maneira esmagadora em todos os países do mundo – a produção simples de mercadorias é significativa nas áreas onde o capital é fraco.

- A lei do valor é a base da produção de mercadorias. As forças produtivas atingiram um nível em que esta lei opera hoje unicamente como lei global. É unicamente nesta base que as sociedades capitalistas de Estado podem ser analisadas. Hoje, quando as forças produtivas não podem servir para o bem-estar da humanidade, a lei do valor não pode ser abolida na base de um só país.

- O capital é uma relação social e histórica. O trabalho assalariado baseado na produção mercantil forma a essência do capital. A produção e a conversão em capital da mais-valia subjaz a dinâmica do capital.

- Enquanto a produção de mais-valia só ocorre com base no modo de produção capitalista, a realização daquela porção da mais-valia global destinada à acumulação só acontece através da troca de mercadorias produzidas sobre uma base não-capitalista. Ao mesmo tempo, a acumulação do capital levou à destruição dos modos de produção não capitalistas pelo modo de produção capitalista. Isso levou o capital a remodelar o mundo à sua própria imagem. Este processo de expansão global do capital é a base subjacente ao imperialismo/neo-colonialismo hoje. Ademais, o caráter indispensável da produção mercantil não-capitalista coloca limites objetivos ao capitalismo. No começo deste século, isso guiou o capitalismo numa fase decadente/moribunda. A tendência à queda da taxa de lucro coloca limites objetivos a uma forma particular de representação do capital, isto é, a do proprietário individual privado.

- Enquanto a insuficiência crescente de mercados não-capitalistas faz do capital uma relação social que se enfraquece cada vez mais, a alternativa ao modo de produção capitalista pode se colocar a partir do lócus da produção de mais valia, pois é aí que a produção material da vida social ocorre amplamente hoje. Isso confere um papel histórico à classe operária em geral e aos trabalhadores industriais em particular para a substituição do capitalismo por um outro modo de produção (comunista).

Ao mesmo tempo em que aguarda com otimismo novas "faíscas de consciência comunista" que o movimento espontâneo da classe operária poderá produzir, nós trabalhamos para:

1./ Reforçar as ferramentas teóricas para a compreensão da realidade social existente a fim de mudá-la.

2./ A formação de um partido comunista mundial não hierárquico para ajudar a reagrupar as forças globais para derrotar o capitalismo.

3./ A formação de um grupo revolucionário na Índia – a destruição do Estado na Índia sendo uma tarefa importante no processo revolucionário.

4./ Ligar nossa compreensão geral às tarefas específicas colocadas numa área industrial.

No momento atual, não dispomos dos meios mínimos necessários para a formação de um grupo.

Dezembro de 1988

## TESES

### I

1. A transformação da produtividade natural em produtividade do trabalho/forças produtivas separa o homem do mundo animal. E o desenvolvimento da produtividade do trabalho é a história do desenvolvimento progressivo da humanidade.
2. Há milhares de anos, no período do comunismo primitivo, as unidades sociais tinham adquirido a capacidade de produzir um excedente substancial. De um lado, isso tornou possível a transformação das formações comunistas primitivas em sociedades de classes, e de outro desembocou na troca entre as unidades sociais, que produziam por razões naturais sobreprodutos diferentes, colocando assim a base para a produção e a troca de mercadorias.
3. O desenvolvimento da produtividade do trabalho, portanto do sobreproduto, aumentou a riqueza do modo de vida das classes exploradoras. Ao mesmo tempo, a maior parte do sobreproduto encarnou-se nas mercadorias. A moeda desenvolveu-se, o que não apenas ajudava a troca de mercadorias, mas também fornecia a base para a acumulação aumentada do sobreproduto sob sua forma moeda.
4. A acumulação, isto é, a transformação do sobreproduto em meios de produção e força de trabalho, é a forma concreta do trabalho morto (trabalho acumulado). O crescimento da acumulação deu uma contribuição fundamental ao desenvolvimento da produtividade do trabalho, e tornou o trabalho morto sempre mais poderoso frente ao trabalho vivo. O fato de que o sobreproduto tenha assumido crescentemente uma forma de mercadoria, e o desenvolvimento do dinheiro que lhe corresponde, fez da acumulação um fetiche, com o poder do ouro.
5. A constituição de um mercado mundial através da troca de mercadorias deu a forma mercadoria ao sobreproduto crescente. Assim, o feudalismo, isto é, o auge da economia natural, foi substituído pela produção mercantil simples.
6. À medida em que se tornava mais potente, o trabalho morto forneceu a base para o modo de produção capitalista ao expropriar o trabalho vivo e os produtores.
7. Ao longo de seu desenvolvimento, a revolução industrial baseada na produção capitalista de mercadorias atingiu um nível de produtividade do trabalho a partir da qual a planificação e o controle mundial da produção tornam-se necessários. O controle do trabalho vivo sobre o trabalho morto torna-se possível e necessário.

### II.

1. O trabalho social necessário para a produção de um objeto é diferente segundo as formas sociais, em função de diferenças históricas e naturais. Isso estava não apenas na origem da troca entre diferentes formas sociais, mas também na origem do lucro comercial.

Essa diferença tornou-se a base para a criação de um mercado mundial. Os comerciantes desempenharam um papel revolucionário no curso da história.

2. O crescimento da troca de mercadorias, a ascensão do mercado mundial e a fraqueza interna das estruturas sociais na Europa, desembocaram nas revoluções holandesa, inglesa e francesa dos séculos XVI, XVII e XVIII. Estas revoluções foram expressões da substituição das economias naturais feudais pela economia mercantil simples.

3. A revolução industrial, que tem suas origens na Inglaterra, dado o controle desse país sobre uma grande parte do trabalho morto global, desempenhou um papel decisivo na substituição da produção mercantil simples pela produção mercantil capitalista.

4. A sublevação européia do século XIX era essencialmente a expressão dos combates pela sobrevivência da produção mercantil simples contra a expansão da produção mercantil capitalista.

5. No resto do mundo, as turbulências dos séculos XVII, XVIII e XIX eram essencialmente a expressão de combates de morte das diferentes economias naturais contra a expansão da produção mercantil simples.

6. As manifestações extremamente brutais de hoje na Ásia-África-América Latina são as últimas convulsões dos combates da produção mercantil simples contra a produção mercantil capitalista.

7. As lutas proletárias que começaram no século XIX na Europa são hoje a expressão nas metrópoles capitalistas da necessidade da substituição do modo de produção capitalista por uma forma mais desenvolvida de produção.

8. Na Ásia-África-América Latina igualmente, essas lutas proletárias, que são a expressão da necessidade da substituição do modo de produção capitalista por um modo de produção superior, tornam-se hoje mais potentes.

9. Os massacres gerais inter-capitalistas e a possibilidade crescente de uma destruição da humanidade são manifestações do fato de que o modo capitalista atingiu objetivamente seus limites.

10. A necessidade da revolução comunista existe. As lutas proletárias que se desenvolvem no mundo são os agentes da transformação dessa necessidade em realidade.

### III

1. (a). A abolição da propriedade privada não é a abolição do capitalismo. As sociedades de capital social não são a negação negativa do capital, do mesmo modo que as cooperativas de produção são apenas sua negação positiva.

O capital é uma relação histórica e social. A produção de mercadorias baseada no trabalho assalariado forma a essência do capital.

2. A tendência à queda da taxa de lucro é a expressão necessária da dinâmica do capital, mas o capitalismo não atinge seus limites objetivos por causa desse fato.

3. Para que o modo de produção capitalista exista e se desenvolva, a existência da produção mercantil simples é indispensável. E a acumulação do capital absorve necessariamente a produção mercantil simples. Esse processo força o capital a um limite objetivo.

#### IV

1. Embora o capital seja constituído de unidades concorrentes, é o capital total que governa a dinâmica das unidades do capital, tanto individualmente como coletivamente. Por conseguinte, o processo de negação do capital não é o processo da negação de unidades separadas do capital. A negação do capital será a negação do capital total.

2. O capital total, constituído por capitais nacionais rivais, hoje tornou-se mundial, fornece a base para a negação do capital. E os capitais nacionais e de Estado, criando as barreiras nacionais (de Estado) ao processo de negação do capital, constituem o maior entrave a este processo.

3. (a). O terreno inicial para as lutas pela negação do capital são os territórios nacionais. Assim, o processo de negação do capital fez da abolição das formações nacionais estatais um elemento essencial de seu sucesso.

(b). Todas as perspectivas nacionais reforçam objetivamente o capital.

4. (a). As lutas parciais que explodem contra o capital são partes necessárias do processo de negação do capital. Mas elas só se tornam realmente anti-capitalistas quando desembocam na necessidade da destruição do capital global.

(b). As organizações que conscientemente organizam supostas lutas sobre objetivos parciais e trabalham ativamente para confinar as lutas que emergem espontaneamente em um terreno parcial no seu quadro limitado de origem, constituem válvulas de escape para o capital.

5. Para uma intervenção efetiva nas lutas anti-capitalistas, a formação de um partido comunista mundial é a primeira necessidade.

#### V

1. No começo deste século, o desenvolvimento do modo de produção capitalista atingiu um nível no mundo em que a produção mercantil simples necessária à sua existência tornou-se insuficiente. O capitalismo atingiu agora seu limite objetivo.

2. A condição necessária à existência do capital, a acumulação do capital, que no seu processo expropria a produção mercantil simples, torna a situação objetiva cada vez mais catastrófica. O prosseguimento da existência do capital criou as condições para a auto-destruição da humanidade.

3. Para a existência e o desenvolvimento da humanidade, a revolução comunista está na ordem do dia da sociedade. A alternativa é: auto-destruição da humanidade.

4. A revolução comunista é a essência do movimento proletário.

5. Como resultado das crises do capital global, as lutas simultâneas explodem nos diferentes países – só a superação das fronteiras permitirá ao movimento proletário realizar sua essência.

6. Do mesmo modo, é apenas vencendo os limites das lutas parciais contra o capital (lutas que estouram simultaneamente nas diferentes áreas e empresas como resultado de crises gerais) que o movimento proletário progredirá rumo à sua essência comunista.

7. Uma condição necessária para a evolução do movimento proletário rumo à sua essência comunista é a intervenção internacional contra o capital pela minoria comunista organizando-se ela mesma sobre uma base global.

8. As tarefas da vanguarda comunista na situação presente são:

(a) Expor as pretensões socialistas do capitalismo de Estado.

(b) Retirar a máscara capitalista da liberação nacional e do patriotismo. Apresentar a necessidade da abolição das nações para realizar a destruição do Estado.

(c) Expor o papel real dos sindicatos: válvulas de segurança do capital.

(d) Contribuir para a coordenação internacional das lutas operárias. Apresentar a perspectiva dos conselhos operários internacionais.

(e) Tentar resolver os problemas ideológicos enfrentados pela revolução comunista.

(f) Defender a perspectiva da revolução comunista.

A revolução comunista é constituída de uma série de derrotas até a vitória final.

(Traduzido de Kamunist Kranti N.1 -julho de 1986)

## CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES DE "KAMUNIST KRANTI"

Bhupender Singh  
679, Jawahar Colony N.I.T.  
FARIDABAD -12001  
INDIA

**L' UNION**  
**PROLÉTARIENNE**

## **UNIÃO PROLETÁRIA**

### **PELA FORMAÇÃO DO PARTIDO MUNDIAL DO PROLETARIADO: O PARTIDO COMUNISTA.**

Para atingir esse objetivo, a União Proletária coloca-se as seguintes tarefas:

- A reapropriação da teoria revolucionária do proletariado, do Manifesto de 1848 às esquerdas comunistas que, entre outros, lutaram contra a degenerescência da terceira Internacional, Partido Internacional da classe operária;

- Trabalhar para a constituição de uma rede orgânica internacional tendendo a reagrupar os elementos comunistas e a formar os futuros militantes revolucionários necessários à revolução comunista de amanhã.

Conteúdo de nossa ação:

- O capital, que reina como senhor absoluto na totalidade do planeta, indica-nos que não há mais tarefas burguesas que o proletariado possa cumprir: **A REVOLUÇÃO COMUNISTA ESTÁ EM TODO LUGAR NA ORDEM DO DIA.** Assim, a União Proletária não tem como participar ou caucionar, de qualquer forma, toda e qualquer política que vise seja reformar, seja gerir o capital.

- União Proletária opõe-se ao parlamentarismo e ao eleitoralismo, apóia os proletários que se organizam fora e contra os sindicatos vendidos ao capital, assim como toda luta que se coloca resolutamente num terreno de classe.

- União Proletária opõe-se a toda repressão exercida pelo estado burguês.

- Fascismo e democracia são dois modos de gestão do capitalismo; nem o fascismo nem a democracia, por meio da qual o capital reina em bom número de países, pode ter nosso apoio: **CONTRA TODAS AS FRENTES ÚNICAS OU QUAISQUER BLOCOS POPULARES.**

- No que se refere à guerra imperialista, a alternativa revolucionária não pode ser reduzida à sua mais simples expressão, a saber: revolução ou guerra; convém preparar-se para a transformação da guerra imperialista, na hipótese em que esta venha a explodir, **EM GUERRA CIVIL REVOLUCIONÁRIA PARA A LIBERAÇÃO DO PROLETARIADO. CONTRA OS PREPARATIVOS DE GUERRA: DERROTISMO REVOLUCIONÁRIO.**

- O capital tendo entrado há muito tempo na totalidade do globo na sua fase de dominação real, as lutas de liberação nacional que ocorrem atualmente só podem integrar-se a um dos momentos da guerra imperialista e, portanto, participar do esmagamento do

proletariado; CONTRA AS LUTAS DE LIBERAÇÃO NACIONAL: DERROTISMO REVOLUCIONÁRIO.

A UNIÃO PROLETÁRIA REAFIRMA CLARAMENTE QUE O SISTEMA CAPITALISTA MUNDIAL SÓ PODE SER DERRUBADO DE MODO VIOLENTO.

PELA ABOLIÇÃO DO TRABALHO ASSALARIADO.

PELA DITADURA DO PROLETARIADO.

PELA INSTAURAÇÃO DO COMUNISMO, A COMUNIDADE HUMANA MUNDIAL.

União Proletária c/o l'Herbe Rouge 1 bis rue d'Alésia 75014  
Paris.

## **CRISE NOS PAÍSES DO LESTE E MISTIFICAÇÃO DEMOCRÁTICA**

Com a crise que não pára de se desenvolver nos países do Leste o comunismo estaria, portanto, sofrendo uma derrota total, uma falência completa.

A burguesia mundial acaba de descobrir um terreno aparentemente de ouro para verter, dia após dia, dia após dia sua propaganda mentirosa e mistificadora relativa à existência de um pretenso comunismo no Leste.

É necessário frisar que o impacto dos eventos que se produzem nesse momento e que certamente não chegaram à sua fase final, terão repercussões enormes não só no conjunto do modo de dominação do capital, mas também sobre o conjunto da classe proletária.

Convém, portanto, tentar avaliar seu alcance.

Não pretendemos, certamente, apresentar aqui uma análise exaustiva do que se passa no Leste. Ao menos temos que lembrar que os diferentes eventos que estão se produzindo certamente não são um feito da classe operária, mas que, ao contrário, são totalmente dirigidos contra ela.

### **O COMUNISMO FOI DERROTADO NA RÚSSIA HÁ MUITO TEMPO**

A grande campanha à qual se dedica a burguesia atualmente, por ocasião da profunda crise que atinge como um tiro os regimes stalinistas ou oriundos do stalinismo encontra sua essência na maior ofensiva contra-revolucionária que o proletariado conheceu em toda sua história.

Essa impiedosa contra-revolução está na medida exata do desafio fundamental ao qual o capital mundial foi confrontado.

Do mesmo modo, a campanha anti-comunista atual mostra sempre até que ponto a burguesia tem necessidade de se opor as perspectivas de explosões revolucionárias que inevitavelmente se produzirão, centrando sua crítica, não obstante fraquíssima, sobre um pretenso "comunismo" que não existia, que é de fato apenas um capitalismo atrasado, inadaptado, insuficientemente produtivo, que não responde às necessidades atuais do capital mundial.

Não poderia ser de outro modo.

Era necessário a todo preço, sobretudo na URSS, derrotar prioritariamente todas as veleidades revolucionárias, assim como tudo que pudesse reavivar a memória autenticamente proletária, instaurando pela força repressiva extrema um pretenso

socialismo ou comunismo que, sob adjetivos proletários, de fato não era senão a expressão do capital.

É necessário lembrar que o desafio para o capital, ao sair da primeira carnificina imperialista mundial, era enorme face à primeira revolução comunista da história.

A burguesia do Leste possui visivelmente uma experiência incomparável no que diz respeito a sua prática contra-revolucionária: da sustentação ativa da degenerescência da terceira Internacional à repressão brutal dos comunistas, à sua eliminação pura e simples com o fim de retomar o poder para suprimir a ditadura do proletariado e impor a ditadura sobre o proletariado.

Essa ditadura do capital não tem, evidentemente, nada a ver com o comunismo. A própria burguesia internacional sabe-o perfeitamente.

Pois o comunismo não é a miséria; não é a repressão das massas proletárias; não é extorquir a mais-valia nas costas dos operários, na fábrica ou em campos de trabalho; não é o trabalho assalariado; não é o extermínio das organizações proletárias; e ele não se constrói em um só país; essa lista evidentemente não é exaustiva.

Tudo isso é, evidentemente, obra da burguesia que tomou o poder no transcorrer dos anos 20 na Rússia.

Não foi golpe de estado ou guerra civil que levou a contra-revolução ao poder.

O que está na sua origem é a derrota da revolução mundial ao término da primeira carnificina imperialista, que favoreceu enormemente a eclosão e o desenvolvimento do esterco oportunista no próprio interior da terceira Internacional.

### **CAPITALISMO E STALINISMO: UMA FRENTE UNIDA MUNDIAL CONTRA O PROLETARIADO**

A derrota da revolução mundial foi determinante no processo de degenerescência da terceira organização mundial do proletariado.

Da construção do socialismo num só país, passando pela política de aliança com Tchang-kai-chek – que provocou a derrota no sangue dos operários chineses como em Shangai em 1927 –, à participação dos stalinistas e a derrota do proletariado espanhol em 1937 e, para fechar esse período, a Segunda Guerra Mundial, com a ruidosa aliança dos stalinistas e os países capitalistas democráticos, conduzindo ao massacre milhões de proletários pela "defesa da democracia contra o fascismo".

Até os acordos de Yalta, a burguesia ocidental se resguardou de criticar de frente o stalinismo. E isto porque era seu melhor aliado tanto em sua política imperialista como em sua política repressiva dos movimentos do proletariado.

Quem não conhece melhor que ela sua própria prática ... posta à parte a ínfima minoria de autênticos comunistas que mantêm bem ou mal as grandes orientações do programa?

O imenso trabalho de solapamento, de lavagem cerebral, em suma a obra mistificadora do capital, atuou profundamente durante dezenas de anos.

Até nas fileiras proletárias a mentira atuou.

É verdade que tudo isso foi obra conjunta dos stalinistas e da burguesia mundial, uma perfeita divisão do trabalho de solapamento, de sabotagem e mesmo de repressão da parte \*DE LA PART\* dos partidos auto-nomeados comunistas mas, qualquer que fosse o caso, nacionais e eminentemente burgueses, oriundos da degenerescência trágica da terceira Internacional.

Estes verdadeiros capatazes da classe proletária reivindicam o stalinismo e nisso não somente enganaram uma massa enorme de proletários mas, sobretudo, contribuíram para garantir a exploração capitalista, na participação nos preparativos da segunda guerra imperialista mundial e no envio à carnificina de milhões de proletários pela causa da defesa da pátria; eles até mesmo levaram o proletariado à reconstrução ( Arregacem suas mangas camaradas).

O que de mais burguês que tudo isso? A mídia quer fazer crer que o stalinismo é a própria expressão do comunismo, é o comunismo, quando, ao contrário, o stalinismo foi a contra-revolução capitalista par excellence contra a primeira revolução proletária da história.

A burguesia mistura cinicamente todas as questões a fim de melhor desorientar o proletariado. Os partidos auto-nomeados comunistas, mas verdadeiramente stalinistas, sobre os quais ela há algum tempo não pára de lançar opróbrios, são partidos que jamais deixaram de servir seus interesses; eles lhe são devotados de corpo e alma, e isso mesmo que a burguesia lhes dê como pasto essa grande puta que é a opinião pública, mesmo quando eles se acham, após uma queda grandiosa, no triste e lamentável estado em que se encontra o P"C"F agora.

Quando a "construção do socialismo num só país" torna-se o objetivo principal, desde então tudo é permitido; os detentores dessa teoria puderam contar com "partidos irmãos" na medida em que estes, produto da "bolchevização" empreendida pela terceira Internacional, se encontraram pura e simplesmente sob a direção moscovita da terceira Internacional.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Disso os comunistas tiram um ensinamento precioso para a reapropriação do programa comunista: desde que saibamos que a insurreição, que a tomada do poder pelo proletariado não poderá certamente fazer-se de imediato no plano mundial, mas que terá lugar de início num país ou um grupo de países, torna-se evidente que numa situação desse tipo, a direção revolucionária dessas "zonas", onde o proletariado exercerá o poder, somente poderá ser assegurada pelo partido mundial e certamente não por uma fração do partido.

## REVOLUÇÕES NO LESTE OU MISTIFICAÇÃO DEMOCRÁTICA?

Revoluções no Leste: é o argumento que a burguesia mundial retoma sem cessar para explicar as transformações em curso nos países do Leste.

Portanto, convém olhá-la mais de perto com o objetivo de não deixar que uma propaganda burguesa mais que tonitruante aproprie-se de um termo que, historicamente, nada justifica que ela empregue em seu benefício.

Para o conjunto dos eventos que se produziram ou se produzem no Leste, a burguesia os qualifica de revolucionários. Mesmo a passagem do "socialismo" ao capitalismo seria um progresso e, sobretudo, mereceria o termo revolucionário. Que mudança, com efeito!

Jamais qualquer revolução na história foi feita de modo pacífico e sempre foram sinônimo de enfrentamento violento entre duas classes inimigas. Uma exercendo o poder e outra aspirando tomar o poder.

E essa luta de morte toma uma forma e um conteúdo necessariamente violento desde que a classe revolucionária toma a ofensiva para derrubar a classe reacionária, destruir seu aparelho de estado para substituí-lo pelo seu próprio estado.

Mesmo a memória histórica da burguesia é perfeitamente consciente disso, na medida em que ela agiu do mesmo modo quando era ainda uma força revolucionária.

Teria ela perdido a memória? Certamente não.

Mas antes de tentar ver quais são de uma parte as orientações atuais e, de outra, as perspectivas posteriores da burguesia com esta campanha para todos os lados, detenhamo-nos um pouco sobre estas pretensas revoluções no Leste.

Um grande ponto comum marca até o presente todas estas "mudanças": todos os movimentos de massa que lá aconteceram são expressão das massas populares, como a própria burguesia o veicula; disso não há qualquer dúvida.

A totalidade das palavras de ordem ou reivindicações que foram expressas ou que se exprimem são palavras de ordem oriundas principalmente da pequena-burguesia: as liberdades democráticas, o pluripartidarismo, a liberdade de imprensa e o nacionalismo.

Em nenhuma parte o proletariado manifestou-se com base em suas posições de classe e ele está, até o presente, dissolvido, fundido no movimento popular, burguês.

Trata-se portanto, no momento, de um verdadeiro consenso entre as classes sobre o fundo da crise geral, sobre a qual têm toda a liberdade de se desenvolver nacionalismos mais e mais violentos e ...a mistificação democrática.

Não é verdadeiramente necessário ser marxista para constatar que esta é absolutamente a trama na qual se fundem as perspectivas da burguesia internacional.

Disse Marx:

"O democrata, porque ele representa a pequena-burguesia, por conseguinte uma classe intermediária no seio da qual se amortecem os interesses das duas classes opostas, imagina-se estar acima dos antagonismos de classe. Os democratas reconhecem que eles têm diante deles uma classe privilegiada, mas eles, com todo o resto da nação, constituem o povo. O que eles representam é o direito do povo, o que lhes interessa é o interesse do povo. Portanto, eles não têm necessidade, antes de engajar uma luta, de examinar os interesses e as posições das diferentes classes. Eles não têm necessidade de pesar muito minuciosamente seus próprios meios. Eles somente têm que dar um sinal para que o próprio povo se lance com todas suas forças inesgotáveis sobre seus opressores. Mas se, na prática, seus interesses aparecem sem interesse e se sua potência revela-se como impotência, a falta é ou dos sofistas criminosos que dividem o povo indivisível em vários campos inimigos, ou no exército que é muito embrutecido e muito cego para considerar os objetivos da democracia como seu próprio bem, ou ainda, é que um detalhe de execução inteiramente a escolher colocou tudo a perder, ou enfim, é um acaso imprevisto que fez perder, desta vez, a partida. Em todo caso o democrata sai da mais vergonhosa derrota tão puro quanto era inocente ao entrar na luta, com a convicção nova de que ele deve vencer, não porque ele e seu partido devam abandonar seu antigo ponto de vista, mas porque, ao contrário, as condições deverão amadurecer." <sup>30</sup>

Tais são sempre os democratas pequeno-burgueses: politicamente incultos, mas, por outro lado, muito capazes de defender por todos os meios seus interesses.

É necessário que uma força possa ser capaz de centralizar todas essas pessoas que nos ensurdecem hoje os ouvidos com seus discursos sobre a democracia e os direitos do homem.

Mas "eis lá"! a pertinência de seus discursos está longe de estar à altura do desafio.

O caso da Hungria é completamente caricatural. Eis um estado, o estado húngaro, que "põe a pique" ele mesmo, que mobiliza todo o arsenal até então conhecido como de abandono do "rótulo comunista", instauração do multipartidarismo, liberdade de associação, etc..., logo a democracia, sem que ninguém lhe demandasse nada e, além do mais, nossos stalinistas de serviço se transformam em social-democratas de um dia para o outro (os burgueses não têm escrúpulos) e pedem sua adesão à internacional socialista que ela, com razão, não tem nada a dizer. Tudo isso sem mesmo uma manifestação de rua.

Se Ceausescu, até então excelente aluno do F.M.I., tivesse visto um pouco mais claro e se tivesse feito o mesmo, sem nenhuma dúvida teria sido acolhido de braços abertos.

---

<sup>30</sup> Karl Marx, "O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte".

Portanto, a natureza do Estado na Hungria não mudou. É a própria evidência.

Mas também na Romênia a natureza do Estado não mudou, mesmo se o despojamento da fração burguesa representada por Ceausescu foi feito pela violência. A Romênia, precisamente por causa da cegueira política da fração no poder até dezembro não soube se preparar para a necessária mutação que o capital deve seguir na Europa do Leste.

Aqui os enfrentamentos foram "pão bento" para a burguesia internacional, na medida em que um número desmesuradamente grande de vítimas dos enfrentamentos lhe permitiu focalizar tudo nos famosos terroristas da securitate, logo "comunistas", que são, como se vê bem, "verdadeiros criminosos"<sup>31 32</sup>

Se na Romênia a revolta partiu exatamente da população, seu desdobramento e seus resultados lhes foram prontamente confiscados pela fração democrática à qual o exército já havia aderido com armas e bagagens.

Não foi, portanto, um enfrentamento povo/securitate que aconteceu, mas antes um enfrentamento entre duas frações da burguesia.

Por outro lado, se as massas populares deram liberdade ao exército é bem porque estas partilhavam os objetivos já mais ou menos declarados dessa famosa "revolução". E isto muito mais na medida em que a frente que se constituiu neste momento não tinha nada de espontâneo e que a ele já haviam aderido um número significativo de oficiais, sub-oficiais e soldados.

---

<sup>31</sup> Krivine na esteira desse movimento, também perguntou-se se não deveria suprimir a palavra comunismo do nome de sua organização; pois essa palavra, segundo ele, está "agora completamente desacreditada". Eis, portanto, como os trotskystas, que não cessaram de apresentar no mundo inteiro a URSS e os países do Leste como sendo "estados operários degenerados", ajustaram o passo com a propaganda burguesa; mas que mudem, então, o nome de sua organização e desse modo se sentirão certamente melhor em sua pele, por outro lado isso desembaraçará o terreno. Chega-se de todos as maneiras a uma situação pelo menos cômica no que diz respeito aos trotskystas: essas pessoas que não cessaram de se fazer passar por mártires do stalinismo, que o sustentaram durante a segunda guerra mundial pondo então em anúncios, como os stalinistas e ao mesmo tempo que eles, o que lhes restava em comum no apelo: uma palavra, uma simples palavra, mas doravante para eles de significação muito pesada. Mas ao menos uma dúvida subsiste: será, pensam eles como bons democratas que são, que os "estados operários" estão em vias de se regenerar?

<sup>32</sup> As mídias ocidentais puderam debruçar-se desmesuradamente sobre o número de cadáveres provocados pelo golpe de força romeno sem, por outro lado, ficarem sobremaneira incomodados sobre o que o próprio campo ocidental estava em vias de perpetrar no Panamá.

Sob pretexto de luta contra a droga, o primeiro produtor mundial desse mesmo artigo se deu ao luxo de bombardear os bairros populares do Panamá fazendo, em silêncio pelo menos 4.000 vítimas.

De todo modo, os partidários da democracia tornaram-se "experts" na matéria.

Já no ano passado, enquanto centenas de informações eram incessantemente difundidas sobre os eventos da China, com toda a propaganda necessária para acompanhá-las, o silêncio foi cuidadosamente respeitado sobre as revoltas da fome que fizeram milhares de mortos na vitrine dos partidários da democracia, na "mais velha democracia da América Latina", cujo presidente, membro da internacional socialista, recebeu a visita, algumas semanas mais tarde, de seu caro colega Mitterrand: aqui nós queremos evidentemente falar da Venezuela.

Cada vez mais, no plano mundial, a simultaneidade da repressão, quer pelos stalinistas ou pelos democratas, torna-se moeda corrente. Isso demonstra de modo flagrante que todas as formas de dominação do capital sobre os explorados são visadas por revoltas cada vez mais freqüentes desses últimos.

A esse propósito pode-se lembrar as declarações do renomado ex-ministro da defesa, o general Militaru, afirmando sem o querer que a frente havia sido constituída vários meses antes da insurreição de dezembro.

Havia, então, na Romênia uma fração da burguesia que sentia muito bem que a situação tornava-se mais e mais explosiva a despeito de todas as afirmações das mídias ocidentais, que não pararam de nos apresentar um "povo romeno resignado", resguardando-se de lembrar que o proletariado, ele próprio, não é certamente "resignado".

Isso porquanto o movimento operário estava longe de ter estado inativo, sobretudo durante os últimos quinze anos.

Já durante o verão do ano de 1977 um forte movimento proletário irrompeu como reação principalmente contra a queda de salários e a supressão de certas "vantagens" sociais. Este movimento não foi em nada pacífico, aconteceram enfrentamentos violentos com a polícia. O movimento culminou com a entrada em greve dos 100.000 mineiros de Lupeni e de sua região. Os enfrentamentos tornaram-se quotidianos e o poder viu-se constrangido, pela boca de Ceausescu, vindo ao encontro dos mineiros, a seu pedido, cedendo às reivindicações: jornada de trabalho de 6 horas, aposentadoria aos 50 anos, reposição de migalhas antes consentidas e então suprimidas.

Mas, de fato, essas promessas não foram jamais cumpridas e os mineiros compreenderam muito rapidamente as intenções reais do poder capitalista: uma repressão impiedosa abateu-se sobre eles; o exército a partir de então esquadrinhou totalmente a região, um número significativo de mineiros foram deportados.

Em 1981 medidas de intensificação da exploração foram tomadas e novas greves estouraram sem no entanto atingir o nível daquelas de 77. No entanto Ceausescu pôde medir pessoalmente e às suas expensas até que ponto o "grande líder proletário", o "conductor", era apreciado nas fileiras operárias.

No outono de 83, por ocasião da introdução do salário por peças, a generalização das dispensas sem indenização, uma aceleração das cadências e novas medidas que engendraram uma penúria ainda mais forte de bens de consumo, greves estouraram em todas as minas do norte.

Em novembro do mesmo ano operários das fábricas de Brasov entraram também na greve. Estes últimos movimentos de reivindicações conduziram, como de hábito, a vagas promessas de satisfação e reais operações ultra repressivas.

Em 1987 o movimento culminará em Brasov e será muito duramente reprimido, quer pela "securitate" quer pelo exército, que nem mesmo pensou um só segundo, e isto é natural, em solidarizar-se com o proletariado.

É necessário também lembrar que aconteceram tentativas de organização de sindicato "livre", mas foram rapidamente massacradas na raiz. ..

Nessas condições compreende-se porque, frente a um movimento operário que retorna incessantemente à carga e ao qual a fração no poder não deixa sequer organizar um sindicato tipo Solidarnosc, que uma fração do capital na Romênia organizou-se para conter uma explosão proletária que se tornou quase inevitável.

Durante a insurreição de dezembro o proletariado não se manifestou enquanto tal; ele simplesmente seguiu as palavras de ordem democráticas e literalmente dissolveu-se no povo. O pequeno número de proletários que pegaram, renderam-nas à primeira injunção da "frente de salvação nacional".

E agora?

Eis aqui os dois exemplos significativos do que se passa no Leste.

Mas não devemos esquecer um terceiro: a URSS. Pois é exatamente desse centro imperialista que veio o sinal da reestruturação do capital no Leste.

A situação política na URSS é interessante sob vários aspectos. O que não significa em nada que ela seja inteiramente positiva para o proletariado. De todas as transformações que se produzem no Leste nesse momento há fortes chances de que a Rússia nos reserve a maior das surpresas.

A burguesia ocidental não cessa de apresentar a "luta" de Gorbatchev como uma luta sem trégua contra os "conservadores" do PCUS; apresentam particularmente Ligatchev como o chefe desses famosos conservadores que somente esperariam, "na moita", o momento adequado para eliminar a tendência reformadora.

Se pensamos que há uma fração da burguesia que efetivamente opôs-se ao programa reformador, não é ela quem procura por todos os meios fazer fluir a política atual. É necessário lembrar constantemente que é o centro imperialista russo que está na origem política das modificações no Leste e que existem razões imperiosas para isso. O Estado russo não foi surpreendido pelos eventos:

"Devemos entrar em pânico quando processos revolucionários tornam-se realidade? Fomos nós que os provocamos pela nossa política. Será que não os havíamos compreendido quando os discutimos? (...) Sim, e isto está conforme aos ensinamentos de Lênin, o socialismo se afirma através da democracia." <sup>33</sup>

No Leste como em outros lugares, encontramos a tendência geral da burguesia mundial na sua gestão política da crise que ela atravessa. Assim, num artigo intitulado "O novo tabuleiro político", o hebdomadário "Notícias de Moscou" após ter explicado o porque da "perestroika" e a necessidade de combater a "reação" nos diz o seguinte:

---

<sup>33</sup> Pravda de 21 de julho de 1989, citado por The Current Digest of the Soviet Press, Columbus, Ohio, de 23 de agosto de 1989.

"Mas a vitória da reação depende sobretudo do povo que deve estar ao mesmo tempo irritado e apático. Hoje os conservadores brandem a ameaça do caos e predizem um devir sombrio. Estas palavras de ordem visam persuadir os soviéticos sempre passivos da iminência do perigo e convencê-los que somente um poder forte (isto é, a ditadura) poderá salvá-los. Para levar a cabo esse movimento e torná-lo acreditável, é necessário um guia e uma palavra de ordem popular capaz de conquistar as massas.

Mas os conservadores-ortodoxos não têm líder e suas tentativas de encantamento tornam-se irritantes ou derrisórias. Eles não poderão seduzir o povo sem um novo apelo atraente e vivo.

Esperando, como já aconteceu algumas vezes na história mundial – mas pela primeira vez na URSS – as forças de direita entram abertamente no chauvinismo.

Esses movimentos nacionalistas, podendo chamar-se "Famiat" ou ter qualquer outro nome, utilizam todos o mesmo método. Paramentados no seu "sentimento nacional ferido", propagam o anti-semitismo (o que permite sair vitorioso), adicionando-lhe a democracia social, lançam de novo a palavra de ordem "pilhar os pilhadores!" (estes "pilhadores" são os cooperadores, os "negociantes atacadistas" e os especuladores). Eles nem mesmo hesitam em considerarem-se os únicos "partidos da ordem" que lutam contra a máfia, a anarquia e os outros inimigos da perestroika (entre os quais figuram também os conservadores e os reacionários, porquê não?). Após terem preparado o terreno, eles poderão assim passar à ação, cometer um atentado, um pogrom ou mesmo assassinar Kirov.

A chegada do nazismo russo ao poder conduzirá evidentemente a URSS à ruína. Quando, após um breve intervalo, esse regime ruirá, o país se assemelhará a Roma após a invasão dos bárbaros. Se o problema ecológico continuar a se agravar, conheceremos uma situação ainda mais catastrófica. Tal aventura destruiria o povo inteiro.

Enquanto criamos com uma grande lentidão nossas instituições democráticas, o poder atual se degrada muito rapidamente, e é este o perigo principal. O deslocamento da ossatura do sistema administrativo e da nomenclatura do partido acelerará esse processo, mas ao mesmo tempo toda tentativa de manter esse sistema conduzirá nosso país à beira da explosão.

A instauração de um regime presidencial oferece uma saída possível a esse impasse do poder. Essa solução corre o risco de trazer graves conseqüências. O presidente que dirigirá nosso país (ainda que o Estado de direito ainda não esteja formado) não poderá, de qualquer modo, ser comparável a seu homólogo dos Estados Unidos ou da França. Ele obterá de pronto um poder quase ilimitado. Não sabemos como ele utilizará esse poder. O exemplo do presidente Jaruzelski, que conduziu a Polônia à anarquia e ao totalitarismo, não nos incita ao otimismo. Eleito presidente em 1848, Charles Louis Bonaparte traiu, em seguida, a república para tornar-se Napoleão III. Devemos criar desde o primeiro dia as salvaguardas democráticas que impediriam o presidente de abusar de seu poder. Está claro que este posto será ocupado por Gorbatchev. O destino político (e pessoal também) do número 1 soviético é a perestroika. Ele segue sua linha estratégica e continua a cumprir sua missão histórica. Mas tem necessidade de apoio. A esquerda deve, de um lado cercá-lo de uma crítica democrática permanente e, de outro, defendê-lo contra os ataques da direita. Gorbatchev conseguirá, assim, proteger sua via e avançar.

Mas o perigo pode vir também da esquerda. Dois grandes reformadores da Rússia, Alexandre o Libertador e Piotr Stolypine, foram assassinados pela esquerda. Um terrível extremismo de esquerda (certos membros da "Narodnaia Volia", Vontade do povo e os bolcheviks) não permitiu, no início do século, edificar na Rússia uma sociedade civil. Essa possibilidade era real naquela época. Por sorte, atualmente, não temos extremismo de esquerda. O objetivo da intelligentsia democrática e liberal consiste em marginalizar e ridicularizar o terror e o extremismo de esquerda. Com efeito, "essas pessoas jovens e pálidas com olhos inflamados" tentam constantemente exprimir as tendências românticas e contam com a simpatia quase inconsciente da intelligentsia. Seria necessário simpatizar com aqueles que sufocam a liberdade mesmo que "de modo desinteressado" e "em nome da liberdade"? A confusão começou. Fizemos nossa escolha. A democratização do poder na Rússia é iminente. Ou bem as bases do novo regime serão lançadas, ou nosso país mergulhará na ditadura, ou seja no caos." <sup>34</sup>

Não se pode ser mais claro. Esse discurso, que não é muito recente na história mundial do capitalismo, é bem conhecido do conjunto dos revolucionários comunistas. No entanto, o que se afirma mais e mais nitidamente é que esse discurso tende a estender-se ao conjunto do sistema capitalista.

Na Rússia a "direita" estaria atijando, portanto, as tensões nacionalistas. É bem possível. Mas, quer se trate da direita ou da esquerda, é sempre o capital; é, portanto, uma simples divisão objetiva do trabalho das formas de opressão que está em questão aqui e indica que na Rússia, como em qualquer lugar, as questões programáticas que tratam da questão nacional e da mistificação democrática estão na ordem do dia para o proletariado.

É evidente, doravante, que a burguesia mundial joga plenamente a cartada fascismo/democracia no quadro da gestão de sua crise e que é a fração social-democrata a que está em vias de sustentá-la ao nível mundial. No caso da Rússia, há mais e mais advertências contra "o extremismo de esquerda" e nesses são claramente citados os bolcheviks.

Os social-democratas perestroikistas russos, deveriam, em seu "questionamento do stalinismo" ter uma vitalidade maior, mas eles se detêm, ao contrário aos vulgares montes de merdas (como J.F.Revel no fim de dezembro, onde Lênin seria o morto do ano), em assimilar Lênin a Stalin:

"O prestígio de Lênin, é o sucesso da perestroika, a prática de suas idéias, dos métodos que ele preconizava para superar as contradições." <sup>35</sup>

Como no conjunto da imprensa russa, a interpretação de Lênin com fins democráticos não traz qualquer dúvida.

---

<sup>34</sup> Notícias de Moscou, número 8 – 1990, pág. 07.

<sup>35</sup> Novos Tempos, número 7 – 1990, pág. 11.

Lênin é cada vez mais citado. Mesmo quando o centro gorbacheviano serve quotidianamente Lênin ao molho democrata, há atualmente uma forte tendência, no momento, em não arrastá-lo numa mesma miscelânea nauseabunda tal como a das mídias ocidentais. As mídias russas, nessa matéria, vão mais lentamente que suas cúmplices.

Em que isso poderia traduzir a existência na própria Rússia de forças politicamente sensíveis e hostis às tomadas de posições atacando mais frontal e principalmente, o período 17/23?

Parece, ao menos, que a burguesia russa não tem a mesma visão estreita da burguesia ocidental. Somente ela sabe, com pertinência, até onde ela foi na repressão da revolução e a quais resultados efetivos ela chegou.

Só a história futura do inevitável desenvolvimento das lutas proletárias na Rússia trará uma resposta sobre o estado presente da memória operária.

A situação econômica desastrosa que reina nesses países e os profundos movimentos de descontentamento tornam-se, portanto, passíveis de serem enquadrados por um programa. A perspectiva foi dada, já há cinco anos, pelo centro imperialista russo, que desencadeou ele próprio esse processo de reformas necessárias para o capital. Todos os movimentos que se produziram ou se produzem agora poderiam, por uma simples ordem do centro, serem literalmente massacrados pelos tanques, como o foram muitas e muitas vezes.

Assim fazendo, o Estado russo não renunciou necessariamente a tanto, e sequer momentaneamente, ao seu império. Apesar de um desenvolvimento extremamente rápido do nacionalismo e de uma oposição frontal do conjunto dos secessionistas, o exército foi enviado para derrotar a rebelião nacionalista em Baku e no conjunto do Azerbaijão. Paralelamente, as tropas foram deslocadas ao Cazaquistão, no Uzbequistão e no Tadjiquistão, onde revoltas fizeram centenas de mortos.

A Quirguízia e a Turcomênia não escaparam a esses movimentos.

A Ucrânia é vítima de um forte impulso nacionalista, tal como a Estônia, a Letônia, a Lituânia, a Moldávia e a Geórgia.

O centro imperialista russo não pode permitir-se perder qualquer dessas famosas repúblicas.

Mas em caso de intervenção do exército, este vai se encontrar face à oposição dos soldados, assim como de seus familiares contrários, como já se viu a propósito do Afeganistão e do Azerbaijão, à sua participação nos combates.

É essa a razão pela qual o imperialismo ocidental teme, no momento, uma expansão dos nacionalismos, pois uma intervenção do exército "vermelho" pode a qualquer momento desembocar no derrotismo revolucionário, principalmente na Rússia.

## CONCLUSÃO

Subsiste que os eventos em curso implicarão obrigatoriamente uma redistribuição das cartas à escala internacional e que nesse contexto global as ameaças de guerra far-se-ão sentir fortemente.

A perspectiva, agora muito próxima de reunificação da Alemanha é um exemplo flagrante.

Paralelamente, a "ajuda" que o FMI acabou de dar à Polónia, e que se apressa em conceder generosamente aos outros países da Europa do Leste, e as incidências diretas que a reestruturação capitalista vá ter sobre o proletariado desses países vão desembocar em violentas convulsões nas quais este será o ator principal.<sup>36</sup>

A situação na Europa do Leste e na Rússia implica, de fato, em tarefas enormes para os comunistas, não somente desses países mas do conjunto do mundo. A nova distribuição existente para o Leste vai liberar energias militantes que, após mais de 65 anos de contra-revolução impiedosa, terão uma necessidade imensa de materiais, assim como de discussões, necessários à reapropriação do programa comunista.

Nós não sabemos ainda com certeza quais são as forças autenticamente comunistas que existem na Rússia e a quais materiais puderam ter ou têm acesso.

O que sabemos, no entanto, é que a nova situação permite o estabelecimento de contatos com proletários interessados pelo programa comunista e que essa realidade implica tarefas e responsabilidades que certamente não são novas, mas mais extensas, da parte dos comunistas.

O conjunto dos comunistas do mundo inteiro vai se encontrar, com toda certeza, frente à maior crise que o capital sofrerá; a dureza, generalidade e a simultaneidade das

---

<sup>36</sup> Assim, no que concerne à Polónia, as estimativas mais pessimistas da burguesia avançam a cifra de 4.000.000 de novos desempregados no futuro.

A Alemanha Oriental também vai conhecer um período em que as supressões serão rigorosas; assim, a revista *Virtschaftswoche* de Dusseldorf em um texto intitulado "Nichtstun wird teurer", a propósito do nivelamento da economia da RDA com a da RFA, nos diz:

"É necessário, de início, aumentar a produtividade. Para isso as empresas têm necessidades de técnicas modernas, de uma melhor organização do trabalho e de medidas de incentivo para seu pessoal. (...) Em 1987 o valor adicionado por trabalhador foi de 75.000 marcos na Alemanha federal, enquanto na RDA foi de apenas 45.000. Assim, num Combinat, a produtividade de um operário ou de um empregado representa apenas 58% do de um trabalhador alemão ocidental. (...) Se a produtividade na RDA fosse a mesma da da RFA, hoje seria necessário devolver dois ativos sobre cinco. Para assegurar a mesma produção sua indústria manufatureira somente teria necessidade de 1,7 milhões de pessoas, contra 3 milhões atualmente. Dos 928.000 trabalhadores agrícolas, 607.000 não teriam mais necessidade de permanecer nos campos ou nos estábulos. E mesmo o setor da construção, considerado, no entanto, como um dos mais organizados, poderia renunciar a um terço de seus montadores de lajes e operadores das guas. Para o conjunto do país o número de empregos, atualmente de 8,6 milhões, poderia ser reduzido a 5 milhões." citado por *Problemas Econômicos*, número 2.

questões cruciais que vão se colocar ao proletariado vão pesar ainda mais sobre um movimento comunista extremamente fraco que, se ele responder tal qual a imagem do que é agora, irá à derrota.<sup>37</sup>

## O COMUNISMO E A QUESTÃO NACIONAL

### APRESENTAÇÃO

O retorno dos movimentos nacionalistas com força no mundo implica para os comunistas posições claras sobre o assunto.

A situação no Leste Europeu é o próprio exemplo do surgimento dessa questão de vida ou morte para o proletariado.

Os nacionalismos extremamente violentos fazem um retorno forçado a favor de um aprofundamento da crise e isso em um número importante de regiões, de países; essas manifestações nacionalistas, certamente, não fazem parte de um simples folclore inerente a esses países, mas mostram mais um ímpeto e um fervor cujas as massas proletárias duramente exploradas fazem parte integrante das principais forças atingidas por esses movimentos contra-revolucionários.

Seria em vão analisar em todos os detalhes o conjunto dessas forças. Uma obra inteira certamente não bastaria. Ao contrário, pensamos que convém, de uma parte, situar no seu contexto a aparição desses movimentos e, de outra, precisar, mais uma vez ainda, qual é a posição dos comunistas sobre a questão nacional, questão, como se vê, de uma atualidade gritante e que no mais está longe de ser integralmente partilhada pelo conjunto das fracas forças realmente comunistas espalhadas pelo mundo.

Evidentemente o nacionalismo não é o único obstáculo que já se ergue frente ao proletariado. Uma outra força, também perigosa, provém do fato de que a burguesia desses países vai jogar a fundo a cartada democrática e, através dela, tentar mergulhar os proletários, de modo duradouro, na massa do povo.

Não é a falta de experiência no domínio da mistificação que caracteriza a classe exploradora. A esse respeito as frações burguesas do Leste não estão atrás. Mesmo quando elas não têm sido avaras na repressão, quando precisamente a gritaria de camelô não basta

---

<sup>37</sup> É por isso que nós apelamos ainda uma vez ao conjunto dos grupos, organizações e indivíduos à única iniciativa que a nossos olhos, atualmente, é capaz de dar um pequeno passo, quer na colaboração das forças revolucionárias, quer na reapropriação/difusão internacional do programa comunista, como fazemos agora, participando da RIMC. Conquanto trate-se do B-A-BA, dizer que só a unidade internacional dos comunistas pode atingir a edificação do programa, forçosamente temos de constatar que entre aqueles que reivindicam o comunismo, o B-A-BA está longe de ser assimilado apesar das grandes declarações sobre a urgência da situação presente.

mais para governar, podem contar de todos as maneiras com as frações do Ocidente, as quais não se poupam para lhes levar um apoio bem merecido.

Quando se trata de "construir a democracia", o que não se faria. para mobilizar e doutrinar o proletariado mundial?

Todos os comunistas compreendem-no muito bem: a enorme campanha de lavagem cerebral que começou à escala do mundo inteiro para desacreditar o comunismo e por seu intermédio qualquer idéia de revolução proletária, visa em primeiro lugar a massa dos proletários do mundo que se acham cada vez mais acuados frente à intensificação da exploração do capital, à miséria.

Nos é dito mesmo que a miséria é a mácula do comunismo; e porque também não a exploração?

"Vocês podem ver bem: a revolução somente pode chegar à repressão que se sabe, ao estalinismo, a uma exploração feroz." A mistificação democrática está mais que nunca na ordem do dia para o capital; e aqui também os comunistas têm um papel importante a desempenhar, tanto no que concerne à lembrança dos princípios gerais sobre o assunto, como no aprofundamento desse tema no contexto de um período sinistro da história do movimento proletário.

A mistificação democrática. nesse contexto, vai de par com a ascensão do nacionalismo; o proletariado se encontra em face de uma ofensiva em regra da burguesia e deverá responder, se não quiser perecer, por intermédio de um desenvolvimento de sua ação baseada em um programa de classe.

Abriremos aqui, com a questão nacional, uma série de textos que tratarão diretamente dos grandes traços fundamentais do programa e aos quais o proletariado já se encontra confrontado nos fatos.

## **O QUADRO GERAL**

"Não se pode ter "burguesia nacional" progressista nos países coloniais e semi-coloniais pois essa é, na sua essência e na sua estrutura uma criação artificial do imperialismo. E por isso que, mesmo taticamente, não se pode sequer cogitar a defesa do "direito dos povos à autodeterminação", como em 1917, atrás do qual se refugia a "burguesia nacional: depreende-se dessa experiência desastrosa que quando o proletariado põe-se a defender "sua pátria", "a nação oprimida", ele chega a um único resultado, isto é, o de reforçar sua própria burguesia".

Esta tese, parte integrante do programa, está na origem de numerosos debates no seio dos comunistas ...e de numerosas cisões na história de seu movimento.

Estes debates foram desde o início extremamente rudes no seio do movimento. As diferentes posições adotadas sempre cristalizaram posições rigorosamente antagônicas a respeito das perspectivas e da ação da classe operária e tiveram efeitos determinantes na seqüência.

Mas antes de chegar no desenvolvimento da posição comunista sobre a questão nacional é necessário definir o quadro global desta.

A ideologia da luta de liberação nacional, vê-se na Rússia e nos outros países do Leste, se transforma em força material e reforça a divisão não somente no plano nacional do proletariado, mas também no plano internacional.

Após Marx, os comunistas fornecem uma análise baseada na periodização do modo de desenvolvimento capitalista ...e do movimento operário. A periodização do desenvolvimento do capital é um dado fundamental não somente para ter uma compreensão correta da gênese e da evolução do capital, mas também para determinar uma tática correta de partido na luta contra o capital segundo o período em que esta ocorre.

Na primeira fase, o capital aparece como sendo a força revolucionária capaz de pôr a baixo o sistema feudal. Ele faz-se, portanto, apoiar pelas forças revolucionárias do proletariado. Esse apoio era necessário pois o capitalismo liquidava a forma de produção anterior, a qual, em si mesma, havia se tornado um verdadeiro obstáculo ao seu próprio desenvolvimento. O capitalismo, por isso mesmo, liberava, portanto, as forças produtivas contidas no feudalismo ao liquidar sua superestrutura política, ideológica, religiosa, etc.

Ao fazê-lo, para desenvolver-se, o capitalismo devia estender-se a todo o planeta. Sua expansão seguiu-se, portanto, essencialmente por vias imperialistas que chegaram à colonização de territórios imensos pelo mundo. O capitalismo havia produzido e concentrado grandes massas de proletários que não podiam senão desenvolver a luta contra esse sistema de exploração. Se nessas condições o proletariado devia levar um apoio aos movimentos de emancipação dos povos colonizados era necessário fixar-lhe as modalidades, sobretudo quando se tratava das lutas de liberação nacional.

Ao fim dessa fase evidenciou-se que o capital havia, por todo o lugar onde tinha estabelecido sua esfera de dominação, estabelecido as relações de produção capitalistas.

Nessas condições tornou-se difícil, senão impossível, imaginar que tarefas burguesas fossem ainda revolucionárias.

Na segunda fase, o capital aparece totalmente pelo que é verdadeiramente: um sistema que vive unicamente para sua auto-conservação e que perdeu todo caráter revolucionário. Ele não vive senão na contra-corrente da história e engendra todo um cortejo de miséria e de morte. É a barbárie à vista descoberta, os massacres, as guerras para destruição das forças produtivas, o quinhão que acompanha e acompanhará inevitavelmente esse sistema que se tornou impiedosa e definitivamente contra-revolucionário. É uma força que está prestes a tudo para assegurar sua sobrevivência.

Se na fase revolucionária o capital havia gerado um grande número de teóricos que eliminaram radicalmente as idéias de direitos divinos, pode-se dizer que agora, e mesmo nesse plano, isto está acabado para ele.

Vê-se agora; o que o capital oferece aos proletários no seu mundo em crise não é senão a pálida cópia do que ele próprio destruiu amplamente antes. Pode-se ver a esse propósito o ressurgimento de movimentos religiosos, a "questão cultural", etc, etc.

Nessa fase o que está inscrito no programa do proletariado é, portanto, a destruição total do modo de produção capitalista assim como de sua estrutura estatal de dominação.

Em nenhuma zona do globo o programa poderá sofrer a menor distorção nessa orientação maior.

(A SEGUIR ...)